

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO: MESTRADO
Área de concentração: Fundamentos da Educação

A PROPOSTA EDUCACIONAL DE ROSVITA DE GANDERSHEIM
NO SÉCULO X

ZENAIDE ZAGO CAMPOS POLIDO BOVOLIM

MARINGÁ
2005
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO: MESTRADO

Área de concentração: Fundamentos da Educação

**A PROPOSTA EDUCACIONAL DE ROVITA DE GANDERSHEIM NO
SÉCULO X**

ZENAIDE ZAGO CAMPOS POLIDO BOVOLIM

**MARINGÁ
2005**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO: MESTRADO
Área de concentração: Fundamentos da Educação**

A PROPOSTA EDUCACIONAL DE ROSVITA DE GANDERSHEIM NO SÉCULO X

Dissertação apresentada por Zenaide Zago Campos Polido Bovolim, ao Programa de Pós-Graduação em Educação, Área de Concentração: Fundamentos da Educação, da Universidade Estadual de Maringá, como um dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientadora:
Prof^a. Dra.: Terezinha Oliveira

MARINGÁ
2005

**A PROPOSTA EDUCACIONAL DE ROSVITA DE GANDERSHEIM NO
SÉCULO X**

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dra. Terezinha Oliveira – UEM

Prof. Dr. Ivan Esperança Rocha – UNESP – Assis

Prof. Dr. Célio Juvenal Costa - UEM

16 DE DEZEMBRO DE 2005

Este trabalho é dedicado:

Á meu esposo,

Moacir Bovolim
companheiro que sempre me incentivou.

As minhas filhas:

Gisleine Bovolim
Grazielle Bovolim
Jaqueline Bovolim
A razão da minha luta nesta vida.

Aos meus pais:

Antonio Campos Polido
Helena Zago Campos
pela minha existência.

A minha professora:

Terezinha Oliveira
a grande responsável por esta vitória.

AGRADECIMENTOS

Reconheço que esta pesquisa não foi produto apenas do meu esforço. Muitas pessoas colaboraram, de alguma forma, para o êxito deste trabalho. Expresso meu profundo agradecimento a meu esposo e minhas filhas, porque demonstraram muita paciência e souberam compreender o motivo da minha ausência durante o período dedicado a este estudo.

Especialmente a minha orientadora Prof. Terezinha Oliveira, que durante o processo, com muita sensatez me apontou falhas e me mostrou o caminho que eu deveria percorrer. Suas indicações de leitura e o estímulo ao exercício da escrita, ajudaram enriquecer à minha formação humana e intelectual.

Estendo meus agradecimentos aos professores da banca examinadora, pela disponibilidade em ler está dissertação. As preciosas sugestões e observações que fizeram foram de enorme importância e ajudaram à complementar o trabalho.

Agradeço também toda equipe de professores e demais profissionais do curso de Pós-graduação em Fundamentos da Educação dessa instituição. O apoio oferecido por este programa tornou possível o desenvolvimento desta pesquisa.

Expresso meu muito obrigado a minha filha Gisleine Bovolim por ter pesquisado nas livrarias de Paris autores que estudaram e traduziram obras escritas por Rosvita de Gandersheim do latim para o francês.

BOVOLIM, Zenaide, Z. C. Polido. A PROPOSTA EDUCACIONAL DE ROSVITA DE GANDERSHEIM NO SÉCULO X. 165 f. **Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Maringá. Orientadora: Profª. Dra. Terezinha Oliveira. Maringá, 2005.**

RESUMO

A proposta deste trabalho é analisar as peças teatrais e um poema produzidos pela canonisa Rosvita de Gandersheim, que viveu no século X, no mosteiro de Gandersheim situado na Alemanha. Considera-se que essas produções foram importantes para a formação educacional das mulheres nobres e das religiosas que freqüentavam os mosteiros naquele século. Ela produziu suas obras em um momento marcado pela desconstrução do Império Carolíngio e pela consolidação do sistema Feudal. Durante o século IX e final do X assiste-se à migração dos povos do norte em direção ao Ocidente e, para se defender das invasões e das devastações, os homens protegeram com muralhas as partes habitadas dos grandes domínios e se aglomeraram no interior dos feudos. Com o isolamento, vê-se despontar nos grandes domínios o espírito de família. A mulher passou a exercer um papel fundamental na educação, uma vez que, na ausência do esposo, a ela competia a instrução dos filhos e a administração do feudo; no caso de religiosas, cabia-lhes a gerência dos mosteiros. Essa nova atuação feminina justifica, de nosso ponto de vista, as razões pelas quais Rosvita educou as mulheres e ensinou-lhes questões práticas do cotidiano e, como não poderia deixar de ser, os princípios morais e religiosos que norteavam a sociedade naquele momento. Seu papel foi importante não apenas pelo aspecto educacional. Ela retomou o teatro, que até então havia sido criticado pelos setores eclesiásticos e utilizou-o como instrumento pedagógico, para debater valores que estavam desaparecendo naquela sociedade. O modelo de suas peças teatrais foram as comédias latinas escritas por Plauto e Terêncio, autores pagãos da Antigüidade Grega. Embora tenha imitado o estilo terenciano, os conteúdos e os temas de suas peças teatrais eram totalmente cristãos. Ela utilizou seus amplos conhecimentos para inculcar o amor aos valores do cristianismo, retomando o pensamento dos primeiros teólogos cristãos e defendendo os mesmos princípios. Analisamos alguns autores desse período, como Paulo de Tarso, Tertuliano e Santo Agostinho, porque a compreensão de seu pensamento foi fundamental para a análise das peças teatrais de Rosvita, nas quais ela deu vida dramática a temas relacionados à preservação da castidade, à defesa do martírio, à fé na sobrevivência da alma após a morte, ao desprendimento dos bens materiais, à prática da caridade. Além da pregação religiosa, a autora recolheu algumas noções do *trivium* e do *quadrivium* e colocou seu público em contato com essa arte. Assim, ela uniu o saber pagão aos ensinamentos cristãos e buscou no saber herdado da Antigüidade clássica uma direção para a sua sociedade. Desse modo, para compreender o que Rosvita queria ensinar, foi necessário descrever o desenvolvimento histórico da religião cristã desde os primeiros séculos até o momento em que a autora produziu suas obras.

Palavras-chave: Rosvita de Gandersheim, Educação, Idade Média.

BOVOLIM, Zenaide Z. C. Polido. **THE EDUCATIONAL PROPOSAL OF ROSVITA DE GANDERSHEIM IN THE 10th CENTURY.** 165 f. Dissertation (Master in Education) – State University of Maringá. Supervisor: Dra.Terezinha Oliveira. Maringá, 2005.

ABSTRACT

The proposal of this research is to analyze the theatrical plays and a poem both produced by the canonisa Rosvita de Gandersheim that lived in the 10th century in the Gandersheim monastery in Germany. We consider these productions were important to the educational formation of rich women and religious women that took part of the monasteries at that century . She produced her work in a moment marked by the destruction of the Caroling Empire and by the consolidation of the Feudal system. During the 9th century and the end of the 10th century we watched the migration of the north peoples toward the occident and to defend themselves from invasions and the devastation. Men protected with walls the lived parts of the big domain and they agglomerated in the fief. With the isolation. We can see the family spirit come up in the big domain. The women started to have a fundamental hole in education once that the husband is absent she had to instruct the children and the administration of the fief; in case of the religious they had to take care of the monasteries. This new female action justify, from our point of view, the reasons for what Rosvita educated the women and taught them the practical everyday questions and how it could not let to be the moral and religious principles that steers northwards at that moment. Her hole was important not only by the educational aspect . She retook the theater that so far had been criticized by the ecclesiastic sectors and used it like a pedagogical instrument to debate the values that were disappearing at that society. The model of her theatrical plays were latin comedies by Plauto and Terêncio pagan authors of the Greek antiquity. Although She had imitated the Terêncio's style the contents and the themes of her theatrical plays were totally christian. She used her wide knowkedge to inculcate the love to the christian values, retaking the thoughts of the first christian theologians and defending the same principles. We analyze some authors of this piriod, like Paulo de Tarso, Tertuliano and Santo Agostinho, because the comprehension of their thoughts was fundamental to the analisis of Rosvita's Theatrical play in which she gave dramatical life to themes related to chastity preservation, defense of the martyrdom, to the faith to soul surviving after death, to the indifference of material properties, to the practice of the charity. Besides the religious preaching the author took some notions of the *trivium* and *quadrivium* and put her public in touch with this art. This way she joined the pagan knowledge to the christian teaching and she got from the inheried knowledge from the classical antiquity a direction to their society. This way to understand what Rosvita wanted to teach, it was necessary to describe the historical development of Christian Religion since the first centuries until the moment in which the author made her works.

Keywords: Rosvita de Gandersheim, Education , Middle Age.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
2. O CRISTIANISMO PRIMITIVO COMO BASE CULTURAL E HISTÓRICA DOS ESCRITOS DE ROSVITA	19
2.1. Cristianismo Primitivo.....	21
2.2. Paulo de Tarso.....	30
2.3. Tertuliano.....	34
2.4. Santo Agostinho.....	43
3. O PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DA EDUCAÇÃO MONÁSTICA.....	53
3.1. A trajetória dos mosteiros.....	54
3.2. Os primeiros filósofos escolásticos.....	63
3.3. A desconstrução do Império Carolíngio e a consolidação do sistema Feudal.....	72
4. VIDA E OBRA DE ROSVITA DE GANDERSHEIM	81
4.1. Breve comentário da vida de Rosvita de Gandersheim.....	82
4.2. O teatro: Instrumento pedagógico.....	89
4.3. Celebração do martírio.....	96
4.4. Defesa da virgindade.....	98
4.5. A beleza feminina.....	103
4.6. As disciplinas do <i>quadrivium</i> : Aritmética e Música.....	104
4.7. O conteúdo teológico.....	110
4.8. Pobreza e caridade: valores cultivados pelos cristãos.....	112
4.9. Os elementos da natureza.....	115
4.10. O cômico em suas peças.....	118
5. CONCLUSÃO	121
6. REFERÊNCIAS	124

7. ÍNDICE ONOMÁSTICO.....	128
8. ANEXO I	
Peça teatral: Conversion de la meretriz Taide.....	129
9. ANEXO II	
Poesia: Passion du saint et très précieux martyr contemporain Pélage, couronné à Cordoue.....	145
10. ANEXO III	
Poesia traduzida: Paixão do santo e muito precioso mártir contemporâneo Pelage, coroado em Córdoba.....	155

INTRODUÇÃO

Nesta dissertação, utilizando como fonte principal de análise obras escritas no século X por Rosvita de Gandersheim, temos como objetivo detectar alguns elementos educacionais que contribuíram para a alteração das idéias, do comportamento e dos costumes dos homens naquele século.

Partimos do pressuposto de que a compreensão destes elementos elucidada as relações entre a educação cristã e as mudanças sociais ocorridas naquele momento, marcado pela desestruturação do Império Carolíngio e pelo início das relações feudais.

A importância dos escritos dessa canonisa reside na originalidade com que ela retomou o pensamento de autores clássicos da Antigüidade, principalmente o teatro pagão, tão criticado e condenado pela Igreja e por seus quadros teóricos. Ao fundamentar suas peças e seus ensinamentos em escritores clássicos greco-romanos, em padres da Igreja, na Escritura Sagrada, especialmente o Novo Testamento, ela transpôs para o seu tempo valores sociais que estavam se perdendo, tornando-se, assim, uma autora inovadora.

Neste trabalho sobre a canonisa Rosvita, serão utilizadas como fontes suas peças teatrais, traduzidas para o português por Jean Lauand e para o espanhol por Andrés José Pociña López, além dos poemas traduzidos do latim para o francês por Monique Goulet. Estes tradutores, foram também fundamentais para que pudéssemos compreender e conhecer melhor alguns aspectos da obra dessa religiosa e autora literária.

Uma vez que suas obras são fortemente influenciadas por autores antigos, pagãos e cristãos, considera-se necessário expor os resultados de um estudo sobre os escritos de alguns teóricos da Antigüidade e do Medievo, que viveram séculos antes dela e a influenciaram. O objetivo deste estudo foi entender o lugar que eles ocuparam em seus textos e como ela se apropriou do conhecimento clássico antigo e medieval. Para representar o período caracterizado como Antigüidade cristã selecionamos os seguintes teóricos: Paulo de Tarso, Tertuliano e Santo Agostinho. Essas leituras chamaram-nos a atenção para o fato de que, muitas vezes, para transmitir a doutrina cristã e justificar seus discursos, esses pensadores cristãos retomaram elementos da cultura grega.

Considera-se necessário também expor os resultados de um estudo sobre a época em que viveram esses autores. Durante os séculos que eles representaram, em função da fusão entre dois povos: os que migraram do norte e os romanos, foi despontando, aos poucos, uma nova sociedade. De um lado, os grupos que se estabeleceram no território romano formaram uma classe social com leis, costumes e mentalidades diferentes. De

outro, em meio à desordem e às invasões, os povos que vieram do norte incorporaram muito do que o Império Romano deixou, sobretudo, a cultura.

Estudar o que ocorreu na seqüência desse período foi também fundamental para nossa análise. Assim, mostraremos a importância da Regra de São Bento para organizar a vida dos monges no interior dos mosteiros. Vamos destacar a importância dessas instituições como locais de preservação da cultura e da transmissão do saber antigo e cristão. Não podemos deixar de destacar autores como Boécio, que viveu durante o século VI, e Alcuíno no século IX. Estes pensadores inquietaram-se com a falta de conhecimento dos seus ouvintes, com o ensino, com o conhecimento filosófico e com a preservação da cultura antiga.

A discussão desses dois núcleos de autores, os antigos e os da Alta Idade Média, é de fundamental importância para se entender os textos de Rosvita, uma vez que, nas obras da canonisa, reflete-se a necessidade que ela teve de buscar um recurso pedagógico diferente para ensinar o modo de ser cristão e o saber. Assim, ela retoma o teatro, e suas peças desempenham um papel importante no processo educativo, porque ela trata de temas que considera relevantes para a formação das religiosas e das mulheres que freqüentavam os mosteiros. Ao nosso ver ao retomar o modelo literário do teatro pagão produzido por Terêncio durante a Antigüidade clássica, ela se torna uma autora original.

Como referencial teórico da análise das obras de Rosvita, temos a idéia de que sua interpretação passa pela compreensão da história. É essa concepção que nos possibilita entendermos as razões pelas quais Rosvita foi buscar em séculos passados uma referência para ensinar no seu presente. Mas isso não implica uma proposta de análise contextual de caráter genérico e atemporal. Não faremos um estudo no qual dez séculos de história estarão presentes (século I até século X), mas um recorte com base nos autores desse longo período que foram retomados por Rosvita. A organização de aspectos teóricos e contextuais tem, portanto, a função de focalizar o objeto específico do trabalho: os escritos de Rosvita no século X.

Para fundamentar a pesquisa levamos em consideração as reflexões de vários historiadores medievalistas, como François Guizot, Marc Bloch, Georges Duby, Etienne Gilson, Jaques Le Goff, Peter Brown, entre outros. Como autoridades medievais, eles mostram que o desenvolvimento do cristianismo, a organização da Igreja e o estabelecimento do regime feudal refletiram e construíram, concomitantemente, a sociedade medieval. A

historiografia nos permite retomar informações fundamentais para que possamos entender como as instituições, os costumes, a luta política e a economia interferiram no quadro social do século X.

Os escritos dos historiadores contemporâneos contribuíram para que tivéssemos uma noção dos fatos do passado, livres de qualquer preconceito com relação aos períodos estudados. Como nosso objeto de pesquisa é a composição teatral de Rosvita de Gandersheim no século X, a compreensão dos acontecimentos anteriores nos ajudou a mostrar que ela estabeleceu um diálogo com o passado, com o conhecimento da humanidade antiga e, desta forma, garantiu uma certa continuidade da tradição antiga.

Segundo Le Goff, [...] “na história das civilizações, como na dos indivíduos, a infância é decisiva. E muito, senão tudo, ali se decide. Entre os séculos 5º e 10º, nascem modos de pensar e de sentir, temas e obras que formam e informam as futuras estruturas das mentalidades e das sensibilidades medievais” (LE GOFF, 2005, p.107). Mesmo que essas tenham sido épocas distantes e com culturas diferentes percebem-se os nexos entre a herança cultural pagã e a literatura cristã.

De acordo com Le Goff, por diversas vezes as elites intelectuais cristãs sentiram a necessidade de voltar às fontes antigas. Segundo ele, [...] “a atitude fundamental foi fixada pelos pais da Igreja e perfeitamente definida por Santo Agostinho ao declarar que os cristãos deviam utilizar a cultura antiga assim como os judeus tinham usado os despojos dos egípcios” (LE GOFF, 2005, p.108). Nesse sentido, nossa hipótese é de que Rosvita luta com os instrumentos que possui, ou seja, com o conhecimento da cultura greco-romana e cristã para conservar os princípios e os valores defendidos pelos primeiros teólogos.

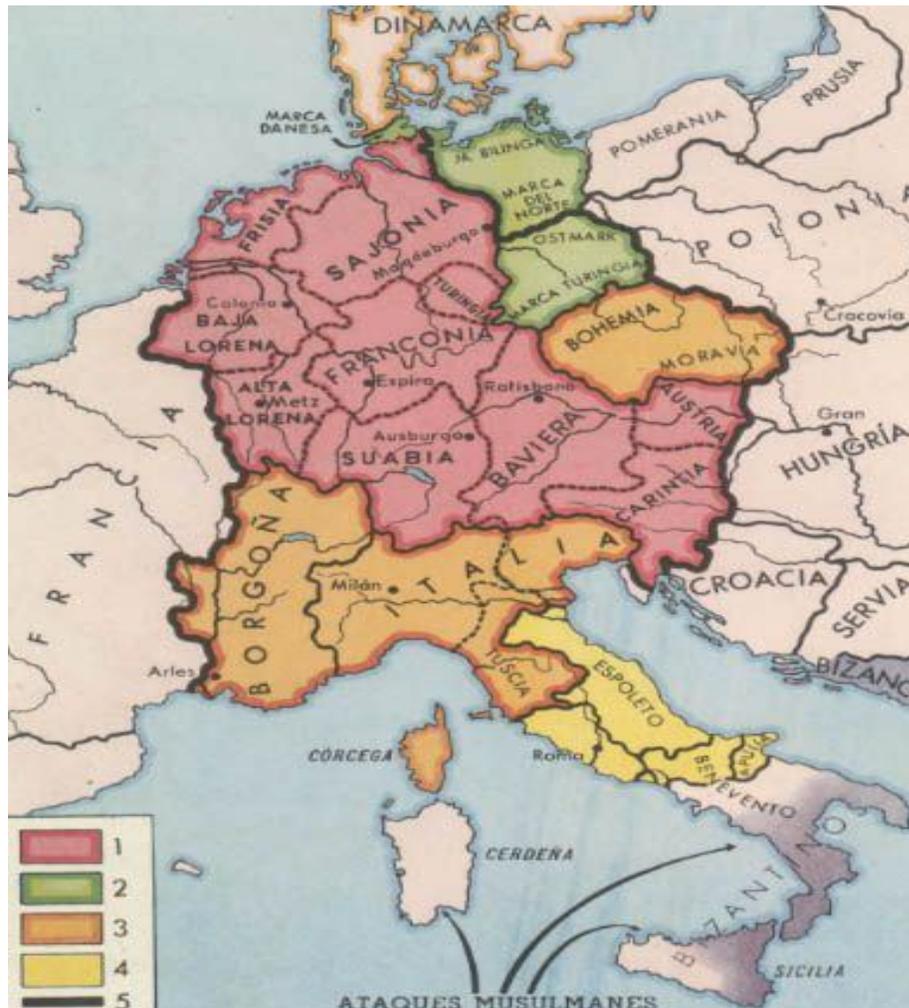
Nesta introdução, considera-se necessário ainda expor alguns dados sobre a descoberta dos escritos de Rosvita, bem como sobre o mosteiro em que viveu e sobre seu nome. Foi no mosteiro de Gandersheim, situado na Alemanha, no Reino Germânico Saxônico, nome da França Oriental a partir de 911, que Rosvita passou a maior parte de sua vida. Segundo Pautrat, as suas obras originais, escritas em latim, foram encontradas casualmente em janeiro de 1494 pelo humanista alemão Conrad Celtis, que, em 1501, publicou uma edição completa delas (PAUTRAT, 2002). Pode-se afirmar, portanto, que, após sua morte, ela permaneceu esquecida por mais de cinco séculos.

Sobre seu nome chama atenção a enorme quantidade de formas e ortografias diferentes adotadas pelos estudiosos de suas obras, segundo as edições e a língua própria de cada um. Segundo Bernard Pautrat, existe pelo menos 22 denominações de seu nome, entre eles podemos encontrar variadas formas como, “*Hrotswitha, ou Roswitha, ou Hrosvitha, ou Hrotsvit*” (PAUTRAT, 2002, p. 07). Neste trabalho optamos por adotar *Rosvita*, considerando que esta é a forma que mais se adapta ao sistema ortográfico do português.

De acordo com Andrés López, as informações sobre seu nome são transmitidas por ela mesma no “Prefácio” do livro onde se encontram os dramas, quando o denomina em latim de *Clamor Validus Gandeshemensis*, que pode ser traduzido como “*O Grito Enérgico de Gandersheim*”. Para López, embora este não seja seu nome próprio de batismo, pode refletir a personalidade da autora. Ele afirma ainda que Peter Dronke e Maria Milagros Rivera Garretas coincidem ao admitir que esse nome foi assumido pela própria autora como expressão de uma missão profética à qual ela foi chamada. O tema *Clamor Validus* é a tradução do nome *Hrotsuith*, que deriva do saxon antigo *Hrôthsuith*. Estes autores apontam ainda que este nome está relacionado com o nome *ego uox clamantis*, nome este utilizado por São João Batista (LÓPEZ, 2003, p.8-9).

Quanto ao sobrenome *Gandersheim*, ela o teria adotado provavelmente porque entrou ainda adolescente nesta rica e potente abadia, que se conserva até hoje no mesmo local. O mosteiro foi fundado no ano de 852, pelo duque da Saxônia, Ludolfo, bisavô do Imperador Oto I. Os Otônidas, no século X, contribuíram para o fortalecimento do *Sacro Império Romano-Germânico*. Os territórios indicados no mapa mostram como estava instaurado o Império germânico dos Otônidas.

IMPÉRIO GERMÂNICO DOS OTÔNIDAS



Disponível em <http://www.pais-global.com.ar/mapas/mapa23.htm>

LEGENDA:

- 1) Território da monarquia germânica antes de Oto;
- 2) Marcas fronteiriças entre os Eslavos;
- 3) Territórios imperiais em Bohemia, França e Itália;
- 4) Estados protegidos pelo Império germânico;
- 5) Limites do Império Otônida.

No ano 962, Oto I, o Grande, foi coroado Imperador e, encontrando forte apoio no papado, construiu com ele uma aliança que fortaleceu a união entre a Igreja e o poder temporal. Em Gandersheim, que estava fortemente ligado à aristocracia e depois ao governo Imperial, as [...] “abadesas eran elegidas a menudo entre miembros

de la família reinante” (LÓPEZ, 2003, p.11). Esta rica e potente abadia de Gandersheim era dirigida pela abadessa Gerberga, parente da família Otônida.

Com estas breves informações sobre Rosvita, podemos retomar nossas considerações sobre suas obras. Queremos destacar sua importância para se entender o processo educativo que se organiza no mundo medievo do Ocidente no século X. Neste período, os intelectuais tiveram duas importantes missões: preservar a herança cultural e transmitir conhecimentos aos povos iletrados. De nosso ponto de vista, este é o caso de Rosvita, a qual, ao mesmo tempo em que cumpriu sua função pedagógica, reintroduziu no Ocidente a composição teatral que tinha sido esquecida por muitos séculos. Assim, vemos que, além de exaltar os ideais religiosos, ela transmitiu aos ocupantes dos mosteiros ensinamentos mínimos sobre a civilização clássica e sobre as artes liberais o *trivium* (Gramática, Retórica e Dialética) e o *quadrivium* (Aritmética, Geometria, Música e Astronomia).

Portanto, para analisarmos sua produção, como já mencionamos anteriormente, é necessário compreender como seu deu o florescimento do cristianismo primitivo e acompanhar o pensamento dos primeiros Padres da Igreja, importante teólogos que aplicaram ao Cristianismo algumas características espirituais que faltavam no conteúdo religioso e moral do paganismo tardio. Essa retomada compõe o primeiro capítulo, no qual pretendemos mostrar a relação entre a nova doutrina religiosa que emergia, o cristianismo, e as correntes filosóficas greco-romanas. De acordo com Paratore, essas correntes filosóficas tinham alguns pontos em comum com o cristianismo.

[...] o ideal da renúncia, o culto da castidade e da pureza interior, o desinteresse pelos valores da vida prática, o amor pela virtude, o aborrecimento da violência e da passionalidade desenfreada, o sentido do pecado, inculcado pelos inumeráveis rituais místicos, a fé numa divindade inefável, transcendente, da qual dependia a vida do cosmos e do homem, a aspiração a elevar-se a contemplar, como o ímpeto de todo ser, a majestade sobre-humana da essência divina, esforçando-se por conformar a própria vida íntima espiritual aos seus modos: mas o que permanecia incompreensível aos sábios pagãos era o fervor desorientador com que os mártires cristãos se exortavam mutuamente a enfrentarem juntos o martírio e o sofriam com um arroubo de heróica dedicação coletiva (PARATORE, 1983, p. 845)

A nova mensagem cristã trouxe, em seu conteúdo religioso, um ideal de vida mais transcendental. Entre os membros da nova fé, princípios de fraternidade e o exemplo do sacrifício que Jesus praticou por toda a humanidade em nome de um amor, é o fermento que provoca reviravoltas por vários séculos. (PARATORE, 1983). Esta concepção mística do cristianismo se firmou graças ao empenho de alguns autores cristãos, como o Apóstolo Paulo de Tarso (Séc.I), Tertuliano (Séc.II-III) e Santo Agostinho (Séc.IV-V). Esses autores, nos seus debates teóricos, vivenciaram as transformações históricas que caracterizaram esses diversos momentos e souberam filtrar do conhecimento que possuíam da tradição romana uma retórica para a defesa da fé cristã.

Segundo Brown (1972), lançando mão da cultura intelectual helênica, o cristianismo buscava segurança para sua universalização. Em função das crises internas ao próprio Império e das migrações de hordas nômades, foram se agregando novos valores às crenças religiosas então existentes. A antiga religião dos deuses principiou a ser questionada e as antigas correntes filosóficas foram substituídas por uma fé não racional. A nova fé avançava, os costumes, as leis e as crenças religiosas eram discutidas, construindo-se, então, uma religião fundada na revelação divina. “Não surpreende, nestas condições, que pagãos e cristãos lutem tão violentamente, através do século IV, por saber qual devia ser a verdadeira *Paidéia*, a verdadeira educação, se a literatura, se o cristianismo; ambos os partidos esperavam salvar-se mediante a educação” (BROWN, 1971, p.34).

A pregação doutrinária baseava-se na palavra de Cristo, e era profundamente diferente dos valores cultivados pela tradição romana. Segundo Cardoso, “[...] os cristãos, em suas reuniões rituais, oravam, cantavam, ouviam pregações, homilias e leitura” (CARDOSO, 2003, p. 180). Sua vida estava, assim, voltada para o entendimento e o conhecimento do texto bíblico, o qual iria modelar o seu novo modo de vida, centrado na espiritualidade.

No segundo capítulo, levando-se em consideração que Rosvita viveu em Gandersheim, um mosteiro da ordem beneditina, realizaremos uma análise sobre o papel destes centros do saber em dois momentos específicos do medievo. O primeiro diz respeito ao século VI, quando da fundação do mosteiro de São Bento e da difusão da Regra, instrumento necessário e fundamental para organizar a vida dos monges. O

segundo refere-se aos fins do século IX e início do X, momento em que, no contexto de reforma da vida monástica e da fundação do mosteiro de Cluny, Rosvita escreveu sua obra literária.

Torna-se imprescindível compreender o modelo de vida contemplativa nos conventos e o princípio do trabalho manual e intelectual concebido por São Bento como fundamento da sua Regra. Consideramos importante mencionar o modo de vida que os monges ocuparam nestes espaços, porque Rosvita viveu em um mosteiro que adotou a Regra da ordem beneditina. Em várias passagens de suas peças, ela dá exemplos do quanto é necessário afastar-se da vida mundana, dedicar-se às verdades divinas e buscar um maior entendimento da fé para alcançar a conversão. Assim como a Igreja, os mosteiros desempenharam um importante papel na educação medieval.

Destacamos ainda nesse capítulo a importância de educadores como Boécio e Alcuíno, que se preocuparam em conservar o conhecimento. Lauand afirma que Boécio [...] “assume a tarefa de selecionar, traduzir, dar em forma de bê-a-bá os grandes tesouros culturais da Antigüidade” (LAUAND, 1986, p.23). Vamos observar que os problemas do período de Rosvita guardam certa semelhança com os problemas que Boécio e Alcuíno¹ enfrentaram, por isso seus textos estão carregados dos conhecimentos das disciplinas do trivium e do *quadrivium*, dos quais ela destacou a música, a astronomia e a aritmética.

Por fim no terceiro capítulo trataremos mais especificamente da vida dessa canonisa e de algumas de suas obras. Faremos uma pequena introdução sobre alguns aspectos importantes relacionados à formação religiosa e cultural que concebeu no mosteiro de Gandersheim em meio à corte otônida, onde se encontravam renomados autores literários. Posteriormente, vamos apresentar partes de seus escritos destacando os principais temas discutidos pela autora. A celebração do martírio, a defesa da virgindade, o conhecimento das artes liberais, o ensinamento de valores morais e religiosos serão os pilares que amparam o seu discurso nas peças. Pretendemos mostrar como Rosvita considerava importante orientar as damas do seu tempo, mostrando para elas exemplos e modelo de comportamento.

¹ No momento em que Rosvita escreveu suas obras o Ocidente sofrera novas ondas de migrações como as dos Normandos e dos Vikings. Além disso, do Império Carolíngio restaram alguns poucos resquícios. O sistema feudal ainda não havia se constituído e se apresentava apenas como uma tendência de organização das relações sociais.

Neste momento, o desafio de Rosvita é salvar e transmitir alguns valores clássicos para aquelas mulheres que viviam no mosteiro. A autora coloca suas ouvintes em contato com o saber. Inspirada em valores morais e religiosos ela busca dar uma direção para os homens do século X. Nesse sentido, é o seu exemplo de mestra, de pedagoga, de mulher inquieta com os problemas de sua época, que nos permite entender um pouco mais da história da educação no Ocidente medievo.

CAPÍTULO I

O CRISTIANISMO PRIMITIVO COMO BASE CULTURAL E HISTÓRICA DOS ESCRITOS DE ROSVITA

Uma das características dos pensadores cristãos foi buscar, nos escritos gregos e romanos, o saber que consideravam necessário ou interessante preservar e transmitir. Assim, os textos antigos, no decorrer do tempo, foram sendo adaptados e utilizados para justificar a fé cristã. Em acordo com esta tendência e com as necessidades e preocupações de seu momento, Rosvita contrapôs-se à forma negativa como o teatro vinha sendo rechaçado no medievo ocidental e, por meio dele, uniu o saber antigo aos ensinamentos cristãos.

Uma vez que Rosvita defendia os mesmos princípios do cristianismo primitivo, ou seja, dos primeiros teólogos cristãos, vamos retomar esse pensamento em correlação com os importantes acontecimentos que estavam ocorrendo no mundo romano nos primeiros séculos da era cristã, principalmente os resultados das constantes migrações e invasões. De nosso ponto de vista, Rosvita também viveu, no século X, um momento bastante conturbado da história, e exatamente por isso retomou esses autores.

Quando ela escreveu suas peças teatrais, a sociedade passava por importantes transformações gerais que alteravam o modo de pensar e agir. A partir do século IX, o mundo carolíngio tinha sido assolado por invasões, cujo resultado foi um retrocesso em seu desenvolvimento intelectual. O ensino, o saber, a crença, a moral e os costumes estavam se perdendo. A impressão era de que a sociedade tinha voltado aos tempos em que os povos do norte conquistavam a civilização romana. No entanto, segundo Thierry, o transcorrer do século X mostrou que a fusão das raças deu vida a um novo estado social. Nos grandes espaços de terra inculta, multiplicaram-se, cada vez mais, agricultores, artesões e escravos que se tornaram servos da gleba, sob a influência dos costumes germânicos.

Estes prevaleceram definitivamente e da sua vitória saiu o regime feudal, isto é, uma nova forma de Estado, uma nova constituição da propriedade e da família, o desmembramento da soberania e da jurisdição, todos os poderes públicos transformados em privilégios

dominiais, a idéia de nobreza vinculada ao exercício das armas e a de ignobilidade à indústria e ao trabalho (THIERRY, 2005, p.90).

Com a desestruturação do Império Carolíngio, assistimos ao surgimento de um novo quadro social, o início das relações feudais. Nesse momento, as lutas diminuíram, a população se aglomerou nos campos sob o domínio de um senhor, os servos encontraram condições para formar uma família: “[...] foi sob seu império que o isolamento da servidão cessou no campo, substituído pelo espírito de família e de associação, e à sombra do solar senhorial formaram-se tribos agrícolas destinadas a se tornarem a base de grandes comunidades civis” (THIERRY, 2005, p.92-93). A organização das famílias no interior dos feudos propiciava condições para o desenvolvimento de novas relações sociais, produzia laços de sentimentos mais afetivos, mudava hábitos, valores e costumes que até então pareciam imutáveis. Em suma, alterou-se o modo de vida dos habitantes, que foram despertados para laços familiares mais intensos.

Como cristã e educadora, Rosvita procurava dar um novo enfoque à educação. O teatro, que até então era visto como pecado, tornou-se com ela um instrumento de aprendizagem, por meio do qual, fundamentada no conhecimento que possuía dos autores cristãos e da antigüidade clássica greco-romana, ela ensinou os valores e doutrinas da religião cristã, como a fé, a caridade e o desprendimento dos bens materiais. Ao mesmo tempo, ensinou noções de matemática e música, cujo objetivo era o desenvolvimento da capacidade reflexiva e da habilidade para tratar questões práticas do cotidiano. Convém observar que, em seus dramas, ela enaltecia a virgindade e orientava as meninas dos mosteiros a seguirem o modelo de Maria, além de destacar que, por meio do martírio, o cristão estaria imitando o modelo de vida de Cristo.

Pressupondo que essa inovação nos ensinamentos teve origem remota na forma como os primeiros teólogos cristãos uniram a cultura greco-romana com a doutrina cristã e considerando as transformações sociais ocorridas nesse período, analisaremos a concepção de educação proposta pelo Apóstolo Paulo, por Tertuliano e por Santo Agostinho, os quais viveram durante os primeiros séculos do cristianismo.

O Apóstolo Paulo foi contemporâneo de Cristo e o primeiro a assumir a missão de transmitir os ensinamentos de Jesus. De acordo com suas orientações, o modelo de educação passava pela imitação de Cristo, ou seja, o homem deveria imitar aquilo

que Jesus ensinou por meio de seus atos e palavras. Portanto, em seu modo de agir e de viver, os homens deveriam vencer os vícios que degradavam o mundo. Ele sugeria a prática da caridade, da bondade, da fidelidade, da modéstia e da castidade. Mesmo sendo de uma época distinta, os escritos de Rosvita veiculam mensagens semelhantes.

As obras escritas por Tertuliano durante o século III também oferecem elementos que podem ter influenciado a formação do pensamento de Rosvita. Ele lutava contra as heresias e as perseguições contra os cristãos. Sua defesa da fé era fortalecida pela admiração dos mártires que morreram para ir ao encontro de Jesus. Em termos semelhantes, na peça *O martírio das santas virgens Fé, Esperança e Caridade*, a personagem Sabedoria, que é a mãe, conduz as filhas a se entregarem à morte em defesa da fé, imitando o exemplo de Cristo na busca da santificação. Quando Sabedoria, cheia de força e determinação, aconselha as filhas a aceitarem o martírio, afirmando que isso deveria servir de modelo e exemplo a ser seguido pelos cristãos, está expressando esses ensinamentos defendidos por Tertuliano.

Os escritos de Santo Agostinho, do século IV, também oferecem elementos que Rosvita parece ter utilizado para compor suas obras. A maior preocupação de Santo Agostinho, segundo estudiosos, consistia em orientar o comportamento dos homens por meio da razão e da fé, difundir a mensagem cristã e, retomando os princípios da filosofia platônica, discutir questões referentes ao corpo e à alma. Rosvita, ao utilizar o teatro como apoio didático e pedagógico, inclui em seus diálogos essas discussões. Ela afirmava que o homem, assim como a natureza, tinha sido criado por Deus e foi formado de corpo e alma. No entanto, a alma, ao contrário do corpo, não era mortal.

A seguir, iremos destacar como cada um desses autores, representantes do pensamento cristão primitivo em diferentes momentos, souberam apropriar-se do saber antigo para transmitir e defender a doutrina cristã, apresentando uma nova concepção de mundo e contribuindo para a formação tanto dos homens do seu tempo como das gerações futuras.

2.1 - CRISTIANISMO PRIMITIVO

Os primeiros séculos da era cristã, marcados por constantes migrações e invasões, tornavam a vida do homem insegura e economicamente difícil. O Império Romano vivia uma profunda crise e a estrutura descentralizada do poder passava por

importantes transformações. Formavam-se numerosos reinos bárbaros, que traziam consigo seus usos e costumes.

[...] coexistem em seu seio todas as formas, todos os princípios de organização social; n'ella se confundem e se amontoam o poder espiritual e o temporal, os elementos theocrático, monárquico, aristocrático e democrático, as classes todas, as situações sociais todas; notam-se ne'ella graus infinitos na liberdade, na riqueza e na influência. Lutam constantemente entre si estas forças diversas, e nenhuma consegue dominar as outras e apoderar-se exclusivamente da sociedade (GUIZOT, 1907, p.58).

As instituições romanas encontravam-se fragilizadas, destituídas de poderes, não conseguiam responder às dificuldades desse novo tempo e nenhuma delas conseguia estabelecer a ordem. Segundo Guizot, coexistiam no seio dessa sociedade diversas formas de organização: a realeza, as instituições aristocráticas e as assembléias de homens livres, todas lutando constantemente entre si pelo poder, mas nenhuma conseguindo impor o seu domínio na sociedade. Por toda parte encontrava-se a dissolução “[...] o caos de todos os elementos, a infância de todos os sistemas, um tumultuar universal em que nem sequer há luta permanente e sistemática” (GUIZOT, 1907, p. 96).

A causa principal desse caos eram as constantes mudanças e a inexistência de leis que regulamentassem e fixassem a ordem. Os princípios que norteavam a sociedade estavam se desestruturando. Por toda parte encontravam-se diferentes línguas, culturas, religiões e raças. Os problemas internos eram muitos: miséria, guerra, fome e insegurança afetavam a vida em sociedade, produzindo um terreno fértil para a propagação de novos valores sociais e para a apresentação da figura de Cristo como modelo educacional.

A comunidade cristã vem, repentinamente, ao encontro dos homens que se sentem desamparados. Numa altura de inflação, os cristãos investem largas somas de capital líquido no povo; num tempo de crescente brutalidade, a coragem dos mártires cristãos é impressionante; durante as calamidades públicas, como as epidemias ou as sedições, o clero cristão é o único agrupamento unido da cidade que trata do enterro dos mortos e organiza os socorros alimentares (BROWN, 1972, p.72).

Assim, novas questões foram colocadas pela doutrina cristã em relação às crenças, aos valores e à moral. Brown esclarece, ainda, que, além desse gesto de “benevolência” da Igreja cristã, ela se distinguia e aumentava sua importância devido

ao rigorismo da sua vida interior (BROWN, 1972). Pregava-se uma mudança nos costumes e no comportamento que apontava para uma nova concepção de mundo baseada na fé em Cristo.

De acordo com Guizot, a sociedade cristã, nos seus primórdios, apresentava-se como uma associação de regras, de disciplinas e de doutrina essencialmente religiosa, baseada em crenças e sentimentos comuns, que eram pregados pelos apóstolos em diversas comunidades cristãs.

As congregações particulares estavam, na verdade, bastante isoladas; mas tendiam a se reunir, a viver sob uma fé, sob uma disciplina comum; é o esforço natural de toda sociedade que se forma; é a condição necessária do seu crescimento, da sua consolidação. A aproximação, a assimilação de elementos diversos, o movimento para a unidade, tal é o curso da criação. Os primeiros propagadores do cristianismo, os apóstolos ou os seus discípulos, conservam aliás, sobre as próprias congregações das quais se afastavam, uma certa autoridade, uma supervisão longínqua, mais eficaz. Tinha o cuidado de formar, ou de manter, entre as igrejas particulares, laços não somente de fraternidade moral, mas de organização (GUIZOT, apud OLIVEIRA, 1999, p.12).

Nessas diversas comunidades religiosas, isoladas uma das outras, competia aos apóstolos transmitir a seus discípulos os princípios da doutrina cristã. Ainda segundo Guizot, nos primeiros tempos, os cristãos se reuniam porque compartilhavam as mesmas convicções religiosas. Eles ensinavam e pregavam princípios morais, religiosos e de conduta importantes para a organização da sociedade (GUIZOT, 1907); à medida que a sociedade romana se desintegrava, o cristianismo assumia gradualmente o papel de dirigente do mundo.

Para lutar contra o caos instaurado na sociedade, o cristianismo propunha uma formação, cujos princípios sustentavam-se no Evangelho e na força do poder espiritual. Os ideais de caridade, solidariedade e igualdade estruturavam um tripé que alimentava os valores fundamentais da doutrina cristã. Ou seja, buscava-se formar um ser humano mais espiritualizado e caritativo, estabelecendo-se uma profunda revolução educativa. De acordo com Cambi, houve uma inversão de valores, “[...] uma nítida ruptura em relação ao mundo antigo, sua mentalidade, sua organização social, sua política e sua cultura” (CAMBI, 1999, p.122). Os dirigentes religiosos pregavam a mensagem do Evangelho de forma espontânea e simples, por meio de parábolas, para que as pessoas pudessem compreendê-la melhor. A mensagem cristã difundiu-se e

anunciou para a sociedade um modelo de educação centrado na igualdade entre os homens. Os princípios religiosos deram vida a um novo modelo de civilização. Brown afirma que num momento de desamparo os dirigentes religiosos por meio de parábolas simples e mandamentos ensinavam as pessoas a viver no mundo terreno (BROWN, 1972).

Embora formassem um pequeno grupo os missionários faziam reuniões, recordando os ensinamentos de Cristo e disseminando seus princípios religiosos. Nesse período, nos primeiros séculos depois de Cristo, não havia ainda um clero instituído, o cristianismo ainda não havia sido oficializado como religião. No entanto, segundo Guizot, havia um começo de instituição, em cujo centro estava o povo cristão, ou seja, eram os fiéis que influenciavam e exerciam um papel importante na sociedade (GUIZOT, 1907).

À medida que o cristianismo crescia, formava-se um corpo de doutrina, de regras e de magistrados escolhidos pelos fiéis (GUIZOT, 1907) e, desta forma, a religião cristã foi divulgada pelos evangelistas e apóstolos por toda parte do mediterrâneo. Este processo revolucionário induziu os poderes constituídos, entre eles os imperadores não cristãos, a perseguir os cultos que desprezavam sua tradição, principalmente os fiéis à doutrina cristã. Por isso, muitos seguidores de Cristo, por testemunharem ardentemente a própria fé, sofreram o martírio.

No ano 313, alguns decretos foram publicados pelos imperadores Constantino e Licínio, beneficiando os cristãos. Constantino dirigiu aos governadores das províncias instruções prescrevendo o fim das perseguições e a concessão da liberdade religiosa.

Por conseguinte, quando eu, Constantino Augusto, e eu, Licínio Augusto, chegamos felizmente a Milão e procurávamos tudo o que importava à utilidade e ao bem comum, entre outras coisas que nos pareciam proveitosas em geral, de vários pontos de vista, resolvemos em primeiro lugar e antes de tudo, dar ordens para assegurar o respeito e a honra à divindade, isto é, decidimos conceder aos cristãos e a todos os outros a livre escolha de seguir a religião que quisessem, de tal modo que tudo possa haver de divindade e de poder celeste nos seja propício, a nós e a todos os que vivem sob nossa autoridade (apud CESARÉIA, 2000, p.492).

Com essas medidas, a sociedade religiosa adquiriu mais legitimidade, o que ajudou os dirigentes a definir e organizar sua doutrina interna.

Nos séculos posteriores, o cristianismo expandiu-se e, lentamente, a hierarquia da Igreja foi sendo constituída. O corpo cristão era então formado pelos padres,

encarregados da parte espiritual, pelos bispos, que vigiavam a integridade do culto e a prática fiel da doutrina cristã, e pelos diáconos, encarregados de distribuir esmolas. Este corpo eclesiástico exercia influência sobre o povo cristão e também tomava parte nos assuntos que competiam ao governo municipal. Brown postula, no entanto, que “[...] o expansionismo cristão não foi um processo gradual, irresistível, começado com S. Paulo e terminado com a conversão de Constantino, em 312” (BROWN, 1972, p.68). Segundo ele, a religião cristã enraizou-se em todas as cidades do mediterrâneo graças à capacidade de seus missionários para envolver toda a sociedade, oferecendo proteção aos que se sentiam desamparados.

No decorrer dos tempos, o cristianismo foi ganhando força, tomando para si o governo da sociedade e assumindo o papel de formador dos homens. Para Guizot, no fim do século IV e no início do século V a Igreja cristã já estava instituída. Já não era apenas uma crença, mas possuía um governo, um clero e uma hierarquia organizada, era uma instituição que se fortificava, crescia e, cada vez mais, infiltrava-se na sociedade (GUIZOT, 1907). Esse florescimento deveu-se ao empenho de homens hábeis, amantes do saber, e que, ao longo dos séculos, empregaram em seus escritos elementos da cultura clássica antiga.

Os Apóstolos, Apologistas e Padres da Igreja exerceram grande influência nesse processo, parte do legado cultural dos pensadores gregos foi absorvida e contribuiu para a formação da doutrina cristã. Utilizando em suas argumentações o discurso da cultura helenística, os representantes da Igreja foram expandindo suas práticas educativas por toda a comunidade. Eles adaptaram ao Cristianismo categorias espirituais da cultura grega e reconheceram, nela, semelhanças com a doutrina cristã.

Segundo Pereira Melo, do mundo romano o cristianismo serviu-se da organização administrativa, das estruturas políticas, da língua de amplo alcance, da segurança garantida pela lei romana e da sua postura em relação à tolerância religiosa. Do mundo judeu recebeu inspiração da doutrina fundada no Antigo Testamento. Em relação à herança grega, o cristianismo, para defender a universalidade da sua doutrina, buscou no legado cultural clássico elementos para consolidar a liderança espiritual da doutrina cristã (PEREIRA MELO, 2002).

Dessa forma, a educação cristã apropriou-se da cultura helenística para organizar suas práticas educativas e a própria estrutura da religião cristã. Da

concepção que o grego tinha da literatura, ela adaptou aos escritos sagrados aquilo que era essencial para compor seus fundamentos.

O cristianismo criou um perfil de homem mais espiritualizado, cuja vida terrena seria conduzida com simplicidade. Ou seja, renunciando aos prazeres da carne e aos bens materiais e preocupando-se com a salvação da alma, os homens passariam por uma regeneração interior que elevaria a alma humana para um encontro definitivo com Deus.

Para defender o cristianismo e aprofundar seus conhecimentos, os Padres recorreram ao pensamento helenístico e colocaram a filosofia a serviço da fé. Eles pretendiam estabelecer regras de conduta moral e religiosa, defender a doutrina da Igreja Cristã contra as heresias, converter os povos bárbaros e defender-se dos ataques dos adversários. Tendo em vista esse procedimento dos primeiros Padres, consideramos importante retomar os princípios gerais de algumas correntes filosóficas greco-romanas.

Segundo Reale, a filosofia do período helenístico soube transmitir uma mensagem positiva, buscando uma solução para os problemas humanos.

A filosofia torna-se efetivamente a fonte da qual o homem helenístico extrai os valores que antes extraía da *polis* e da religião da *polis*: oferece novos conteúdos de vida espiritual, ilumina as consciências, ajuda o homem a viver e lhe ensina como ser feliz mesmo na época trágica em que vive, na qual todos os antigos valores parecem subvertidos (REALE, 1994, p.11).

Ainda segundo ele, as correntes filosóficas do período helenístico, ou seja, o epicurismo, o estoicismo e o ceticismo, deixaram explícito um modelo de pedagogia, de educação e de vida no qual os homens continuaram a se inspirar por séculos inteiros. Souberam dizer aos homens de sua época palavras que eles tinham necessidade de ouvir diante da crise em que vivia a sociedade (REALE, 1994).

Como o estoicismo e o epicurismo tiveram papéis significativos na formação dos pensadores cristãos, é importante compreendermos qual a relação que se estabeleceu entre o cristianismo primitivo e o pensamento de Epicuro e Sêneca.

A doutrina epicurista foi produzida numa época em que a polis estava em decadência, por isso pregava a busca da saúde espiritual. Esse prazer seria conseguido por meio do conhecimento da filosofia, uma vez que este conduziria à

sabedoria. Os epicuristas propunham que, para alcançar a felicidade, a salvação pessoal, o homem vivesse e organizasse sua vida por meio do esforço próprio: “[...] é necessário, portanto, cuidar das coisas que trazem a felicidade, já que, estando esta presente, tudo temos, e sem ela, tudo fazemos para alcançá-la” (EPICURO, 1996, p.23).

Segundo Epicuro, era preciso buscar, encontrar em si aquilo de que a pessoa precisasse para resolver os problemas da vida cotidiana e achar o caminho que conduziria à verdadeira felicidade. Ele considerava desnecessário ter medo da morte e dos deuses, pregava o abandono das coisas terrenas, o cultivo de uma vida simples e a busca do prazer. Essa busca consistia em determinar aquilo que seria bom e o que precisaria ser evitado para ser feliz. Afirmava ele: “[...] o fim último é o prazer, não nos referimos aos prazeres dos intemperantes ou aos que consistem no gozo dos sentidos, [...]; mas ao prazer que é a ausência de sofrimentos físicos e de perturbações da alma” (EPICURO, 1996, p. 43). Nesse sentido, ele ensinava que, para ser feliz, era necessário ter prudência e saber renunciar aos prazeres da paixão.

Com os epicuristas, o cultivo da verdadeira amizade, a busca da paz e a tranqüilidade da alma foram praticados de maneira quase religiosa. “O lema de Epicuro e dos epicuristas é, exatamente, “vive escondido”. Essa é a expressão da mais completa inversão do sentimento clássico” (REALE, 1994, p.15). Epicuro estava preocupado em formar um homem mais individualizado, por isso negava a sociedade que estava posta, uma sociedade infeliz e desorganizada, e buscava afastar os homens dos perigos que a cidade oferecia. Nesse sentido, com Epicuro, o homem, que até então era um cidadão público, preocupado em resolver os problemas da cidade, transformou-se e tornou-se mais interiorizado.

Segundo Reale, as novas concepções filosóficas apresentavam como um dos traços comuns a valorização do indivíduo no entanto “[...] essa descoberta e esse novo senhorio do indivíduo degeneram também no individualismo e no egoísmo, dois quais veremos exemplos paradigmáticos sobretudo na ética de Epicuro e de Pirro²” (REALE, 1994, p. 8). De acordo com este autor, quando o homem se descobre como indivíduo, não se sente mais cidadão da polis, porque, com a revolução de Alexandre, todas as decisões públicas são tomadas sem a sua participação (REALE, 1994).

² Pirro de Êlis (365 – 275 a.C. mais ou menos), filósofo que iniciou o ceticismo, corrente de pensamento que se manifesta no período helenístico.

A esse respeito, Sêneca, um dos principais representantes do pensamento estóico, delineou um modelo de pedagogia, cujo destaque era o importante papel que o homem ocupava como integrante do todo social. No estoicismo, ao contrário do epicurismo, o homem deveria viver em sociedade: “Epicuro diz: “Não participará da vida pública o sábio, a não ser que sobrevenha alguma circunstância considerável”. Zenão diz: “Participará da vida pública, a não ser que o impeça alguma circunstância considerável” (SÊNECA, 1998 p. 81). Assim, para Sêneca, a participação do cidadão na vida pública e política da cidade era importante. A pessoa tinha, por obrigação, servir à pátria, ser útil a si mesma e aos outros. Isso significava agir em comum, beneficiando toda a humanidade.

Ele concebia que todo processo de transformação dependia do próprio homem. Este nasceu para ser feliz, lutar e encontrar esta felicidade. Enquanto cidadão do mundo tinha que ser livre para optar por aquilo que fosse melhor para si mesmo e para o outro. Sêneca afirmava, em sua obra *Sobre a tranquilidade da alma e sobre o ócio*, que cada um devia agir em benefício da humanidade: “Isto seguramente se exige do homem: que seja útil a homens. Se possível a muitos; quando não, a poucos; quando não, aos parentes; quando não a si. Pois, quando se faz útil aos demais, ele serve ao interesse geral” (SÊNECA, 1998, p.83). Sêneca, diferentemente de Epicuro, propunha a inserção dos homens na sociedade. Ele buscava formar o homem para a vida pública, para o exercício da cidadania.

Como representante do pensamento estóico vamos encontrar em Sêneca uma reflexão filosófica que explicitava sua doutrina pedagógica. Ele propunha um modelo de formação, cujo destaque era a capacidade do homem viver de acordo com a natureza. Pereira Melo define que “viver segundo a natureza” significava para Sêneca viver de acordo com a razão e o bem, isto é, em harmonia uns com os outros, procurar ser útil (PEREIRA MELO, 2003).

[...] portanto, vivo segundo a natureza se todo a ela me dei, se dela sou admirador e cultor. E a natureza quis que eu fizesse uma e outra coisa: tanto agir como ter tempo para a contemplação; faço uma e outra, porque a contemplação nem sequer existe sem ação (SÊNECA, 1998, p.89).

Dessa forma, vamos encontrar em Sêneca uma das concepções de vida com a qual o cristianismo em parte se identificou. A educação cristã assemelhou-se aos

princípios de formação dos estóicos. O cristianismo tinha, como modelo formativo, um homem mais espiritualizado, cuja felicidade eterna seria alcançada por meio do esforço, da luta e do sacrifício pessoal. No mesmo sentido, segundo a filosofia estóica, a conduta do homem devia estar voltada para viver em harmonia, fazer benefícios, ensinar e meditar.

Quando delinearam um modelo de pedagogia, cujos princípios éticos e morais visavam fazer do indivíduo um ser virtuoso e feliz, o epicurismo e o estoicismo traçaram o papel significativo que teriam na educação dos homens de sua época e do futuro. Eles buscavam ensinar os homens a viver bem, colocando na ordem do dia o interesse pelos problemas da vida interior e exterior. Desta forma, eles deixaram um legado que permitiu à educação cristã apropriar-se de suas concepções para dar sustentação ao seu discurso teológico.

Esse processo de junção entre o cristianismo e a cultura greco-romana, nos primeiros séculos da era cristã, foi árduo e complexo. Ao mesmo tempo em que os cristãos negavam a cultura grega, utilizaram alguns de seus elementos para disseminar a nova fé. Suas marcas fixaram-se no interior do discurso cristão. Em outros termos, uma infinidade de conceitos e de argumentos foi assimilada para justificar o pensamento cristão, que, assim, buscou no conhecimento greco-romano os elementos para a construção de sua própria universalidade.

O discurso dos cristãos foi propagado pelos apóstolos no primeiro século após o nascimento de Cristo, tendo como base a idéia de absoluta dependência do homem em relação à Providência Divina. Segundo Guizot, “[...] os primeiros instrumentos da fundação do cristianismo, os apóstolos, olhavam-se como investidos de uma missão especial, recebida do alto e, por seu turno, transmitiam aos seus discípulos, pela imposição das mãos ou sob qualquer outra forma, o direito de ensinar e pregar” (GUIZOT, apud OLIVEIRA, 1999, p.12).

As Epístolas Paulinas foram as que mais influenciaram o desenvolvimento do cristianismo, deixando um importante legado para o pensamento medieval. Por isso, as contribuições de Paulo de Tarso ocupam o primeiro lugar em nossa análise; em seguida, abordaremos também o pensamento de outros teólogos cristãos, como Tertuliano e Santo Agostinho, que muito lutaram em defesa da fé cristã e se preocuparam em oferecer, à sociedade, modelos e regras de comportamento importantes para a formação do homem medieval.

2.2- PAULO DE TARSO

De acordo com a documentação neotestamentária³, Paulo nasceu em Tarso, na Cilícia, cidade helenística com um notável nível cultural. Era filho de judeu, mas, ao converter-se ao cristianismo, tornou-se o grande responsável pela difusão da doutrina cristã no século I, proclamando-o como religião universal. Nas comunidades onde pregava, mostrava a necessidade da imitação do modelo de vida de Cristo.

Seu objetivo era reorganizar a sociedade romana, abalada por crises internas. Baseava sua doutrina no saber humilde de Jesus, visando a formação de uma sociedade cristã. Para ele, a vida eterna seria resultado do processo de imitação da conduta de Cristo enquanto pessoa. Paulo declarava em sua carta aos Gálatas: “[...] o Evangelho por mim anunciado não é invenção humana. E, além disso, não o recebi nem aprendi através de um homem, mas por revelação de Jesus Cristo” (Gl 1, 11-12).

Segundo os princípios cristãos, todo conhecimento emana da sabedoria Divina. Em consonância com esses princípios, Paulo afirmava que todos os ensinamentos que ele pregava nas comunidades eram recebidos da providência divina, pois Cristo era o verdadeiro e grande mestre.

Ele escrevia e transmitia oralmente os ensinamentos de Jesus para uma sociedade que possuía valores, morais e religiosos diferentes da mensagem Cristã. Paulo precisava ensinar novos conceitos e incentivar a fé cristã perante este grupo social. Como homem culto e esclarecido, que conhecia a cultura clássica e sabia ler o grego, utilizava-a, em suas pregações, para convencer os não convertidos a acreditarem que a fé levava à cidadania celeste. A preocupação de Paulo era proclamar a palavra divina, levando o homem a refletir sobre a sua presença no mundo.

Cristo perpetuou sua presença, especialmente no mundo ocidental, mantendo-se vivo exclusivamente por meio da fé dos cristãos. Em suas cartas, Paulo ensinava a comunidade a receber a palavra divina e a viver aquilo que Jesus falou. “De fato, vocês todos são filhos de Deus pela fé em Jesus Cristo, pois todos vocês, que foram batizados em Cristo, se revestiram de Cristo” (Gl 3, 26-27). Segundo ele acreditava, se todos eram filhos de Deus, portanto, iguais, as diferenças culturais e sociais ficariam suprimidas. “Não há mais diferenças entre judeu e grego, entre escravo e homem livre,

³ São o conjunto de documentos que formam o Novo Testamento: Cartas, Evangelhos, Atos dos Apóstolos e Apocalipse.

entre homem e mulher, todos vós sois um só em Jesus Cristo” (Gl 3, 28). O discurso evangelizador desse Apóstolo tinha como objetivo unir todas as raças, culturas e valores de forma a eliminar as diferenças entre os povos. Com essa interação, ele pretendia dar unicidade a proposta de universalidade do cristianismo.

Convicto da necessidade da expansão do cristianismo, Paulo tentava convencer os cristãos de que era preciso unir a comunidade pela fé, pois existiam muitas divergências em torno da Ressurreição de Cristo: os gregos e os judeus não cristãos consideravam loucura acreditar que Jesus crucificado tinha ressuscitado e exigiam provas, sinais e explicações filosóficas desse fenômeno. Contrapondo-se a eles, Paulo proclamava que estes conhecimentos não tinham valor, pois o verdadeiro conhecimento emanava de Deus e o homem só adquiriria a cidadania celeste se vivesse o ideal cristão, isto é, de acordo com ensinamentos de Cristo.

Já que vocês aceitaram Jesus Cristo como Senhor, vivam como cristãos: enraizados nele, vocês se edificam sobre ele e se apóiam na fé que lhes foi ensinada, transbordando em ações de graça. Cuidando para que ninguém escravize vocês através de filosofias enganosas e vãs, de acordo com tradições humanas, que se baseiam nos elementos do mundo, e não em Cristo (Cl 2, 6-8).

Conforme a concepção educacional de Paulo, os conteúdos da filosofia eram incompatíveis com a doutrina e com a prática cristã, pois eram baseados no uso da razão e na investigação racional. Por isso ela deveria ser combatida. As heresias, segundo ele, que questionavam as verdades da fé, eram decorrentes da Filosofia.

Durante sua missão apostólica, em suas cartas ou pregações destinadas a combater as heresias, ele propunha novos rumos, novas relações e novas regras morais para a vida das pessoas das comunidades. Segundo o Apóstolo, Cristo veio para trazer uma mensagem de fé e esperança, ensinar a viver em santidade, levar o indivíduo a renunciar a certos comportamentos, especialmente no que se referia ao corpo. Sua pedagogia implicava o controle dos prazeres da carne, pois, segundo ele, o corpo exterior, visível, era responsável pelas fraquezas humanas. Dessa forma, ele orientava o cristão a se comportar e viver de acordo com o espírito e a verdade, deixando de buscar os prazeres sensuais.

[...] a vontade de Deus é que vivam consagrados a ele, que se afastem da libertinagem, que cada um saiba usar o próprio corpo na santidade

e no respeito, sem deixar-se arrastar por paixões libidinosas, como os pagãos que não conhecem a Deus (1 Ts 4, 3-5).

Sua preocupação com a pureza do corpo e com a castidade é recorrente em todos os seus escritos. No capítulo VII da primeira Epístola aos Coríntios, por exemplo, ele recomendava a privação carnal e fazia críticas ao casamento, considerando-o uma escolha inferior. Impressionado com a liberalidade sexual dos romanos não cristãos, ele enfatizava a necessidade de se adotar uma prática de abstinência carnal. As relações sexuais deveriam ser mantidas apenas para a reprodução: a busca do prazer neste ato era considerada pecado.

Segundo o magistério paulino, viver em santidade, renunciar aos prazeres da carne e ao modo de vida terreno significava libertar o corpo do mundo decadente: era uma garantia para a salvação da alma.

Além desses princípios referentes à pureza do corpo, a educação cristã era edificada sobre os pilares da fé, da esperança e da caridade. Tratava-se de formar um ser humano voltado para o exercício desses valores cristãos. De acordo com Paulo, a conversão à fé cristã era a principal garantia da vida eterna e a solidariedade e a assistência eram umas das principais virtudes cristãs. Acreditar nesses ideais era importante para enfrentar aquele momento em que as instituições romanas não conseguiam mais responder às angústias das pessoas e em que a promiscuidade, as injustiças sociais, a guerra, a luta pela sobrevivência eram constantes.

Estejam sempre alegres, rezem sem cessar. Dêem graças em todas as circunstâncias, porque esta é a vontade de Deus a respeito de vocês em Jesus Cristo. Não extingam o Espírito, não desprezem as profecias; examinem tudo e fiquem com o que é bom. Fiquem longe de toda espécie de mal (1Ts 5, 16-22).

A educação proposta por Paulo não era apenas um instrumento de formação religiosa. Cabia ao cristão buscar inspiração divina e, de acordo com sua consciência e vocação, contribuir para a edificação pessoal e comunitária. Ou seja, o cristão precisava ter um ofício, ser útil à sociedade. Segundo a carta escrita à comunidade de Coríntios, “[...] cada um recebe o dom de manifestar o Espírito para a utilidade de todos” (1 Cor Cap. 12, 7). Isto é, todo conhecimento recebido emanava de uma força divina; portanto, seu saber ou sua vocação, que não eram adquiridos pelo intelectualismo, deviam servir para a construção de um mundo mais humano.

Assim, nesse momento de dissolução social e de decadência moral, marcado por muitas divergências, Paulo propunha acabar com as diferenças, unir gregos, sábios, judeus e cristãos e apresentava, de forma didática, a questão teológica sobre a unidade, diversidade e solidariedade que caracterizava os cristãos. Por meio de uma analogia entre as partes do corpo humano e os membros da comunidade, ele mostrava que nenhum deles merecia mais atenção ou destaque do que os outros. Todos eram indispensáveis para a construção e a formação de uma sociedade unida em torno dos mesmos princípios.

De fato, o corpo é um só, mas tem muitos membros; e no entanto, apesar de serem muitos, todos os membros do corpo formam um só corpo. Assim acontece também com Cristo. Pois todos fomos batizados num só Espírito para sermos um só corpo, quer sejamos judeus ou gregos, quer escravos ou livres. E todos bebemos de um só Espírito (1 Cor 12, 12-13).

Segundo Paulo, Jesus atribuía a todos o papel de coadjuvantes na organização de uma sociedade mais justa, livre dos males sociais, da imoralidade, da vida fútil e das injustiças. Ao se unirem em defesa da doutrina cristã, todos poderiam contribuir para formar indivíduos capazes de enfrentar os complexos problemas sociais existentes naquele momento: fome, medo, epidemias, guerras, destruição, marginalização, enfim muito sofrimento e morte.

A principal preocupação de Paulo era a proclamação da “Palavra” de Deus, cujos ensinamentos atrairiam os ouvintes a seguir a justiça e a fé, o amor e a paz. O comprometimento dos cristãos com Deus era o núcleo fundamental da fé. Por meio da fé, era possível alcançar a santificação e o aperfeiçoamento humano. Para se tornar herdeiro da vida eterna, era preciso viver interiorizado, ou seja, voltado para si mesmo, lembrando-se de que isso seria possível apenas por meio de Cristo.

Portanto, meus amados, obedecendo como sempre, não só como tempo em que eu estava aí presente, mas muito mais agora que estou longe, continuem trabalhando com temor e tremor, para a salvação de vocês. De fato, é Deus que desperta em vocês a vontade e a ação, conforme sua benevolência (Fl 2, 12-13).

A prática da vida cristã, do sacrifício pessoal e da santificação era essencial para alguém ser digno da salvação eterna. Este processo educativo, que visava o

destino da alma e a salvação, direcionava o indivíduo a viver de acordo com os ensinamentos do mestre. Analisando o pensamento de Rosvita no século X, percebe-se que ela retoma os princípios paulinos e, com base neles, constrói um discurso evangelizador para as mulheres nobres e monjas do mosteiro onde vivia. Seus personagens encarnam o ideal cristão que defendia. Em sua trajetória doutrinal, ela menciona as principais virtudes que definem e caracterizam o cristão, como a fé, a conversão, a volta para Deus e a consagração à virgindade, mostrando que se apropria dos valores e conceitos defendidos pela educação paulina.

É possível perceber que ambos definem o modo de ser cristão e deixam evidente que o único modelo a ser seguido era Cristo. Apesar de viverem em épocas diferentes e distantes uma da outra, eles apontam o modo de ser cristão que a humanidade deveria adotar e, desta forma, contribuíram para a construção e a reorganização da sociedade.

Posteriormente ao Apóstolo Paulo, encontramos nos escritos de grandes pensadores da Igreja essas mesmas concepções de vida e de mundo. Apontamos a seguir alguns aspectos doutrinários e disciplinares da produção de Tertuliano e Agostinho, que assimilaram conceitos da filosofia greco-romana para enriquecer e afirmar a doutrina cristã.

2.3– TERTULIANO

Tertuliano, que viveu aproximadamente entre os anos 150 e 250, é considerado um dos principais escritores latinos e um grande defensor do cristianismo. Ao revelarem sua contribuição para a transmissão e a conservação da cultura clássica durante toda a Idade Média como algo inerente ao pensamento cristão, suas obras oferecem-nos subsídios para compreender o processo de cristianização e expansão da doutrina cristã nos primeiros séculos da era cristã.

As freqüentes invasões bárbaras, a violência, a peste, a fome, a insegurança, a perseguição e as injustiças praticadas pelos governadores das províncias contra os cristãos eram o pano de fundo de suas obras. Dedicados aos problemas da vida prática, seus escritos eram sempre polêmicos. Ele combatia de forma ardente e rigorosa todas as seitas e doutrinas que proliferaram no século III e que levantavam dúvidas em torno do mistério da morte e da ressurreição de Cristo. Do mesmo modo que Paulo, o apóstolo, ele apresentou regras de comportamento, preceitos morais e

religiosos e defendeu os princípios cristãos, contribuindo para modelar o homem cristão e reordenar a sociedade.

Sua obra, *Apologética*⁴ foi escrita no referido período de guerra e de violência no interior do Império Romano. A proliferação das seitas e das doutrinas gnósticas constituía uma das grandes preocupações de Tertuliano. O conteúdo da *Apologética*, segundo Moreschini, era baseado na “[...] defesa do cristianismo, no destaque dado à antigüidade dos pressupostos judaicos e à pureza da nova religião” (MORESCHINI, 1996, p.448). Segundo esse autor, nesta obra Tertuliano apresentava um rápido sumário da doutrina cristã, demonstrando que o comportamento adotado por aqueles que negavam a fé em Cristo era um desvio, cujos princípios eram diferentes daqueles defendidos pelos cristãos. Censurava o procedimento dos governadores em sua perseguição anticristã, destacando a necessidade não de insubordinação, mas de obediência ao Império enquanto instituição, uma vez que este tinha sido aprovado por Deus para orientar e conduzir a humanidade (MORESCHINI, 1996).

Mesmo contendo críticas à filosofia greco-romana, a *Apologética* foi elaborada com base nos “elementos filosóficos de origem estoica” (MORESCHINI, 1996, p. 448), nos quais Tertuliano encontrou argumentos que considerou verdadeiros para justificar e completar seu discurso religioso.

Defendia a necessidade de uma instituição que desse uma direção aos homens do seu tempo, estabelecendo princípios e regras de comportamento. No século III a sociedade religiosa ainda não possuía nenhum poder, não estava organizada enquanto instituição. Para ele, o Império era então a única instituição que possuía meios para intervir na sociedade e fazer cumprir regras. Ao poder temporal cabia a participação constante nas tomadas de decisão e nas deliberações. Ao poder espiritual cabia intervir nas decisões e caminhar ao lado do governo civil, mas cada um em sua própria esfera. Aos poucos, o discurso dos padres foi adquirindo confiança e embrenhando-se cada vez mais na sociedade e, assim, a Igreja foi adquirindo gradativamente maior importância social. Com o decorrer do tempo, sua tendência foi seguir a forma de organização e administração do Império Romano.

⁴ Vamos usar o conceito *Apologética*, mas não desconhecemos que MORESCHINI utiliza a expressão *Apologético e VIDAL/PASQUOTO* ao traduzir a obra para o português usou o termo *Apologia*.

Tertuliano reconhecia que a instituição imperial, tendo sido aprovada por Deus, era válida para organizar a sociedade. Ele destacava sempre a importância do homem orar pelo imperador e participar de toda a vida social. Como cidadão, o cristão devia fidelidade e respeito ao imperador, pois este era o representante de Deus na terra. Essa atitude de Tertuliano exprimia a necessidade da obediência, apesar das perseguições.

Invocamos, para a salvação dos imperadores, o Deus eterno, o Deus verdadeiro, o Deus vivo cuja benevolência é preferida à de todos os outros pelos próprios imperadores. Eles sabem quem lhes deu o império; sabem, como homens, quem lhes deu a vida; sentem que só esse é Deus, sob cuja autoridade única eles se encontram na segunda categoria, os primeiros depois dele...O imperador só é grande na medida que é inferior ao céu; de fato, ele mesmo é coisa daquele a quem pertencem o céu e toda criatura. É imperador por aquele que o fez homem, antes de fazê-lo imperador; seu poder tem a mesma origem que o sopro que o anima. É para esse Deus que nós, cristãos, elevamos os olhos, as mãos estendidas, porque são puras, a cabeça descoberta, porque não temos de nos envergonhar, sem ninguém que nos dite as palavras, soprando-as, porque oramos com o coração. E por meio de orações incessantes, pedimos para os imperadores vida longa, reinado tranquilo, palácio seguro, tropas valerosas, senado fiel, povo leal, universo calmo, enfim, tudo o que um homem e um César possam desejar [...] (TERTULIANO, apud LIÉRBAERT, 2000, p.77).

Esta atitude de Tertuliano, exaltando a majestade imperial e recomendando que os cristãos orassem, decorria de sua crença de que o poder do Imperador neste mundo pertencia a Deus e não ao Império. Para ele, o poder espiritual estava acima de qualquer hierarquia e o imperador tinha recebido da providência divina o poder de governar para o bem de toda comunidade. Na sua concepção, a comunidade cristã era formada por um grupo de pessoas reunidas em torno de um mesmo objetivo, ou seja, como um corpo.

Com esta concepção, ele afirmava, na *Apologética*, que a comunidade cristã, formada pela união de todos os homens, deveria ter a “[...] consciência de professar a mesma religião, de ter uma única disciplina e um pacto próprio de esperança” (TERTULIANO, apud MORESCHINI, 1996 p. 463). De acordo com Moreschine, repercute nesta sentença de Tertuliano o tripé de princípios sobre o qual se assentava o discurso cristão de Paulo, o Apóstolo e, muito tempo depois, também os escritos de Rosvita: fé, caridade e esperança. Tertuliano mostrava aos não convertidos que estes eram os princípios que norteavam as práticas da comunidade cristã.

Ao se referir às perseguições contra os cristãos, Tertuliano mostrava-se preocupado com as injustiças sociais e com os marginalizados e, segundo Gilson, sabiamente, ele organizou, por meio de argumentos jurídicos, um discurso em defesa dos cristãos, apelando para o seu direito de liberdade religiosa (GILSON, 1998). Questionou as normas e as leis dos governadores das províncias contra os cristãos e o fato de eles serem condenados simplesmente por possuírem este nome. Tertuliano proclamava os princípios da liberdade religiosa, considerava que nenhum culto poderia ser imposto e declarava a absoluta igualdade dos homens diante de Deus. De acordo com o autor no tratado da “*Apologética*”, ele afirmava:

[...] de fato é contra a lei condenar alguém sem defesa e sem audiência. Somente os cristãos são proibidos de dizerem algo em sua defesa, na salvaguarda da verdade, para ajudar ao juiz numa decisão de direito. Tudo o que é levado em conta é que o público, com ódio, pede a confissão de um “nome”, não o exame da acusação, enquanto em vossas investigações ordinárias judiciais, no caso de um homem que confessa assassinato, ou sacrilégio, ou incesto, ou traição – para se ter idéia do crime que são acusados – vós não vos contestais em imediatamente emitir uma sentença. Não o fazeis até que o examinais as circunstâncias da confissão, qual é o tipo do crime, quantas vezes, onde, de que maneira, quando ele o fez, quem estava com ele e quem tomou parte com ele no crime (TERTULIANO, 2005, cap. II, p.4).

Apesar das numerosas perseguições, o número de cristãos aumentava e diversos casos de martírios foram praticados em nome da fé. Essa prática era vista como modelo para outros cristãos, era uma forma de imitar o modelo de vida de Cristo durante sua passagem pela terra. Portanto, era de fundamental importância para o cristão dar sua vida em nome de Cristo, isto é, morrer por Cristo. “Pois quem quiser salvar a sua vida, vai perdê-la; mas, quem perde a sua vida por causa de mim, vai encontrá-la” (Mt 16, 25). Tertuliano escreveu um tratado dedicado a esta prática: *A los mártires*. Nesse tratado, comentado por Pasalodos, ele procurava consolar e confortar os cristãos encarcerados.

Les escribe a la cárcel asegurándoles que el apartamiento actual es comparable con el de un atleta, al igual que su abstinencia, si bien mientras éstos persiguen una corona para la gloria en el mundo, los cristianos buscan una corona inmarcesible, la vida eterna (PASALODOS, 2001, p.17).

Tipicamente cristão, este elemento relacionado à exortação do martírio tinha por objetivo levar o homem à “[...] convicção cristã, da “imitação de Cristo”, pela qual o mártir reproduz a paixão de Cristo e Cristo está presente nele” (MORESCHINI, 1996, 511-512). A morte não deveria ser um motivo de medo, pois não representava um fim, mas sim o início de uma nova vida, a vida eterna prometida por Cristo.

Dessa forma, em todo o Império Romano, por várias décadas, empreendeu-se uma campanha anticristã. Durante o mandato dos Imperadores, produziram-se vários editos contra cristãos. Muitos escritores não cristãos também faziam críticas e ridicularizam o martírio.

[...] acusa a los seguidores de Jesús de plagiadores de los siete sabios de Grecia y concluye poniendo de manifiesto que la actitud política de los cristianos es deleznable por propugnar un apartamiento de la vida pública dentro de su continua "irracionalidad" que les lleva a creer simplemente por la fe (PASALODOS, 2001, p.10).

Por sua vez, vários autores cristãos lutavam contra as calúnias dirigidas aos cristãos e defendiam os princípios da fé cristã, entre eles Tertuliano. Apesar de adotar uma atitude de hostilidade com relação à filosofia, ele mesclou alguns princípios da cultura clássica pagã que adquirira durante sua formação, empregando-a na luta a favor daquela doutrina. Segundo ele, os filósofos estavam mais preocupados em realizar discursos nascidos da sabedoria humana para agradar aos homens, interpretando e manipulando a verdade de acordo com os elementos do mundo e opondo-se freqüentemente à doutrina cristã.

La filosofía, al hallar esto, lo exaltó para gloria de su propia disciplina (no es nada sorprendente si me atrevo a decir lo tal cual) por su afán de construir y destruir lo concerniente a la elocuencia, más expertos en persuadir expresándose elegantemente que en enseñar. La filosofía impone las leys a las cosas, unas veces las equipara, otras las elimina, obtiene conclusiones inciertas de cosas ciertas, gusta del ejemplo, como se hubiera de compararse todo; define todo, incluso con propiedades opuestas entre lo semejante, no deja nada a la voluntad divina, y hace de sus propias opiniones leyes naturales; lo podría tolerar si siendo ella misma natural, se mostrara como dueña de la naturaleza por su participación en la condición divina (TERTULIANO, 2001, p.42-43).

Segundo Alfred, outro argumento que Tertuliano utilizava contra a filosofia era o de que ela era vista como aliada das heresias. Para ele, estas tinham sua origem na

filosofia e, com freqüência, questionavam as verdades pregadas pela fé em Cristo. “Os hereges não tem direito algum de precisar o sentido das Sagradas Escrituras” (ALFRED/ BERTHOLD, 1972, p.161). Ele considerava como verdadeira apenas a doutrina pregada pelos Apóstolos, os quais tinham recebido de Cristo a missão de propagar por todas as nações a fé nos ensinamentos cristãos. Desta forma, apenas as Igrejas apostólicas eram consideradas verdadeiras, uma vez que tinham recebido a doutrina dos Apóstolos e apenas elas podiam precisar o sentido das Sagradas Escrituras.

Contudo, os cristãos, os padres e teólogos necessitavam se abrir cada vez mais para a filosofia greco-romana, pois precisavam discorrer sobre as verdades da fé. Tertuliano, mesmo negando teoricamente a essa filosofia, adotou, na prática, alguns conceitos que o auxiliaram a formar seu pensamento, principalmente no que se refere ao *corpo e alma*. Segundo Moreschine, ele se aproximou, sobretudo, do estoicismo, o que pode ser confirmado em seu tratado *Acerca da alma*.

[...] sino que más bien hago alusión a los estoicos, los cuales afirman a nuestra manera que el alma es espíritu por la afinidad entre sí del soplo y del espíritu. Por lo menos persuadirán fácilmente de que el alma es cuerpo.

[...] por último, Zénon toma de este modo el alma definiéndola como “espíritu inseminado”. “Lo que se disgrega cuando muere el animal”, dice, “es el cuerpo”; ahora bien, “una vez disgregado el espíritu inseminado, muere el animal”; el espíritu inseminado, es cuerpo, luego el cuerpo es alma” (TERTULIANO, 2001, p. 49).

Alguns pontos da doutrina do estoicismo facilitaram sua tarefa de convencer os que não possuíam fé em Cristo a aceitarem a doutrina cristã. Um deles foi a idéia de que Deus era uma entidade corpórea e racional, de fato, alcançável, e que a alma humana era material “[...] porque tudo que existe deve ter um *corpo* ainda que *sui generis*, diz ele no *Contra Práxeas*” (TERTULIANO, apud MORESCHINI p.456). Na concepção de Tertuliano, alma e corpo estavam estritamente ligados, podendo a alma agir sobre a matéria, isto é, sobre o corpo.

Naquele momento em que as lutas e as perseguições contra os cristãos eram constantes, era fundamental que Tertuliano se ocupasse em incentivar a fé na sobrevivência da alma. O homem precisava acreditar que, para a existência da alma, o corpo era necessário, assim como o alimento que sustentava este corpo. Na

sociedade que estava sendo construída, a prova de que a alma sobrevive após a morte tinha por finalidade mostrar ao homem que não precisava temê-la porque ela não representava o fim e, sim, o início da vida eterna. Era necessário acreditar em uma força sobrenatural que fazia mover nosso corpo e que vinha de uma força interior, da fé em Deus.

De donde, aunque sea próprio de um cuerpo ser movido por alguien desde fuera, no obstante hemos mostrado anteriormente que el alma puede ser movida por otro cuando vaticina, cuando entra en delírio; ciertamente es movida exteriormente cuando lo es por otro. Reconoceré, com razón, como cuerpo, lo que sea movido desde fuera, de acuerdo con la premisa mayor. Ahora bien, si es propio de un cuerpo ser movido por otro, con cuánta más razón será mover a otro? Sin duda alguna, el alma mueve al cuerpo, y sus impulsos se muestran exteriormente, por fuera. A causa de ella se mueven los pies al andar, las manos al tocar, los ojos a ver, la lengua a hablar, como en una marioneta el movimiento interior agita lo de fuera. De dónde procede esa fuerza incorporal del alma? Como es posible que cosas inconsistentes sean capaces de mover cuerpos sólidos? (TERTULIANO, 2001, p.51, VI.3).

Para justificar e aprofundar sua discussão sobre o problema da essência da alma, Tertuliano buscou argumentos na Sagrada Escritura: eles é que elucidavam a corporeidade da alma. Dentre várias passagens na Bíblia, ele utilizou a parábola do rico que possuía uma vida generosa, enquanto Lázaro passava por privações. No final, após a morte dos dois, a alma do rico, atormentada pelo fogo do inferno, implorava a Lázaro por um pouco de água (Lc 16, 22-31). Esta parábola era considerada por Tertuliano como uma prova da corporeidade da alma: “[...] pues se alma no tuviera corpo, no tomaria la parábola Del alma la imagen del cuerpo, ni mentiria la Escritura, hablando de miembros corporales si no lo eran” (TERTULIANO, p.55, 2001). Os cristãos precisavam acreditar que a alma recebia o prêmio ou o castigo de Deus imediatamente após a morte. Nesta crença residia a única esperança dos homens cristãos daquela época.

Tertuliano professava que a fé consistia apenas na crença, sem qualquer necessidade de compreensão racional. Ao ser acusado pelos não convertidos a fé em Cristo de defender dogmas absurdos e contrários à razão, ele respondia com a frase “credo quia absurdum”, (creio mesmo que seja absurdo) com a qual, segundo Moreschini, ele queria apenas salientar “[...] que a fé implica uma realidade

incompreensível e que em tal situação é preciso crer, mais que raciocinar” (MORESCHINI,1996, p.466).

Assim, de um lado, com base na autoridade da Sagrada Escritura, ele assegurava que no Evangelho os cristãos encontrariam explicação para todas as suas indagações. Por outro lado, os próprios conflitos que permeavam a sociedade romana colocavam a necessidade da partilha de alguns pontos em comum com os filósofos, e o cristianismo abriu-se cada vez mais à filosofia greco-romana, fixando as relações entre o reino mundano e o reino de Deus.

Esto, sin Duda, nos puede llevar a un conflicto con los filósofos, principalmente en este tema, por el hecho de que a menudo revisten máximas comunes con argumentaciones propias, contrarias en algún punto a nuestra regla de fe. Otras veces parapetan sus sentencias con algunas argumentaciones comunes, conformes en algún punto con su doctrina, de tal modo que la verdad queda prácticamente excluida por causa de la filosofía, debido a sus venenos dirigidos contra ella, así que por los dos motivos interrelacionados que se oponen a la verdad nos vemos obligados a liberar las máximas comunes de las argumentaciones de los filósofos, y a separar las comunes argumentaciones de sus opiniones con la intención de retomar los asuntos de la Palabra de Dios: se nos permitirá a modo de excepción, como simple prueba, servirnos de aquellas que carezcan del lazo de algún prejuicio, porque a veces el testimonio de los enemigos es necesario si les beneficia a los que no son enemigos (TERTULIANO, 2001, p.44. II,5).

Os escritos de Tertuliano lembravam que o mundo desmoronava e que a sociedade romana, enfraquecida, revivia o perigo da influência dos hereges sobre os cristãos. Os homens enfrentavam muitos problemas, dentre eles, a própria convivência entre os que acreditavam e os que negavam a fé em Cristo. Assim, contraditoriamente, preocupado com a fraqueza e a carência humana, Tertuliano encontrou auxílio no pensamento de alguns filósofos gregos e romanos para escrever alguns tratados a respeito da moral e dos costumes e definir algumas regras de comportamento social.

Entre 198 e 200 ele escreveu um tratado denominado *Os espetáculos*, no qual, segundo Paratore, condenava rigorosamente a frequência dos crentes a qualquer espécie de espetáculo pagão (PARATORE,1996). As comédias teatrais, os jogos dos gladiadores eram comuns naquela época e atraíam a atenção do público por serem

agradáveis aos olhos e aos ouvidos. Eles tinham sido instituídos pelos romanos e difundiam-se por várias cidades. No entanto, a doutrina cristã condenava absolutamente todos os tipos de espetáculos públicos, por causa da sua imoralidade e da estreita ligação com o culto dos ídolos.

Portanto, após a conversão, os cristãos deveriam abandonar todos os tipos de espetáculos teatrais, considerados como pecado, porque “[...] eram postos sob a proteção de um deus pagão, devendo ser considerado como uma manifestação da idolatria, e freqüentá-los significava um ato de adoração dos ídolos” (MORESCHINI, 1996, p. 458).

De acordo com o cristianismo, as cenas apresentadas corrompiam a sociedade. Os costumes públicos, segundo Tertuliano, estavam impregnados de atos imorais. Era preciso separar os homens da vida comunitária pagã. Nesse sentido, o escritor advertia os cristãos sobre a qualidade do seu conteúdo e sobre a necessidade de afastar os jovens dos espetáculos teatrais.

O teatro é, sem tirar nem pôr, o santuário de Vênus. Daí golfou a impureza por esse mundo além [...] O que é mais próprio e peculiar da cena, a malícia do gesto e dos requebros corporais – disso fazem oferenda a Baco e Vênus: à deusa, pelo desbragamento sexual e a Baco, pelas copiosas libações. Cumpre-te ter em asco, ó cristão, as coisas cujos autores não podes deixar de odiar etc. (TERTULIANO, apud LAUAND, 1986, p.31)

Observamos, portanto, que Tertuliano protestava e era totalmente intransigente em relação à moral e aos costumes instituídos pelo mundo romano na sociedade do século III. Procurando direcionar a conduta e a atitude dos cristãos em relação à cultura profana e tendo em vista que a Igreja e os cristãos estavam envolvidos em diversas atividades públicas, ele propunha preceitos morais importantes para a formação dos jovens.

Ele não condenava somente os espetáculos públicos. Segundo Liébaert, ao abordar determinados temas, revelava uma crescente intransigência moral: “[...] poderão eles assistir aos espetáculos públicos, exercer as profissões de soldado, de mestre-escola, de funcionário ou de magistrado?” (LIÉBAERT, 2000, p. 83). De acordo com este autor, Tertuliano não condenava totalmente a execução de atividades públicas, porém estabelecia normas que dificultavam o exercício delas: “[...] autoriza os cristãos a receber o ensinamento da cultura profana, mas não exercer o magistério,

pois o docente é levado a implicar-se nele, muito mais que o aluno” (LIÉBAERT, 2000, p. 83). Seguindo com rigor as interpretações da Escritura Sagrada, ele protestava contra a conduta daqueles que aderiam à cultura profana.

Tertuliano, como apologista cristão da Antigüidade latina, esteve entre os primeiros que sistematizaram o conjunto de idéias cristãs em latim. Apoiado nas traduções da Bíblia já existentes, ele construiu sua linguagem teológica sobre Deus, contribuindo para a expansão da fé cristã. Conheceu a cultura literária clássica da época e teve uma sólida formação na cultura filosófica e jurídica. Por ser capaz de ler o grego com perfeição, teve acesso aos escritos antigos. Dessa forma, a teologia cristã defendida por Tertuliano foi uma síntese da influência da filosofia greco-romana e da Escritura Sagrada, que era a principal fonte utilizada para ilustrar e ensinar os conceitos fundamentais do cristianismo.

Podemos considerar que os escritos de Tertuliano influenciaram o pensamento de Rosvita, principalmente no que se refere à aceitação do martírio em defesa da Fé em Cristo e à demonstração de que o corpo era capaz de suportar todos os sofrimentos terrenos para que a alma recebesse vida eterna.

2.4- SANTO AGOSTINHO

Os escritos de Agostinho (354 – 430), considerado um dos grandes representantes da Igreja e da religião cristã nos séculos IV e V, são fontes importantes para esta tentativa de reconstruir a forma como o pensamento cristão se apropriou da tradição filosófica greco-romana, dela recebendo um enorme impulso.

Naquele período da história, fim da Antigüidade e início da Idade Média, a sociedade como um todo parecia se desmoronar. Fragilizada, Roma tinha sido saqueada por grandes grupos nômades. Naquele ambiente conturbado, Agostinho, elaborou e sistematizou seu pensamento com base na cultura antiga, especialmente em Platão e nos escritos sagrados. Seus ensinamentos e reflexões, presentes nos conselhos, sugestões e sermões, voltados para os princípios da fé cristã, foram extremamente importantes para a formação educacional na Idade Média.

No plano pedagógico, ele discutiu questões relacionadas ao processo de conhecimento e aprendizagem, à razão humana, à busca da felicidade, ao corpo e à alma. Ao mesmo tempo em que formava pessoas, ele divulgava o cristianismo e conduzia a sociedade, do seu tempo, a buscar a cidadania celeste.

Agostinho, como cidadão romano, presenciava e não deixava de refletir sobre o trágico desmoronamento do mundo romano. Recorria às escrituras para demonstrar que Deus poderia, de fato, conduzir o ser humano para o caminho da justiça e que somente a fé na providência divina poderia amenizar os sofrimentos que afligiam o Império.

Assim, ruínas, homicídios, pilhagem, desolação, incêndio, horrores cometidos no recente desastre de Roma, tudo se deve as usanças guerreiras. Mas o fato estranho, o fato novo, a ferocidade dos bárbaros transformada nesse prodígio de clemência que escolhe, que designa ao povo as mais amplas basílicas como refúgio onde ninguém será ferido, donde pessoa alguma será arrancada, para onde os vencedores mais humanos levarão os cativos a fim de assegurar-lhes a liberdade, donde os mais cruéis não poderão tirá-los a fim de reduzi-los a escravos, devem-no ao nome do Cristo, à era cristã. Quem não vê é cego; quem o vê em silêncio, ingrato; quem se insurge contra as ações de graças, louco. Ninguém de bom senso o atribui aos costumes ferozes dos bárbaros. Quem lhes assombrou, freou, admiravelmente abrandou as mentes assim truculentas e ferozes foi Ele, que por boca do profeta há longo tempo dissera: *Castigar-lhes-ei as iniquidades com o cajado e os pecados com os flagelos, mas não os privarei de minha misericórdia* (AGOSTINHO, 2003, p. 34).

O teólogo propunha, por meio da mensagem Cristã, educar as pessoas daquele período para conviverem e se comportarem de acordo com os ensinamentos de Cristo, buscando o crescimento espiritual e a salvação eterna. Naquele momento, sua grande preocupação era encontrar formas de organizar a sociedade, e o processo educacional, de formação do pensamento cristão, apresentava-se como uma delas.

Algumas dessas idéias foram expostas ao longo do livro a *Cidade de Deus*. Para abordar os graves problemas que a sociedade enfrentava com a devastação do Império, ele desenvolveu um raciocínio com base na relação entre o modo de viver da cidade de Deus e o da cidade terrena. Para este pensador, o ser humano, por possuir um só corpo e um só espírito, seria, ao mesmo tempo, cidadão deste mundo e da cidade celestial.

Agostinho partia do princípio de que a salvação se encontrava no reino de Deus, isto é, na cidade celeste. Segundo ele, nesse sentido, a vida na sociedade terrena é passageira e precisaria estar apoiada no modelo divino e nos valores religiosos cristãos, ao passo que a sociedade de Deus representa a morada eterna após a morte. De acordo com Agostinho [...] “a morte não representa nenhum mal, se sucede a vida

santa; não pode ser mal, senão pelo acontecimento que a segue” (AGOSTINHO, 2003, p. 41)

Assim, o bispo de Hipona estava mostrando para aquela sociedade que Deus existia. Era preciso crer, sobretudo, que existia algo superior que conduziria à felicidade eterna. Somente a conversão e a obediência às leis cristãs poderiam contribuir para orientar as pessoas. O Império Romano era a cidade terrena; por isso era necessário que acreditassem que a fome, a miséria, as doenças, os saques, as guerras e todos os males que Roma sofreu faziam parte do mundo não espiritual. Por isso, ele dizia:

[...] quem na ruína de Roma, perdeu as riquezas terrenas, se as possuía conforme o ensinamento desse pobre por fora, mas rico por dentro, isto é, usando o mundo como se não o fizesse, pôde exclamar com o homem invulnerável às tentações mais rudes: Nu saí do seio de minha mãe e nu voltarei para o da terra. O senhor deu-me tudo, o senhor tirou-me tudo. O que me aconteceu aconteceu porque aprovou a Deus. Bendito seja seu nome (Idem, p. 38).

Diante desse cenário, cabia-lhe orientar as pessoas a ter fé, a acreditar que Deus existia e que a morte não era o fim de tudo, mas sim o começo da vida eterna, o encontro com Deus. As dificuldades enfrentadas eram muitas e a vida na terra somente seria possível com base na crença na salvação. Portanto, ele pregava a renúncia aos bens materiais. A preocupação deveria ser a busca da felicidade interior, só assim a humanidade se aproximaria de Cristo.

Dessa forma, ele procurava levar o cristão a tomar consciência de sua vida neste mundo e encaminhar-se por meio da fé à cidade celestial, para encontrar a fonte máxima da felicidade. Em razão disso, como outros doutores da Igreja, ele também desenvolveu argumentos para afastar a sociedade daquela atividade que era considerada pelos cristãos como uma das mais perniciosas, o teatro.

Como já expusemos, a arte teatral, considerada pagã, era rejeitada pelos cristãos, pois os jogos cênicos, introduzidos pelos gregos, eram consagrados aos deuses. São João Crisóstomo, em *Sobre a Van glória e a Educação dos Filhos*, advertia “[...] é preciso afastar o menino dos espetáculos desonestos, pois uma criança livre (em oposição à escrava) não deve jamais comparecer ao teatro” (CRISÓSTOMO, apud NUNES, 1978 p.166). Tertuliano também se exprimia contra a arte e os jogos

cênicos. Para ele, estes espetáculos eram desprezíveis, pois apresentavam cenas prejudiciais à formação dos cristãos. Em sua obra *Sobre os Espetáculos*, “[...] declara que o teatro está a serviço do diabo, de suas pompas e dos seus anjos, devido à idolatria, ao passo que os cristãos renunciaram a eles na pia batismal” (TERTULIANO, apud NUNES, 1978, p.166). Sobre os espetáculos teatrais e jogos cênicos, Agostinho fez as seguintes considerações:

Ficai sabendo, vós que os ignorais, vós que fingis ignorar e, livres de semelhantes tiranos, murmurais de vosso libertador, ficai sabendo que os jogos cênicos, espetáculos de infâmia, libertinagem de vaidades, não foram instituídos em Roma pelo vícios dos homens, mas por ordem de vossos deuses. Não valeria mais decretar honras divinas a Cipião que tributá-las a deuses assim? Tinham o mesmo valor do pontífice? Escutai, se a razão, de há muito embriagada pelas beberagens do erro, ainda vos permite alguns instantes de lucidez, escutai: é para aplacar a peste, assassina dos corpos, que vossos deuses reclamam os jogos cênicos, para conjurar a peste moral é que vosso pontífice se opõe a construção de teatro. Se ainda vos resta algum vislumbre de inteligência para preferir a alma ao corpo, escolhei vossas divindades (AGOSTINHO, 2003, p. 62).

Ao condenar os espetáculos teatrais, Agostinho estava preocupado com a degradação moral que assolava o Império. Ao assistirem às cenas funestas e trágicas representadas no teatro, a sociedade romana poderia se deixar corromper. Era preciso, portanto, afastar o público dos espetáculos e diversões teatrais. Ele esclarecia que esta arte, da forma como estava sendo representada, era própria dos que eram dominados pelas paixões, que só se divertiam no seio da corrupção e das cenas obscenas expostas no palco. Para ele, uma vez que os conteúdos dos espetáculos eram incompatíveis com os princípios pregados pelo cristianismo, os valores morais e religiosos, cuja conservação era imprescindível para a sociedade, poderiam ser corrompidos.

Tanto Santo Agostinho como outros teólogos da Igreja, que viveram em meio à inevitável ruína e à degradação moral de sua época, entendiam que a atitude que lhes restava era apontar caminhos e apresentar soluções.

Por isso, Agostinho recomendava que se evitassem os espetáculos teatrais, pois eles fascinavam as multidões. Após a conversão, o cristão deveria permanecer afastado dos espetáculos considerados mundanos. Em contrapartida, em suas pregações e sermões, ele ensinava o conteúdo da Sagrada Escritura, indicando que

os ensinamentos de Cristo, num momento em que as esperanças terrenas pareciam vãs, eram adequados para dar fortaleza.

Esta era uma forma de responder às necessidades e angústias da população do seu tempo, cuja vida social era marcada por muitas lutas internas, pela proliferação dos conflitos entre paganismo e cristianismo. Para justificar a Fé cristã diante de inúmeras doutrinas que ameaçavam a Igreja, ele fundamentava suas idéias nos princípios da filosofia platônica, dando assim substância teórica ao cristianismo.

Ao escrever sobre corpo e alma, ele mantinha a concepção platônica que definia o ser humano como uma alma que se servia de um corpo. Sendo a alma superior ao corpo, somente ela poderia agir sobre ele sem nada sofrer. Agostinho também se aproximava da doutrina platônica para explicar que a inteligência humana era assistida pela ação iluminadora e imediata de Deus. Isto é, para ele, o processo do conhecimento estava submetido a Deus, que era a fonte de toda verdade. Era essa, portanto, a filosofia que mais se aproximava da verdade da fé cristã, segundo o bispo de Hipona.

Todos os filósofos, pois, que a respeito do verdadeiro e supremo Deus pensaram ser o autor da Criação, a Luz das inteligências, o fim das ações, que dele nos vêm o princípio da natureza, a verdade da doutrina e a felicidade da vida, quer sejam justamente chamados platônicos, quer de outras escolas recebam outro nome, quer tais opiniões tenham sido professadas apenas pelos chefes da escola jônica, como Platão e os que compreenderam bem, quer Pitágoras, seus discípulos e talvez outros a tenham difundido nas escolas italianas, quer essas verdades tenham sido conhecidas e ensinadas pelos sábios ou filósofos das nações estrangeiras, além dos Atlas, na Líbia, no Egito, na Índia, na Pérsia, na Caldeia, na Cítia, nas Gálias e na Espanha, todos esses filósofos, repetimos, preferimo-los a todos os outros e confessamos que nos tocam de perto (Idem, p. 311).

Dessa forma, para explicar o processo do conhecimento, Agostinho adotou a teoria da reminiscência, que era mais compatível com a pregação da doutrina Cristã. Segundo ele, por meio da alegoria da caverna, Platão queria mostrar que, para atingir o conhecimento, era preciso chegar à contemplação das idéias, a essências maiores do que as que a luz física da realidade podia mostrar.

Esta teoria filosófica de Platão foi substituída por Agostinho pela doutrina da Iluminação. Ele não adotou inteiramente a concepção platônica da reminiscência, já que, após o batismo, enquanto cristão, ele não poderia admitir a existência da alma

antes do corpo, nem a contemplação das idéias numa vida anterior (PEREIRA MELO, 2002, p.67). Já para o filósofo grego, a alma existia antes do corpo e os conhecimentos atuais eram simples recordações.

Para Agostinho, o processo de conhecimento só podia ser explicado por uma iluminação divina. De alguma maneira, as verdades eram depositadas por Deus na mente. A “iluminação” tinha alguma relação com a idéia platônica de felicidade. Dessa forma, a luz do Sol, que iluminava as coisas, equivalia à iluminação divina sobre o homem na busca do conhecimento: “Deus é o Sol, e a alma a Lua, porque, segundo eles, a presença do Sol ilumina a Lua” (AGOSTINHO, 2003, p.372). Assim, para sustentar sua teoria, além de Platão, ele buscou apoio no Evangelho de São João:

*[...] Houve certo homem enviado de Deus; chamava-se João. Veio como testemunha, para dar testemunho da Luz, a fim de que todos por meio dele cressem. Ele mesmo não era a Luz, mas vinha dar testemunho da Luz. Era a Luz verdadeira, que ilumina todo homem que vem a este mundo. Tal distinção mostra claramente que a alma racional ou intelectual, como era a de João, não podia ser a Luz para si mesma, mas luzia pela participação de outra Luz verdadeira. É o que o próprio João confessa, quando, dando testemunho da Luz, declara: *De sua plenitude todos recebemos* (Idem, p. 372).*

Segundo Agostinho, o verdadeiro conhecimento residia na alma. Esta recebia a iluminação de Deus, o único que possuía a luz da inteligência. De acordo com esta concepção, o homem chegaria ao conhecimento por meio da iluminação divina. O professor direcionava, acalentava e proporcionava a iluminação, mas o processo era dirigido por Deus, por intermédio de Cristo, único Mestre da Verdade.

Portanto, o processo de formação da alma cristã e de crescimento interior deveria ser guiado pela razão. A educação deveria ser transcendente, sair de dentro, do interior, da alma. O conhecimento que a ela foi ensinado seria transmitido por meio dos sentidos exteriores.

[...] Servem-me um corpo e uma alma; o primeiro é exterior, a outra interior. Destas duas substâncias, a qual eu deveria perguntar quem é o meu Deus, que já tinha procurado com o corpo, desde a terra ao céu, até onde pude enviar, como mensageiro os raios dos meus olhos? Na parte interior que é a melhor (AGOSTINHO, 1996, p.265).

Nesta concepção, o ser humano era dotado de corpo e alma, e a alma é que dava vida ao corpo. Para Agostinho, a essência era a alma e ela se unia a um corpo para lhe dar vida. Para ele, a alma comunicava ao corpo as idéias divinas: “compreende-se assim que a alma tenha grandes responsabilidades para com o corpo” (BOEHNER&GILSON, 1988, p.183). Neste processo, a alma humana era responsável por todas as ações do homem. Em sua obra *De Magistro*, na qual discutia questões fundamentais sobre a aprendizagem, Agostinho revelou as conseqüências dessa concepção no campo educacional.

[...] erram, pois, os homens ao chamarem de mestre os que não o são, porque a maioria das vezes entre o tempo da audição e o tempo da cognição nenhum intervalo se interpõe; e porque, como depois da admoestação do professor, logo aprendem interiormente, julgam que aprenderam pelo mestre exterior, que nada mais faz que admoestar (AGOSTINHO, 1987, p.323).

Do ponto de vista de Agostinho, ninguém devia ser chamado de mestre na terra, pois, segundo o evangelho de Mateus, “O verdadeiro e único Mestre de todos está no céu” (Mt 23, 8-10).

Outro aspecto do pensamento de Agostinho é a relação que ele estabeleceu entre linguagem, memória e dom divino. Segundo ele, a linguagem era um instrumento necessário que permitia o ensinar e o aprender. De acordo com o Mestre de Hipona, as palavras serviam para instruir ou recordar algo. Aprender ou recordar algo era operar descobertas que permitiam a aprendizagem.

[...] mesmo sem emitir som algum, nós falamos enquanto intimamente pensamos as próprias palavras em nossa mente; assim, com as palavras nada mais fazemos do que chamar a atenção; entretanto, a memória, a que as palavras aderem, em as agitando, faz com que venham à mente as próprias coisas, das quais as palavras são sinais (AGOSTINHO, 1987, p. 292).

Para Agostinho, todo processo de aprendizagem dependia da memória e, adotando em parte a teoria platônica das idéias, ele entendia que o homem é um ser que esquece e todas as imagens percebidas pelos sentidos são recordadas pela memória. Ele próprio, como educador da época, ao fazer seus discursos, apoiava-se

na memória de seus ouvintes. Como todos os grandes medievalistas, ele sabia reconhecer e valorizar essa habilidade como um precioso dom de Deus.

[...] Quando lá entro mando comparecer diante de mim todas as imagens que quero. Umas apresentam-se imediatamente, outras fazem-me esperar por mais tempo, até serem extraídas, por assim dizer, de certos receptáculos ainda mais recônditos. Outras irrompem aos turbilhões e, enquanto se pede e se procura uma outra, saltam para o meio, como que a dizerem: “Não seremos nós?” Eu, então, com a mão do espírito, afasto-as do rosto da memória, até que se desanuvie o que quero e do seu esconderijo a imagem apareça à vista. Outras imagens ocorrem-me com facilidade e em série ordenada, à medida que as chamo. Então as precedentes cedem o lugar às seguintes, e, ao cedê-lo, escondem-se, para de novo avançarem quando eu quiser. É o que acontece, quando digo alguma coisa decorada (AGOSTINHO, 1996, p. 267).

Portanto, concebendo a memória como o principal instrumento de quem aprendia, Agostinho, como teólogo, por meio dos sermões, transmitia passagens da Escritura ao povo. Como educador, seus ensinamentos incidiam sobre a formação moral e humana. Com sua proposta de santificação, buscava uma aproximação com Deus, visto ser este o principal caminho e a luz para encontrar a verdade, a felicidade e o conhecimento.

O pensamento de Agostinho foi composto por uma mistura de platonismo, filosofia plotiniana e cristianismo paulino. Essas filosofias forneceram-lhe meios para justificar e explicar a fé Cristã e ajudaram-no a esclarecer, no sentido cristão, as dúvidas e as incertezas da sociedade do século V.

Em resumo, podemos afirmar que o cristianismo, em geral, encontrou respostas para as angústias humanas; respostas baseadas precisamente na fé, segundo a qual Deus se revelou por meio de Cristo. Este tornou-se homem, habitou a terra e pregou os princípios da sua doutrina: fé, amor, esperança, fraternidade e caridade. À medida que o cristianismo foi se difundindo, surgiu a necessidade de dialogar com os que não acreditavam em Cristo a fim de convertê-los. Dessa forma, Agostinho, como tantos outros cristãos, por possuir um profundo conhecimento da filosofia, utilizou as doutrinas filosóficas greco-romanas para divulgar os ensinamentos cristãos.

Muitas dificuldades foram encontradas nesse período do cristianismo primitivo e grandes pensadores da Igreja lutaram para divulgar e defender a fé cristã. Rosvita, embora tenha vivido um período bem posterior, também vivenciou profundas

transformações na sociedade e também lutou para defender a fé cristã. As instituições, os costumes e os valores tradicionais tinham começado a se alterar, influenciando o pensamento das pessoas. Rosvita, como educadora, percebeu as alterações que estavam ocorrendo e empregou sabiamente todo o conhecimento clássico que possuía para ensinar e educar. Ela retomou os escritos de pensadores dos primeiros séculos da era cristã e, por isso, a concepção de mundo, resultante da adaptação da filosofia grega à doutrina cristã, também é encontrada em suas obras.

Em suas peças, ela retomou questões já discutidas por Agostinho referentes ao corpo e alma, matéria e espírito, para demonstrar que era importante se preocupar com o destino da alma e que a vida terrena era passageira.

O modelo disciplinar que buscava o controle dos desejos do corpo e a dominação dos seus instintos era um dos princípios defendido por Paulo e também por Rosvita. Como ela precisava orientar as mulheres e as monjas do mosteiro, estabeleceu um modelo de vida a ser seguido: viver de acordo com os ensinamentos cristãos e renunciar aos prazeres do corpo.

Na peça *O Martírio das Santas virgens Fé, Esperança e Caridade*, ela representa uma situação em que demonstra o emprego desta virtude. Na cena, o Imperador, ameaçando Sabedoria por defender a prática da religião cristã, convida a mãe e as filhas a prestarem culto aos deuses e apresenta a imagem da deusa Diana como modelo a ser seguido. A autora resolve o conflito dramático com a representação das monjas triunfando diante de todas as provocações e fazendo uma defesa rigorosa da fé cristã. Para Rosvita, era necessário que o verdadeiro cristão renunciasse à vida na sociedade pagã e, nesse sentido, induzia as mães a incentivarem a vocação religiosa das filhas.

Acreditamos que Rosvita bebeu também nas fontes escritas por Tertuliano, especialmente quando ela exorta ao martírio. Na época clássica romana o martírio era usado para expressar a fé em Cristo e, no século X, a escritora se serve deste tema e, no enredo de suas peças, cria inúmeras cenas, nas quais aconselha as personagens a suportarem as torturas e a morte.

Segundo Lauand, foi apenas no século X que o teatro medieval passou a ter o objetivo de instruir e, como no medievo a religiosidade exercia uma grande influência na sociedade, ele foi contagiado pelo elemento religioso. Para esse autor, Rosvita, “[...] é figura de extraordinária importância para a história do teatro: é a responsável – após

séculos de ausência – pelo restabelecimento da composição teatral no Ocidente” (LAUAND, 1998, p.169). No mosteiro beneditino, Rosvita recriou o teatro e transpôs para o enredo de suas peças os mesmos princípios pregados pelos teólogos do cristianismo primitivo.

Entendemos que muitos teólogos, como Tertuliano e Agostinho, estavam preocupados com a formação educacional, moral e religiosa, por isso condenavam todos os tipos de espetáculos cênicos que fossem violentos, ridicularizassem os cristãos ou fossem lascivos. É interessante que, com uma preocupação similar relacionada à disciplina, aos costumes e aos valores morais e religiosos que estavam se perdendo, ela tenha retomado o teatro como instrumento didático. Dramatizando temas considerados importantes para a preservação da mensagem cristã na sociedade feudal, ela destacou o martírio, a virgindade, os princípios religiosos, os conhecimentos das disciplinas do *trivium* e do *quadrivium* e transformou o teatro em uma fonte de extraordinário valor para o conhecimento da sociedade naquela época.

Enfim, Rosvita procedeu como outros pensadores cristãos que exerceram o papel de pedagogos e souberam apropriar-se da filosofia clássica para transmitir a doutrina cristã e, apresentando uma nova concepção de mundo, por meios de cartas, sermões, discursos tratados ou peças de teatro, contribuíram para o processo educativo.

No próximo capítulo, procederemos a uma análise das transformações ocorridas no campo filosófico, educacional e social, com destaque para a organização do sistema feudal após o final do Império Carolíngio, quando os escritos de Rosvita foram produzidos.

CAPÍTULO II

O PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DA EDUCAÇÃO MONÁSTICA

No primeiro capítulo, analisamos as propostas filosóficas e religiosas motivadas pelas várias transformações que ocorreram na sociedade durante os primeiros séculos da Antigüidade cristã (século I ao V). O estudo desse período foi importante porque ajudou a compreender o caminho que a Igreja percorreu e os esforços que ela promoveu para ordenar uma sociedade em crise. Ao basear-se em escritos clássicos, na Escritura Sagrada e em outros autores pagãos, muitos pensadores, como os Padres da Igreja e os Apologistas, desenvolveram todo um pensamento que possibilitou a reorganização da sociedade e a difusão do cristianismo. Demonstramos que esse pensamento constituiu um dos legados culturais que influenciaram os escritos de Rosvita, no século X, momento em que as relações feudais se estabeleciam.

Os escritos dessa canonisa foram produzidos no mosteiro de Gandersheim na Alemanha, fato que revela uma diferença fundamental entre fase inicial da estruturação da Igreja, o momento do cristianismo primitivo, e a complexa organização por ela atingida no século X.

Neste capítulo, abordaremos aspectos que julgamos fundamentais para compreendermos o processo de construção da educação monástica anteriormente à época de Rosvita, tendo em vista que ela produziu suas peças teatrais e suas poesias no mosteiro de Gandersheim. Nesse importante centro cultural as abadessas, as damas nobres e as canonisas tinham a oportunidade de desenvolver uma formação intelectual voltada para a prática da leitura e da escrita. Em um primeiro momento, analisaremos a importância da fundação do mosteiro de Bento de Núrsia no século VI, e, em seguida, trataremos da reforma de Cluny em fins do século IX e início do X, quando Rosvita elaborou seus escritos. A seguir, faremos uma exposição dos principais pensadores cristãos que estruturaram as bases sobre as quais se organizaria a igreja após a fase do cristianismo primitivo bem como um estudo da época histórica e das questões vividas pelos homens após a desestruturação do Império Carolíngio, quando se tornaram mais evidentes as relações feudais.

3.1 – A TRAJETÓRIA DOS MOSTEIROS

Ao analisarmos a fundação do mosteiro de Bento de Núrsia, é necessário considerar que, no século VI, em oposição ao desmoronamento social resultante da decadência do Império e das invasões bárbaras, a Igreja e os mosteiros são importantes instâncias de preservação do conhecimento cultural e intelectual produzido na Antigüidade greco-romana.

As escolas monásticas, além de preservar obras da Antigüidade, transmitiram o pensamento cristão e tornaram-se importantes centros educativos. Assim, muitos pensadores e escritores cristãos tiveram, no mosteiro, a oportunidade de receber uma formação clássica. Considerando que a canonisa Rosvita viveu parte da sua vida em um mosteiro beneditino, esse fato contribuiu para sua formação intelectual. Acreditamos que ela tenha estudado os escritos de Tertuliano, Santo Agostinho e Boécio, pois suas idéias parecem tê-la marcado profundamente, no entanto, podemos afirmar que a Vulgata, os Evangelhos Apócrifos e a Vida dos Santos a inspiraram.

Bento de Núrsia (480 – 547) exerceu um papel significativo no mosteiro por ele fundado. Formado em Roma, Bento modificou drasticamente a prática religiosa dos cristãos que se dedicavam integralmente à religião. Em sua *Regra*, estabeleceu rigorosas normas para o convívio dos monges. Determinou a adoção, no interior do mosteiro, de um comportamento pautado no cristianismo, na disciplina, na subordinação, na oração, no trabalho, no estudo, no respeito a Deus, na caridade e na humildade. Sua obra é composta por setenta e três preceitos básicos que definem e organizam as tarefas diárias no interior do mosteiro. Em seu prólogo, Bento dá uma indicação da finalidade dessa regra:

Devemos, pois, constituir uma escola de serviço do Senhor. Nesta instituição esperamos nada estabelecer de áspero ou de pesado. Mas se aparecer alguma coisa um pouco mais rigorosa, ditada por motivo de equidade, para emenda dos vícios ou conservação da caridade não fujas logo, tomado de pavor, do caminho da salvação, que nunca se abre senão por estreito início. Mas, com o progresso da vida monástica e da fé, dilata-se o coração e com inenarrável doçura de amor é percorrido o caminho dos mandamentos de Deus. De modo que não nos separando jamais do seu magistério e perseverando no mosteiro, sob a sua doutrina, até a morte, participemos, pela paciência, dos sofrimentos do Cristo a fim de também merecermos ser co-herdeiros de seu reino. Amém (REGRA DE SÃO BENTO, 1993, p.1).

Essas *Regras* influenciaram intensamente toda a comunidade cristã, ao longo da Idade Média. De acordo com Cambi: “[...] cada mosteiro devia ser auto-suficiente e cada monge era submetido a uma intensa vida de ascese e ao princípio do *ora et labora*, que atribuía ao trabalho manual um papel crucial (sete horas por dia) na formação individual e na vida da comunidade” (CAMBI, 1999, p. 132). Sendo assim, o lema da vida beneditina era rezar, trabalhar e descansar.

Segundo a *Regra* beneditina, os monges deveriam seguir os preceitos determinados e, como cristãos, deveriam comprometer-se também com os ensinamentos do Evangelho. Para isso, eles deviam abandonar tudo o que dissesse respeito a sua vida anterior, como bens terrenos, vida conjugal e comprometer-se a obedecer ao Abade, que era a figura central do mosteiro. Este, um representante de Cristo, deveria governar mais com o exemplo do que com as palavras: “[...] o Abade digno de presidir ao mosteiro deve lembrar-se sempre daquilo que é chamado, e corresponder pelas ações ao nome do superior” (REGRA DE SÃO BENTO, 1993, p. 2). Assim, Bento propunha aos jovens o voto de obediência, castidade e pobreza.

Esses ideais também foram defendidos por Rosvita, que procurava afastar as pessoas da vida considerada mundana. Em várias cenas e diálogos de suas peças, ela transmitiu esses valores preconizados pelo cristianismo, a exemplo da seguinte passagem da obra *Conversión de la meretriz Taide*, na qual fica claro que era fundamental se desfazer dos bens terrenos porque um dos ideais cristãos era permanecer pobre:

TAIDE: Dame un poquitín de tiempo, para que reúna las riquezas que, adquiridas de mala manera, he ido conservado durante tanto tiempo.[...]
[...]TAIDE: No me esforzaré en querer conservarlas para mí o en dárselas a los amigos; antes bien, ni siquiera intentaré distribuirlas entre los mendigos, porque no creo que el preciso de tal sacrificio sea bueno para emplearlo en obras de caridad.[...]
[...]TAIDE: Arrojarlo al fuego y reducirlo a cenizas.[...]
[...]TAIDE: No lo temas, que muy distintas cosas me ocupan la mente; pues dispongo libremente de mi patrimonio familiar, según mi voluntad, y he renunciado públicamente a mis amantes (ROSVITA, 2003, p.99-101).

As palavras de Rosvita evidenciam o quanto era importante para o cristão afastar-se das coisas mundanas e dedicar-se às coisas interiores da alma. Neste

sentido, o mosteiro era o local adequado para vivenciar a Fé e praticar a conversão. Em conformidade com Bento, o trabalho manual ocupava a mente, afastando o homem da vida “desregrada”. Neste sentido, os monges deveriam despender algumas horas diárias com o trabalho manual, com a cultura dos campos, e outras, com a leitura espiritual. Os monges não podiam viver na ociosidade, precisavam se ocupar sempre com alguma atividade: “[...] trabalhar significa renunciar voluntariamente à liberdade, à nobreza, significa descer até a terra, até a condição de escravo, significa humilhar-se” (DUBY, 1982, p.183). Dessa forma, quem ingressava no mosteiro estava decidido a se dedicar ao trabalho e à obediência a Deus. Porém, apesar do grande tempo dedicado ao trabalho corporal, os poucos momentos dedicados à vida intelectual e às atividades de escrita foram importantes para a formação espiritual e cultural de muitos pensadores cristãos.

Oliveira pontua que em todos os momentos da história os homens procuraram criar e reservar um espaço para o saber. Com o início da Idade Média, uma forma de saber deixou de existir, mas abriu-se um novo espaço, com características diferentes em relação ao “espírito e ao local do saber antigo”.

É o momento em que se fecham as portas de uma forma de saber e, ao mesmo tempo, um novo espaço é aberto. Seguramente este novo espaço possui características distintas, tem preocupações diferentes e novas em relação ao saber antigo. No entanto, é o local em que se tornou possível salvaguardar e produzir um novo conhecimento. Assim, o fechamento da Academia de Platão por Justiniano e a fundação do mosteiro por Bento de Núrsia expressariam o final de uma forma de filosofar e o nascimento de uma outra forma. Isso se deve ao fato de que, na academia de Platão, o filosofar dava-se de acordo com uma natureza vinculada ao mundo e tradições greco-romanas, e nos mosteiros, o filosofar ocorre no âmbito da cristandade (OLIVEIRA, 2005, p.17).

Podemos asseverar que foi no espaço ocupado pelos monges que se tornou possível conservar e produzir conhecimentos. É importante salientar que, durante a Idade Média, desenvolveu-se nos mosteiros um sistema educacional que, ao mesmo tempo em que era eclesiástico, promovia um largo desenvolvimento no âmbito intelectual. Assim, segundo Oliveira, o mosteiro não pode ser considerado apenas como um local de preservação da cultura:

[...] acima de tudo, nele preserva-se a vida a partir de uma nova perspectiva, a do cristianismo. Assim, não é só o local, o espaço que é novo. Também o que será ensinado e vivido é novo. Trata-se de uma nova filosofia, imbuída antes de tudo pelo princípio da conversão (OLIVEIRA, 2005, p.18).

Do século VI até o século IX, ocorreu uma proliferação de mosteiros que seguiram o modelo e as regras estabelecidas por Bento. No entanto, a partir do século IX, quando a Europa ocidental foi assolada por novas ondas de invasões, um novo processo de crise instalou-se nos mosteiros. Os primeiros ataques foram os dos normandos, cujo alvo principal eram os mosteiros localizados nas proximidades da costa do norte da Europa, e, como estes eram os principais locais onde se podia buscar o conhecimento e a cultura, o impacto das invasões repercutiu negativamente na produção e reprodução do saber. Os invasores espalhavam pânico e desordem por toda parte, levando consigo os tesouros encontrados. A população local também se aproveitava da desordem para levar o que podia. O prejuízo não era apenas material: bibliotecas foram destruídas, acarretando uma interrupção dos estudos.

De acordo com Marc Bloch, a partir desse momento, o monaquismo decaiu profundamente e, conseqüentemente, a vida intelectual também foi comprometida (BLOCH, 1987). Muitos monges fugiram, levando consigo os costumes monásticos. Dessa desordem originaram-se algumas modificações, algum progresso, principalmente em relação à disseminação da fé cristã.

[...] melhor do que as peregrinações dos leigos, conhecemos as dos monges. Como ao longo dos caminhos do exílio eles transportavam, com as suas relíquias, as suas piedosas tradições, seguiu-se toda uma fabricação de lendas, muito adequada ao fortalecimento da unidade católica, ao mesmo tempo que a do culto dos santos (BLOCH, 1987, p. 59).

Nesse contexto, os mosteiros, a maior estrutura educativa fundada por homens devotos da religião, apesar das destruições, foram fundamentais para que os ensinamentos bíblicos fossem ouvidos pelo povo. Na passagem citada, Bloch observa que os monges, durante as longas caminhadas em busca de refúgios mais seguros,

contavam histórias sobre a vida dos santos e isto proporcionava o fortalecimento da unidade católica.

Por volta do século X, após a onda de invasões e saques, uma “certa paz” principiou a prevalecer no Ocidente Medieval, possibilitando a reorganização dos mosteiros e da própria sociedade. Apesar das profundas comoções sociais que permeavam a Europa no começo do século X, os mosteiros, por sua própria constituição, foram os primeiros a se recuperar. Situados em grandes propriedades, eles continuaram a ser culturalmente importantes. Eram centros difusores da literatura, da arte e da educação; organizados, tinham disciplina, regras e prosperavam. Ali os monges se responsabilizavam em manter as tradições dos séculos precedentes. Assim, mais uma vez, foram os mosteiros que conseguiram preservar um pouco do conhecimento literário copiado com grande esforço pelos monges anteriores.

Nesses ilustres centros de estudos, grandes pensadores, como Bento de Núrsia, Alcuíno, Beda, Rosvita, entre outros, viveram ou passaram parte de suas vidas.

As cortes episcopais, os grandes mosteiros, as capelas dos soberanos, em resumo, todos os estados-maiores do exército eclesiástico, contaram sempre (*sic*) clérigos instruídos, os quais, aliás muitas vezes, de origem baronial ou cavaleiresca, haviam sido formados nas escolas monásticas e sobretudo nas escolas das catedrais (BLOCH, 1987, p. 97).

As instituições monásticas foram, deste modo, centros de poder do conhecimento e do saber. Nesse período, atentos às transformações sociais que ocorriam, os mosteiros, reformulavam-se e continuavam atuando e intervindo na sociedade. Um exemplo dessa adaptação foi a reforma monástica de Cluny, em fins do século IX. Essa importante instituição inaugurou um monaquismo de “espírito novo”. Duby assinala que esse foi um dos maiores projetos monásticos de todos os tempos: “Benedictinos sempre, mas interpretando a regra à sua própria maneira e sonhando com outra coisa” (DUBY, 1982, p.163). Os cluniacenses, embora com uma ênfase diferente, com regras demasiado brandas com relação ao trabalho diário dos monges, desejavam fazer renascer a Regra de São Bento e buscavam um modo de vida

totalmente harmonizado com os desígnios da religião cristã. Foi na abadia de Cluny que se deu uma especial atenção para a liturgia.

Desde sua fundação, em 910, na Borgonha, a abadia não parava de crescer. Com a reforma proposta no interior do mosteiro de Cluny, pregava-se um retorno aos valores espirituais e sonhava-se com uma sociedade mais pura e conduzida para os ideais que o cristianismo pregava. Os monges queriam afastar os homens do apego aos bens materiais, pois eles estavam se distanciando cada vez mais dos valores cristãos pregados pelos primeiros apóstolos. Por meio de preces e súplicas, devia-se criar um elo de ligação com o reino dos céus.

A principal tarefa dos monges era “[...] cantar em coro o louvor ao Senhor, identificando-se assim ao coro dos anjos” (DUBY, 1982, p.164). Em meio à turbulência do século X, os cluniacenses sonhavam com um mundo inteiramente liberto dos perigos terrenos. Por meio do canto, os monges tentavam se aproximar do além, acreditavam que podiam salvar as almas do povo e protegê-las contra os perigos e os horrores do fim dos tempos.

Por esse motivo, os monges não deveriam mais executar quase nenhum trabalho manual, devendo dedicar maior tempo às orações e à liturgia. “Os monges não eram trabalhadores manuais nem intermediários: estavam ao serviço de Deus e cumpriam melhor o seu dever se estivessem libertos de todas as preocupações terrenas” (DUBY, 1980, p. 230).

É importante relembrar que, nos mosteiros do início da Idade Média, de acordo com a *Regra de São Bento*, os homens deveriam dedicar-se ao trabalho manual. Com a reforma do século X, os monges consagravam seu tempo quase que exclusivamente à oração. A sobrevivência material dos monges passou a ser suprida pelo trabalho dos servos e pelas doações dos nobres.

Oferecer ao Senhor a primeira colheita ou cada décimo feixe após a colheita era também uma dádiva propiciatória. No entanto, estes bens consagrados não eram destruídos e mais uma vez esta alteração teve conseqüências de longo alcance. Eram entregues a homens encarregados de uma tarefa específica – rezar. Assim, a penetração do cristianismo levou ao estabelecimento dentro da comunidade de um grande grupo de especialistas, que não tomavam parte nem no trabalho da terra nem em expedições guerreiras de pilhagem e que formavam um dos sectores mais importantes do sistema econômico. Não produziam nada. Viviam de subvenções sobre o trabalho dos outros.

Em troca destes pagamentos, ofereciam orações e outros gestos sagrados pelo bem estar da comunidade (DUBY, 1980, p. 68-69).

Assim, promoveu-se uma nova interpretação da *Regra*. Preocupados com a degradação espiritual, os monges cluniacenses que ali viviam deveriam se comprometer em cumprir estritamente as normas beneditinas. Para realizar as mudanças e renovar a disciplina monástica, precisavam se libertar das tarefas ligadas à reprodução da vida material, porque só assim teriam mais tempo livre para se dedicar à liturgia, às orações e às súplicas.

Cluny tornou-se conhecido e o movimento de reforma por ele inaugurado desencadeou uma renovação no interior dos demais mosteiros, a qual representou, de fato, a expansão cluniacense. Qualquer mosteiro que solicitasse uma reforma deveria ser incorporado à abadia de Cluny. Com isso o número de congregações e de monges multiplicou-se; os cluniacenses tornaram-se ricos, aumentaram seus ganhos, tiveram muito dinheiro disponível e adquiriram muitas terras.

Segundo Duby, uma parte da riqueza foi utilizada para embelezar a Igreja, pois a casa de Deus deveria ser semelhante à luz exuberante no céu. As despesas nos mosteiros aumentaram consideravelmente, pois era preciso assegurar conforto, boa alimentação e vestes mais requintadas para os monges.

Era imperativo exaltar a glória de Deus e assim conferir maior esplendor à liturgia; reconstruir os santuários e decorá-los profusamente; instalar os monges com um grau de conforto que os tornasse perfeitamente disponíveis para o Ofício Divino e que patenteasse sua superioridade sobre os vários 'estados' (status) do mundo. Era-lhes servido abundante alimento de grande qualidade. As suas vestes eram renovadas anualmente. O trabalho manual prescrito pela regra foi reduzido a tarefas totalmente simbólicas nas cozinhas. Os monges viviam como senhores: quando viajava, o abade aparecia em público escoltado, como um governante, por um séquito a cavalo (DUBY, 1980, p. 232).

A partir de então, os monges formavam uma congregação e deveriam se comprometer a cumprir as normas beneditinas, entre elas, eleger livremente seu abade, o qual, até então, era, na maioria das vezes, indicado pelos senhores feudais, que interferiam na vida dos mosteiros que ficavam em seus domínios. A autonomia

desobrigava os cluniacenses de se submeter à jurisdição de qualquer poder terreno, príncipe secular, conde ou bispo.

Segundo Duby, em 1024, o papa estendeu esse privilégio a toda jurisdição episcopal, ou seja, em todos os priorados da congregação de Cluny, a autoridade máxima passou a ser exercida pelo abade (DUBY, 1980), que dirigia todos os mosteiros que solicitavam a reforma. Com essa expansão, naturalmente, as despesas também aumentaram e, para mantê-las e assegurá-las, era necessário conseguir muitas doações em espécie e em dinheiro. Era comum grandes senhores e reis emprestarem dinheiro e fazerem generosas doações para sustentar os mosteiros e Igrejas, pois essa ajuda tinha um significado religioso: “[...] todos tinham de servir a Deus para a sua própria salvação e para a salvação das pessoas sob a sua protecção” (DUBY, 1980, p. 249). Ao consagrar sua riqueza ao serviço de Deus, os grandes senhores recebiam, em troca, orações.

Em 1088, chegou-se a construir a maior Igreja de toda cristandade latina: “[...] para fornecer os refeitórios, faziam-se cada vez mais compras. Cerca de 1122, menos de um quarto do consumo de Cluny era produzido nas suas terras. Despendia muito dinheiro em pão e vinho” (DUBY, 1980 p. 232). Assim, era necessário comprar provisões dos agricultores e isto estimulou a produção local. Os camponeses prosperavam vendendo sua mercadoria para os monges e também trabalhando nas obras de construção da imensa Igreja.

O atendimento às necessidades dos mosteiros propiciou a circulação do dinheiro. Portanto, eles “[...] causavam a infiltração de moeda numa comunidade essencialmente camponesa, através dos pagamentos aos carregadores, mineiros e grupos de trabalhadores à peça (sic) empregados na construção da igreja, e pela compra de provisões” (DUBY, 1980, p. 233). O Ocidente medieval viu-se coberto de Igrejas por toda parte. Os camponeses podiam ganhar dinheiro, pois recebiam pagamento de acordo com os serviços prestados. O trabalho dos camponeses passou a ser explorado de outra forma. Lentamente, a agricultura prosperou e a produção abriu-se à circulação monetária. As trocas comerciais incentivaram o surgimento das cidades. Todos esses fatos, conjuntamente, conduziram o homem a uma profunda mudança de comportamento. Ele procurava produzir e comercializar cada vez mais.

A riqueza de Cluny impulsionou a economia, mas em contrapartida essa riqueza provocou uma crise nos valores morais da Igreja e do próprio cristianismo. Foram

surgindo muitas críticas, a ponto de a Igreja ser acusada de corrupção, luxo, opulência e degeneração.

Com o enriquecimento, os mosteiros esqueceram o princípio da ordem beneditina que eram a obediência, a pobreza, a humildade e o trabalho manual. Os monges passaram a viver das rendas e das doações dos homens de posse, os quais, por sua vez, doavam suas riquezas aos mosteiros para que os monges rezassem por sua alma. Duby assevera que os servos de Deus estavam preocupados, em demasia, com os bens materiais (DUBY, 1980).

Foi, pois, nesse cenário contraditório de fortalecimento e de gradativa corrupção dos austeros costumes dos beneditinos que surgiram os escritos de Rosvita, cujos poemas e peças foram inspirados em histórias de natureza hagiográfica do século IV e V. Ou seja, foi nesse contexto de crítica à riqueza e à opulência que predominava nos mosteiros que suas obras adquiriam sentido. Por isso, para se compreender a atuação reformadora de Rosvita, é interessante fornecer um quadro do desvirtuamento dos mosteiros em relação à proposta inicial, o papel que eles tiveram na formação dos homens e na construção da sociedade do século X.

Os escritos de Rosvita chamavam a atenção para o abandono das coisas terrenas, da riqueza, do luxo e da opulência. Esses vícios, segundo os valores cristãos, degeneravam a alma. Por isso, enquanto educadora, ela tinha uma proposta pedagógica de vida.

De um lado, ela se antecipou aos cistercienses⁵ e, de outro lado, recuperou os princípios defendidos por Bento de Núrsia, ensinando que os fiéis deveriam retornar aos hábitos do primeiro momento do cristianismo, à vida pobre; ou seja, viver como Cristo, como os Apóstolos. Tal como Bento de Núrcia, ela lutou contra o estilo de vida de muitos fiéis. Assim como ele, para recuperar conceitos doutrinários cristãos, ela estabeleceu normas, valores e regras de comportamento para uma nova forma de sociedade que, em meio à crise de valores do século X, estava emergindo.

Os escritos da canonisa são exemplos da importância que os mosteiros exerceram na educação e na formação dos homens durante a primeira fase da Idade

⁵ É nesse contexto também que, tempos depois, vai adquirir sentido a Reforma de Cister. São Bernardo (1090-1153), um dos maiores pregadores cistercienses do seu tempo, fez uma crítica rígida e austera aos costumes corrompidos de Cluny. A expansão e o enriquecimento dessa ordem tinha provocado a decadência moral. Esses fatos despertaram a ira de muitos eclesiásticos que propuseram o regresso às origens da Regra de São Bento, a partir do movimento cisterciense. "Os cistercienses rejeitavam as atitudes senhoriais de Cluny, recusavam-se a viver de rendas ou do trabalho de outros. Possuíam apenas terra - mas não tinham servos, reideiros, moinhos ou dízimas - e trabalhavam-nas eles próprios" (DUBY, 1980, p. 235).

Média. Foram esses locais que possibilitaram o desenvolvimento da escrita, da leitura, da reflexão, além do trabalho e da oração. Os monges submetidos a uma regra de vida coletiva desempenharam um importante papel no medievo. O estudo da Sagrada Escritura e dos clássicos greco-latinos, por um lado, e a firmeza das regras de comportamento, por outro, tornaram os mosteiros medievais, especialmente o de Bento de Núrsia e de Cluny, verdadeiros espaços educativos.

As diferentes interpretações dadas à regra beneditina, no decorrer dos séculos V ao XI, foram resultantes das transformações sociais ocorridas em cada momento histórico e exerceram influência na vida dos homens. Por isso, nesse breve panorama sobre a trajetória dos mosteiros, consideramos necessário também uma breve exposição sobre o pensamento dos primeiros filósofos escolásticos o que implica, para se ter noção do processo, recuar a um tempo anterior.

3.2 - OS PRIMEIROS FILÓSOFOS ESCOLÁTICOS

Um quadro social de insegurança e decadência caracterizou a fase final do Império Romano e o início da Idade Média. Com a invasão dos povos do norte, o Império Romano desmoronou e sobre suas ruínas fundaram-se vários reinos povoados por hordas, em geral, independentes entre si. A sociedade não possuía leis gerais que a norteassem. Cada comunidade tinha seus próprios costumes, não havia um governo único que as organizasse. Este era o estado em que se encontrava a Europa entre os séculos V e VIII, ou seja, um verdadeiro caos, uma desordem total.

As populações andavam sempre deslocadas e atropelando-se mutuamente; não podia estabelecer-se cousa alguma que fosse fixa e por toda a parte recomeçava a vida errante. [...] Mas a sociedade não podia em parte alguma nem tomar assento nem adotar regras; prolongava-se por toda parte a barbárie pela mesma razão porque havia nascido (GUIZOT, 1907, p.101-102).

A sociedade como um todo passou a conviver com os valores, os costumes e o modo de vida desses povos novos. Aos poucos, ao longo dos séculos VII e VIII, os hábitos dos dois povos, suas idéias e pensamentos foram se mesclando naquela

Europa ocidental “rústica”. Do confronto, de acordo com Duby, surgiu uma situação em que a cultura “[...] romana, num processo de decadência, fundiu-se com outra, a germânica em fase de ascensão” (DUBY, 1980, p. 30). Essa fusão entre as duas culturas influenciou profundamente a formação e a educação dos homens, prevalecendo entre eles o domínio da força, o gosto da aventura, a incerteza e a instabilidade dos povos.

Segundo Guizot, o aspecto mais visível desta sociedade, nos primeiros séculos da Idade Média, é a vida errante, nômade. A guerra entre os homens era uma constante. Os príncipes desses novos povos e seus companheiros aliavam-se e formavam bandos para promover saques. “Em nenhum systema ha cousa alguma fixa, todas as instituições são como as situações sociais; coexistem, confundem-se e mudam constantemente” (GUIZOT, 1907, p. 98).

É importante observar, seguindo a ordem de idéias do autor, que os sentimentos e as idéias não eram controlados por um governo ou razão social. As pessoas agiam de acordo com a sua própria vontade, paixão e interesse. Em sua rudeza, encontravam-se dispersas, indiferentes entre si. Não existiam princípios e sentimentos comuns. Com a falta desses elementos, tornava-se impossível estabelecer vínculos e isto dificultava a convivência e as relações entre os diferentes segmentos dessa sociedade.

No entanto, apesar da violência, várias tentativas foram feitas para melhorar o quadro intelectual e educacional dos povos bárbaros que invadiram e passaram a habitar as regiões do que fora o antigo Império Romano a partir do século V. De acordo com Thierry “[...] a Igreja teve a iniciativa nesta retomada do movimento de vida e de progresso;” (THIERRY, 2005, p. 89), graças aos mosteiros, que se cercaram de muralhas para se protegerem das invasões, se tornaram importantes centros educacionais de fundamental importância para o desenvolvimento dos séculos seguintes. Nesses mosteiros, como já vimos, pensadores, padres da Igreja, educadores como Boécio, Alcuíno, Cassiodoro, Isidoro de Sevilha, Beda, Rosvita, entre outros, preservaram inúmeras obras da cultura antiga, a língua, a tradição e a religião, as quais foram assimiladas pelos povos que invadiram o Ocidente europeu deste período.

Um dos nomes mais expressivos dessa primeira Idade Média foi Boécio, nascido em Roma cerca de 470 e falecido em torno do ano 525. Tendo vivido no

fim da Antigüidade e no início da Idade Média, seus escritos revelam um contexto de profundas transformações sociais. Boécio “[...] em meio da barbárie dominante, realizar (na medida do possível....) a salvação e transmissão da cultura antiga para os novos ocupantes do Ocidente, instalados onde florescera o Império Romano” (LAUAND, 1998, p.76).

Boécio percebeu a gravidade do momento e o quanto era importante conservar o saber antigo, pois, com as invasões, a cultura greco-romana corria o risco de desaparecer. Seu maior projeto era traduzir para o latim todos os tratados de Aristóteles e todos os diálogos de Platão; no entanto, ele não conseguiu transmitir o que idealizou, devido a sua trágica morte. Segundo Lauand, ele “[...] traduzia à risca e selecionava o melhor que os seus bárbaros podiam assimilar” (LAUAND, 1986, p.25).

Como educador, Boécio contribuiu de forma inovadora para a constituição do método escolástico e para a organização do programa educativo na Idade Média. Lauand afirma que, com o surgimento do *De Trinitate*, no início do século VI, pode-se dizer que Boécio foi considerado o primeiro escolástico (LAUAND, 1998). Seus escritos sobre teologia possibilitaram um maior entendimento da relação entre fé e razão e influenciaram os pensadores posteriores na composição da escolástica.

Ainda segundo Lauand, os opúsculos teológicos de Boécio, principalmente *De Trinitate*, exerceram profunda influência sobre o pensamento de um dos maiores teólogos do século XIII, S. Tomás de Aquino, que se apoiou nas teses boecianas para escrever a parte sobre a Trindade da Suma Teológica. Por isso, Boécio, cujos opúsculos contêm as “primícias do método escolástico”, é considerado por Stewart e Rand “um precursor de S. Tomás” (LAUAND, 1998, p. 78).

Lauand comenta que, em *De Trinitate*, conforme o próprio Boécio declarava, ele tinha se proposto a discutir e a esclarecer as verdades da fé por meio da razão com base nas idéias platônicas de Santo Agostinho, às quais acrescentou os ensinamentos aristotélicos. A necessidade de conjugar a fé e a razão por meio da filosofia pagã era justificada por ele pelo fato de que só a religião não conseguiria aplacar a angústia humana (LAUAND, 1998).

Os *Opúsculos* de Boécio são o exemplo de uma teologia que se constituiria como ciência e que investigaria os princípios filosóficos da fé. O núcleo central da sua discussão teológica residia em explicar a questão da Trindade, estabelecendo a unidade entre “Pai, Filho e Espírito Santo”.

Há muitos que usurpam a dignidade da religião cristã, mas a fé que é válida principal e exclusivamente é aquela que, tanto pelo caráter universal de seus preceitos – que dão a medida da autoridade da religião – quanto pelo seu culto, se espalhou por quase todo o mundo e é chamada católica ou universal. Dessa fé, a sentença da unidade da Trindade é: “O Pai é Deus, o Filho é Deus, o Espírito Santo é Deus.” E, portanto, Pai, Filho e Espírito Santo são um Deus e não três deuses (BOÉCIO, apud LAUAND, 1998, p.84).

Na passagem anterior, Boécio revela-se preocupado com a natureza, com Deus e com a religião cristã. Ele aponta que não se podem estabelecer graus de diferenças hierárquicas entre Pai, Filho e Espírito Santo e, no entanto, alguns hereges os colocam em posições diferentes. Outra obra produzida por Boécio de extrema importância para a História da Educação é a “*Consolação da Filosofia*”. Esta obra foi redigida em um momento muito conturbado de sua vida. Foi escrita na prisão após ter caído em desgraça e ter sido preso por motivos políticos.

Na prisão, Boécio, por meio de um diálogo com a filosofia (personagem fictícia), revoltava-se contra o estado em que se encontrava a sociedade, a reflexão e a cultura. Mostrava que os homens tinham aberto mão da filosofia, por isso ela estava sendo esquecida. Ponderava que era preciso despertar novamente nos homens a capacidade de abstração e do pensamento racional, enfim recuperar tudo que diferenciava os homens dos animais, para que pudessem exercer o controle dos seus atos.

Percebes essas coisas e as pões em teu coração? Ou és como o asno diante da lira? Por que choras? Onde vêm essas lágrimas? Fala francamente e do fundo de tua alma. Se esperas a cura do médico, deves mostrar-lhe a doença. Recuperei então a coragem e disse: Por acaso é necessário que venhas com tuas admoestações contemplar a crueldade com que a Fortuna me tratou? O aspecto deste lugar já não te diz tudo? Por acaso vês aqui a biblioteca que me deste tu mesma para que fosse uma prova certíssima de tua sabedoria? Nela muitas vezes, junto a mim, discorrias sobre a ciência das coisas humanas e divinas. Tinha eu as mesmas feições e a mesma expressão quando desvendava contigo os segredos da Natureza, quando tu me traçavas o curso dos astros, e dirigias minha conduta e todos os meus princípios de vida segundo a órbita dos astros? É esta a recompensa que tenho por ter aderido a ti? E no entanto foste tu que ditaste pela voz de Platão que seriam felizes os estados governados pelos sábios ou que se consagrassem à sabedoria. Tu, pela boca do mesmo filósofo, me persuadiste de que os sábios deveriam governar os estados, para

impedir que o governo caísse nas mãos de pessoas sem escrúpulos e sem a palavra, e que fosse uma praga para os bons (BOÉCIO, 1998, p.10-11).

Boécio angustiava-se, lamentava o fim da filosofia, queixava-se por ter sido castigado quando, na verdade, era inocente. Considerava que a grande cegueira da humanidade era resultado da ignorância. Segundo ele, os homens erravam em seus julgamentos, porque só se preocupavam com a *fortuna*, isto é, com os bens terrenos, e esqueciam-se de que esta riqueza não se ocupava de oferecer a verdadeira sabedoria que era o conhecimento filosófico.

Se é verdade que a felicidade é o supremo bem de uma natureza guiada pela razão, fica claro que a instabilidade da Fortuna não tem nenhum conhecimento da natureza da felicidade. Além disso, aquele que se abandona a essa efêmera felicidade pode saber ou não se ela é volúvel. Se não sabe, como poderíamos chamar de feliz alguém tão cego pela ignorância? (BOÉCIO, 1998, p. 36).

A riqueza não era o elemento mais importante para a sociedade. Ela não produzia reflexão, não deveria ser o motor dos sentimentos dos homens. Para se tornarem humanos, de acordo com Boécio, eles não deveriam depender da riqueza, pois ela amesquinhava o espírito. Esta era a maior angústia da filosofia. Os homens estavam perdendo a essência, aquilo que dava razão à vida, à capacidade reflexiva.

[...] As riquezas têm valor por si mesmas ou porque pertencem a ti? Qual delas tem maior valor? O ouro? Ou uma profusão de objetos? Ora, as riquezas parecem ter mais valor quando se vão do que quando são adquiridas. É por isso que a avareza é causa de antipatia, e a generosidade, de louvores. Uma vez que não é possível manter algo que só tem valor se for trocado, o dinheiro só tem valor quando muda de mãos e deixamos de possuí-lo. Por outro lado, se todo dinheiro do mundo estivesse concentrado nas mãos de uma só pessoa, ninguém mais o teria (BOÉCIO, 1998, p.38).

Por isso, Boécio mostrava que a preocupação excessiva com a *Fortuna* não era benéfica aos homens. Desprovidos do conhecimento, considerado por ele como a maior das riquezas, os homens não atingiriam o verdadeiro bem que era a sabedoria, o desenvolvimento do espírito.

Boécio escreveu ainda alguns tratados de Música, de Artimética e um de Geometria, no qual reproduzia as definições e proposições de Euclides, fazia demonstrações de alguns teoremas. Graças à tradução dessas obras para o latim, a matemática também pôde ser preservada no Ocidente. Segundo Lauand, ele procurou apresentar, para seus leitores, os bárbaros, três teoremas simples, do livro I de Euclides, a fim de “[...] não deixá-los numa treva tão total e, algum dia, as sementes poderem florescer: que se saiba pelo menos o que é demonstrar um teorema e que isso é belo, importante e formativo” (LAUAND, 1986, p.25).

Os escritos e as traduções desse grande educador muito contribuíram para que Rosvita pudesse exercer sua tarefa pedagógica. Em seus escritos, ela demonstrava ter preocupações semelhantes com o desenvolvimento do saber, do conhecimento e da ciência.

Podemos observar que Rosvita utilizou em seus textos os conhecimentos que possuía sobre Boécio. Na peça *Sabedoria*, ela estabeleceu esta ponte no momento que ensinava a Artimética (já observado anteriormente). Em outra peça de sua autoria *Conversión de la meretriz Taide*, ela demonstrava o conhecimento que possuía das Artes Liberais, especialmente da música. Ao explicar o significado do *quadrivium*, Rosvita, em meio ao diálogo, diz claramente: “[...] porque, igual que uma senda a partir de cuatro caminos, así también a partir de único principio filosófico se van encontrando entre si las rectas progresiones de estas disciplinas” (ROSVITA, 2003, p.93). Nesta passagem observamos que a canonisa tinha conhecimento dos escritos de Boécio e os utilizava para ensinar. Segundo Gilson, Boécio dava esse mesmo sentido ao termo, “quádruplo caminho para a sabedoria”, e considerava de fato essas ciências o caminho para a sabedoria (GILSON, 1995, p. 162).

Portanto, Boécio e Rosvita, mesmo vivendo em séculos distintos, tiveram uma experiência de vida semelhante: o processo de transição de uma forma social para outra. Boécio viveu em um contexto de anarquia social, num momento de intensas invasões de diferentes povos. Já Rosvita assistiu ao princípio da organização e da sistematização da vida no interior dos feudos. Ambos, como educadores e teóricos, ao perceberem a gravidade do momento histórico em que viviam, ofereceram para os homens os tesouros da cultura antiga. Dedicaram-se ao trabalho de salvação e preservação das obras clássicas. Retomando o pensamento filosófico de grandes pensadores da Antigüidade, estes dois autores buscaram recuperar valores e

conhecimentos que a sociedade estava perdendo. Por meio de suas obras, eles apontaram que era possível recuperar grande parte do saber antigo. Assumiram a tarefa de traduzir e adaptar obras que contribuíram para um maior desenvolvimento e aprimoramento do pensamento reflexivo.

Entre os séculos VIII e IX, surgiu um outro grande homem que se tornou fundamental para educação na Idade Média: Alcuíno. Como mestre, ele ocupou um lugar de destaque no período em que Carlos Magno foi Imperador (771 - 814). Neste período, que ficou conhecido como Renascimento Carolíngio, foram dados grandes incentivos e estímulos às atividades culturais, as quais tiveram um papel fundamental para a transmissão e conservação da cultura clássica durante toda a Idade Média. Carlos Magno, para administrar o seu Império, contava com o auxílio de condes e bispos. No entanto, uma das grandes preocupações do Imperador era o estado de instrução destes administradores. Ele considerava importante formar bons dirigentes e bons eclesiásticos, instruídos e aptos a administrar com desempenho o “Estado”. De acordo com Guizot, seu desejo dominante foi o de civilizar os povos sob seu domínio. Tentou, durante o seu governo, introduzir ordem e unidade na administração de todos os territórios que administrava (GUIZOT, 1907).

Em sua administração, multiplicaram-se escolas monásticas e catedrais, que possibilitaram o renascimento da escrita e despertaram a curiosidade intelectual e cultural dos homens. Portanto, não podemos deixar de ressaltar que o movimento e os esforços de Carlos Magno, no sentido de melhorar o estado intelectual e moral da sociedade, foram de fundamental importância para os séculos posteriores. A luta contra o estado social vigente animou o Imperador a fundar escolas, mosteiros, proteger os eclesiásticos e apoiar os sábios, assegurando, desta forma, o desenvolvimento cultural. Ele não hesitou em criar condições favoráveis para a instrução do clero, monges, governantes e filhos dos fiéis.

Este impulso impresso por Carlos Magno ao movimento de estudos que começou em seu reinado foi, portanto, duradouro; ele nunca cessou de se acelerar no decorrer dos séculos seguintes e é, em primeiro lugar, ao imperador que cabe o mérito disso (GILSON, 1995, p.227).

Como Imperador, o papel de Carlos Magno foi de fundamental importância. O estímulo dado à cultura e à educação durante seu reinado contribuiu para a sobrevivência da cultura clássica. Gilson afirma que “[...] foi da vontade de civilizar seus povos, cristianizando-os, que partiu todo esse movimento de reforma” (GILSON, 1995, p.227). Além das preocupações políticas, seu pensamento estava imbuído do espírito cristão. Ele considerava, de acordo com a concepção da época, ter recebido de Deus a missão de conduzir seu povo no caminho do Senhor.

De acordo com Gilson, para promover essa renovação cultural, Carlos Magno cercou-se de homens cultos que representavam a “elite dos letrados”: mestres de gramática, retórica, filosofia e matemática, assim como poetas e teólogos. Entre esses professores e homens de letras, destacou-se Alcuíno, um missionário da cultura latina cristã da escola de York, na Inglaterra.

Ainda segundo Gilson, a importância desse grande colaborador de Carlos Magno decorreu muito mais de sua pessoa e de sua obra civilizadora do que de seus livros. Todavia, em todas as suas cartas e tratados, ele revelou uma verdadeira admiração pela cultura antiga e uma vontade de mantê-la. Como mestre e teólogo, deixou algumas obras que contribuíram para o estudo das artes liberais.

[...] uma *Grammatica*, um *De Orthographia*, um *De dealectica* e um *Dialogus de rhetorica et virtutibus*. Quanto ao único escrito verdadeiramente filosófico de Alcuíno, seu tratado *Da natureza da alma (De animae ratione)*, cujas idéias principais são tomadas de Santo Agostinho (GILSON, 1995, p.228).

De acordo com esse autor, ele foi influenciado pelas idéias plotinianas de Santo Agostinho sobre as sensações, afirmando que estas eram um ato da alma e os sentidos eram os mensageiros que informavam ao corpo o que acontecia à nossa volta.

Sua formação moral e intelectual, recebida dos mestres de York, escola repleta de livros clássicos, baseava-se na cultura antiga e também nas Escrituras Sagradas. Tal como outros pensadores cristãos de sua época, ele ensinava que Deus existia e estava presente em todas as circunstâncias da vida das pessoas. Sua concepção de “que tudo nos homens tinha sua origem em Deus” (OLIVEIRA, 2002, p. 52) e de que toda sabedoria deste mundo era enriquecida pelos ensinamentos de Cristo, ou seja,

de que todo conhecimento era aprendido e ensinado com base na fé, tinha origem histórica no momento anárquico em que viveu.

Como mestre no Império Carolíngio, seu principal obstáculo para executar sua missão era a falta de livros. Em uma de suas cartas a Carlos Magno menciona claramente esta dificuldade.

Infelizmente, encontro-me agora privado de muitos livros que tinha a minha disposição em meu país natal e que aí haviam sido reunidos pelos cuidados de meu mestre Elberto ou pelos meus. Digo-o a Vossa Senhoria para que vosso constante amor pela sabedoria vos inspire enviar alguns de meus alunos à Grã-Betanha, de onde trarão para a França todas essas flores britânicas. Assim, o jardim do Éden não ficará mais apenas em York como um jardim fechado (*bortus conclusus*), mas ver-se-á nesta Touraine de França, como que um broto da árvore do paraíso. Que o vento do Leste sopra então sobre os jardins do Loire e todos serão tomados por seu perfume (ALCUÍNO, apud GILSON, 1995, p. 228).

Assim, para ensinar na França, Alcuíno tentou criar as mesmas condições de trabalho intelectual que tinha na Inglaterra. Sua maior ambição era “[...] construir na França uma nova Atenas, superior à antiga, e enobrecida pelo ensinamento de Cristo, Nosso Senhor” (GILSON, 1995, p.230). Para isso fundou inúmeras escolas, fez trazer livros clássicos e promoveu o retorno da cultura antiga, desenvolvendo o estudo e a cópia de antigos manuscritos. Como diz Manitius: “O que possuímos hoje em matéria de manuscritos pré-carolíngios dos clássicos é insignificante, em comparação com aqueles cuja conservação se deve a atividade dos copistas e dos críticos dos séculos VIII e IX” (MANITIUS, apud GILSON, 1995, p.232). Esse trabalho foi fundamental para a preservação da cultura clássica durante toda a Idade Média. Dessa forma, a cultura dos gregos e romanos foi preservada e transmitida para as gerações futuras com a ajuda dos monges que escreveram, copiaram e preservaram. Graças a eles também hoje sabemos algo a respeito desse tempo.

Naquele período difícil e turbulento, a maioria das pessoas não sabia ler nem escrever, os monges eram, portanto, os únicos letrados. No entanto, segundo Gilson, os monges copiavam as obras, mas não as saboreavam (GILSON, 1995), ou seja, não as interpretavam. Muitas vezes, os escritos não tinham o menor significado para eles, tratava-se apenas de uma árdua e mecânica tarefa de cópia.

Contudo, se isso acontecia com os monges copistas, o mesmo não ocorria com pensadores de grande importância como Bento de Núrsia, Boécio, Alcuíno e Rosvita, que estavam preocupados e comprometidos com os conteúdos. Eles traduziam obras para o latim, adaptavam as poesias e a literatura profana dos clássicos latinos para falar de coisas cristãs e reinterpretavam, à luz do cristianismo, os escritos clássicos pagãos que se encontravam nas bibliotecas dos mosteiros. Assim, segundo Gilson, este trabalho conjugado dos monges copistas e dos pensadores cristãos foi importante para a conservação da cultura antiga (GILSON, 1995).

Durante o seu reinado, Carlos Magno não cessou de lutar contra o estado bárbaro, efetuando uma reforma ampla dos estudos, cuja estrutura pedagógica foi organizada por Alcuíno. Segundo Gilson, o Imperador “[...] manteve Alcuíno perto de si, orgulhava-se de se dizer seu aluno e de chamá-lo seu mestre” (GILSON, 1995, p. 230).

Em síntese, é importante destacar que, ao longo de toda a Idade Média, mesmo que em épocas diferentes, os grandes pensadores até aqui abordados tiveram acesso à cultura antiga e agregaram-lhe suas concepções cristãs. Foi com essa base e com o fim de levar os cristãos a adquirir a sabedoria que eles sistematizaram o ensino nas escolas monásticas, conservando a cultura pagã antiga e os valores religiosos cristãos e organizando as disciplinas do *trivium* e do *quadrivium*.

3.3 - A DESCONSTRUÇÃO DO IMPÉRIO CAROLÍNGIO E A CONSOLIDAÇÃO DO SISTEMA FEUDAL

Quando a canonisa Rosvita produziu seus escritos, especialmente suas peças teatrais, o Império Carolíngio já se havia desfeito. Após a morte de Carlos Magno, em 814, com a disputa entre os herdeiros pela divisão do Império, uma nova realidade despontou: a sociedade com base em relações feudais. Foi neste momento de transformação social, de desconstrução do que se denominou período carolíngio que Rosvita produziu toda sua obra. Para entendermos a construção de seu pensamento é importante, pois, compreendermos este momento histórico.

Os conflitos entre os herdeiros de Carlos Magno deram origem ao Tratado de Verdum, por meio do qual o Império Carolíngio foi desmembrado em três reinos. Com isso, o poder dos novos reis foi diminuindo progressivamente. A divisão dos reinos e

as concessões de terras pelos reis em troca de defesa fizeram com que os novos proprietários se tornassem mais independentes. O senhor de terras não prestava mais contas ao Imperador, e sim ao senhor mais poderoso ao qual ele estava ligado. Desta forma, o poder tornou-se cada vez mais descentralizado.

Neste quadro, os sucessores de Carlos Magno não conseguiram continuar sua obra. À medida que os proprietários de terra se tornaram mais independentes de um “poder central”, criaram suas próprias regras, leis, tribunais, pesos, medidas e exércitos.

Estes acontecimentos comprometeram o desenvolvimento cultural adquirido durante o período Carolíngio, ou seja, entre os séculos VIII e IX. Na concepção de Guizot, todas as tentativas de organização e regulamentação das leis impostas por Carlos Magno, dissolveram-se, não prosperaram, porque os homens dessa época ainda não estavam amadurecidos para viverem sob leis e governos gerais.

Em Hespânia não conseguia a Igreja enraizar o princípio teocrático. Em Itália no sul das Gálias, apesar das tentativas feitas pela civilização romana para se levantar, foi só mais tarde, pelos fins do século X, que ela se robusteceu algum tanto. Até então foram malogrados todos os esforços para acabar a barbárie porque não encontravam tão adiantados os homens como haviam mister; buscavam todos ainda que debaixo de formas variadas, uma sociedade mais extensa e mais regular de que o permitiam a distribuição das forças e o estado dos espíritos (GUIZOT, 1907, p.111).

A subdivisão dos reinos em unidades territoriais cada vez menores proporcionou o isolamento dos homens no interior das suas propriedades, contribuindo assim para o fortalecimento das relações feudais. Segundo Guizot, este sistema era necessário, era o único estado social que podia existir. Tudo tinha se adaptado à forma feudal (GUIZOT, 1907, p.119-120).

Além da decadência da autoridade real, a dissolução do Império resultou da incapacidade dos carolíngios para conter as invasões e os ataques vindos do sul pelos árabes e fiéis do Islã, a leste pelos húngaros e ao norte pelos escandinavos (BLOCH, 1987). Aparentemente a sociedade retornava ao estado de caos dos terríveis tempos dos séculos V e VI, quando a migração dos germanos ameaçara a civilização romana. A dispersão do poder no decurso do século IX fez surgir vários

reinos bárbaros, “tão conflituosos etnicamente e tão instáveis politicamente” (CAMBI, 1999, p.156) que era impossível qualquer tentativa de poder centralizado.

Nessa nova situação, os reis apenas mantinham o seu título: na prática “reinavam”, mas não “governavam”. Os proprietários de terras reconheciam os reis, davam-lhes um tratamento especial, mas não obedeciam às suas ordens. Cada unidade territorial era como se fosse um pequeno reino.

No começo parecia que triunfava o caos. Desaparecia inteiramente a unidade e a civilização geral; a sociedade desconjuntava-se por todos os lados; por toda parte se levantava um cem número de pequenas sociedades obscuras, isoladas incoerentes. Julgavam os contemporâneos que este estado era a dissolução de tudo, a anarquia universal (GUIZOT, 1907, p. 120).

Segundo Guizot, este novo modo de viver dos homens produziu um novo estado social. Uma nova sociedade estava surgindo. Tudo se adaptou e se transformou na forma feudal, tudo era dado em forma de feudo como pagamento do benefício recebido. Não só bens imóveis, como a terra, mas tudo o que servisse para sustentar o vassalo: os rendimentos, as colheitas, os castelos, o direito de cobrança de um imposto, igrejas, abadias, altares, inclusive cargos públicos (GUIZOT, 1907).

Os homens passaram a requerer uma nova educação. A vida errante e a barbárie começaram a ser abandonadas. Com o feudalismo alguns hábitos mudaram. A preocupação com a segurança fez com que as famílias se isolassem nos campos, numa distância muito grande uma das outras, cada uma com a sua exploração agrícola.

[...] alterou a distribuição da população sobre a face do solo. Até então os senhores do território, a população soberana vivia reunida em massas mais ou menos numerosas que, ou eram sedentárias no interior das cidades ou vagavam em bandos pelo país. O feudalismo fez com que estes homens vivessem isolados, cada um na sua habitação, e a grandes distâncias uns dos outros (GUIZOT, 1907, p.123).

Esse isolamento nos castelos ou em suas mediações, de acordo com Guizot, teve uma forma de organização política correspondente. Era o senhor feudal quem

possuía o direito de comandar a paz e a justiça e exercer sua autoridade nessas unidades territoriais.

Ainda segundo este autor, esta condição de vida propiciou o desenvolvimento da família. Nesses locais, onde se usufruía de certa paz e segurança, os homens encontravam-se mais próximos. Pela primeira vez, o senhor feudal e seus familiares mais íntimos, a esposa, o marido e os filhos, encontravam-se isolados. Nas imediações do castelo, viviam alguns homens de sua confiança e seus servos. Essa nova forma de viver desenvolveu relações mais estreitas entre os familiares; novos hábitos e costumes foram desenvolvidos.

[...] a brutalidade das paixões, o costume em que está o chefe de empregar na guerra ou na caça grande parte do seu tempo, não podem deixar de pôr grande estorvo ao desenvolvimento da vida familiar. Mas será vencido este estorvo; é nisto que o chefe volte habitualmente a casa; ali encontrará sempre sua mulher e seus filhos, e sua sociedade permanente; eles serão sempre os seus interesses, o seu destino (GUIZOT, 1907, p. 128).

Esse autor observa, ainda, que foi no interior das famílias feudais que a mulher passou a desempenhar papel preponderante. A vida doméstica no seio familiar permitiu às mulheres exercerem funções distintas das ocupadas nas sociedades antigas. Quando os homens voltavam da guerra ou da caça, encontravam sempre sua mulher e seus filhos. Era a mulher que permanecia na administração do feudo, representando o marido. Para Guizot, “[...] esta mudança, este progresso na sua situação deve-se sobretudo ao desenvolvimento, à preponderância necessária dos costumes domésticos no feudalismo” (GUIZOT, 1907, p. 129). A aproximação entre o senhor feudal, a mulher e os filhos no interior dos castelos produziu sentimentos de proteção e afeto, houve a possibilidade da família se desenvolver.

O maior estreitamento das relações familiares e o isolamento dos homens em feudos não significam, entretanto, que os homens daquele período vivessem em perfeita paz e harmonia: “[...] em tempo do regime feudal a força era a garantia verdadeira e habitual do direito se é que se pode dar a força o nome de garantia” (GUIZOT, 1907, p.138). Ocorriam lutas entre os feudos, e o senhor feudal, por uma necessidade de defesa, fazia alianças com outros senhores, cuja situação era idêntica.

Formou-se, assim, uma relação de poder baseada na proteção do mais forte. Os senhores feudais exerciam um poder inteiramente individual, não existia acima deles nenhum representante, nem leis que limitassem o seu poder. Segundo Guizot, “[...] o possuidor do feudo, no seu domínio, tinha sobre os homens que ali habitavam todos os direitos da soberania, porque eram inerentes ao domínio e assunto de propriedade particular” (GUIZOT, 1907, p.137). Esse poder era exercido e reconhecido, muitas vezes, por meio da força e da guerra. Os senhores feudais presidiam os tribunais e, de acordo com suas concepções, formavam em suas propriedades sistemas autônomos de aplicação da justiça.

Dessa forma, o poder político tornou-se local. Os homens que trabalhavam num determinado domínio doavam parte da colheita em troca da proteção contra os ataques, a violência e as guerras. Cada vez mais, os camponeses buscavam proteção nos castelos dos senhores feudais.

[...] por toda parte os fracos sentiam a necessidade de se aproximar de alguém mais poderoso do que eles. Os poderosos, por sua vez, apenas podiam manter o seu prestígio e a sua fortuna, ou até garantir a sua segurança, angariando, por meio da persuasão ou da força, o apoio de inferiores obrigados a ajudarem-nos. De um lado, situava-se a fuga para junto de um chefe; do outro, atitudes de comando, por vezes brutais. E, porque as noções de fraqueza e de força são sempre relativas, em muitos casos, o mesmo homem era simultaneamente dependente de um mais forte e protector de outros mais humildes do que ele. Assim começou a instituir-se um vasto sistema de relações pessoais, cujos fios cruzados percorriam todos os andares do edifício social (BLOCH, 1987, p.162).

Este auxílio e esta *proteção* oferecida pelos senhores feudais fizeram surgir obrigações recíprocas entre o chefe e os homens que trabalhavam em sua propriedade. Como os senhores feudais também necessitavam de segurança, foi preciso estabelecer um contrato para definir as obrigações entre os proprietários de terra e servos, especialmente quanto aos encargos do subordinado. O ato simbólico destinado a assegurar o acordo foi denominado por Bloch de contrato de homenagem.

[...] eis dois homens a frente: um, que quer servir; o outro, que aceita, ou deseja ser chefe. O primeiro une as mãos e, assim juntas, coloca-as nas mãos do segundo: claro símbolo de submissão, cujo sentido, por vezes, era ainda acentuado pela genuflexão. Ao mesmo

tempo, a personagem que oferece as mãos pronuncia algumas palavras, muito breves, pelas quais se reconhece “o homem” de quem está na sua frente. Depois, chefe e subordinado beijam-se na boca: símbolo de acordo e de amizade (BLOCH, 1987, p. 160).

Como nessa sociedade a fé e a religiosidade cristã imperavam, a promessa só tinha valor quando o juramento de fidelidade fosse feito com as mãos estendidas sobre a Bíblia. Durante a vigência do contrato de homenagem, em troca de lealdade, fidelidade e proteção nas guerras, as pessoas ligadas ao senhor feudal recebiam partes de suas terras, tornando-se seus vassalos. Além da guerra, estes tinham muitas outras obrigações. De acordo com Bloch, “a fé impunha ao vassalo “ajudar” o seu senhor em todas as coisas. Com a sua espada, com o seu conselho: conforme era necessário” (BLOCH, 1987, p.236). Contudo, a relação entre vassalos e suseranos exigia aliança e socorro de ambas as partes, pois delas dependiam a proteção e a segurança.

Evidentemente, a Igreja integrou-se ao sistema feudal. Os nobres e os fiéis, devido à mentalidade religiosa da época, faziam grandes doações de feudos para obter a intercessão dos santos e o perdão dos pecados. Dessa forma, a Igreja tornou-se grande proprietária de feudos.

[...] nunca na história da Igreja cristã do Ocidente foram as dádivas dos laicos tão avultadas como durante as cinco ou seis décadas depois do ano 1000. Os fiéis davam no dia a dia, para remir os pecados que acabavam de cometer e que poriam em perigo as suas almas. Davam ainda mais generosamente no leito de morte – mesmo com o risco de deixar os herdeiros em má situação – para o funeral e para obter a intercessão dos santos antes do júízo final (DUBY, 1980, p.181).

Durante toda a Idade Média, os valores e as crenças emanavam dos ensinamentos cristãos. Este forte sentimento religioso fazia o homem acreditar que a sua alma só seria salva pela oferta ou compra do perdão divino.

A Igreja, enquanto uma instituição que, no decorrer dos séculos, foi se fortalecendo, organizando e ocupando espaço significativo na vida dos homens, estabeleceu ordem e regras de conduta para aquela sociedade em condições caóticas e teve um papel fundamental na educação daqueles homens. Por meio dos padres e

teólogos cristãos que se apropriaram do conhecimento cristão e pagão, ela se aproximou do povo e transmitiu os ensinamentos bíblicos. Segundo Oliveira “[...] a Igreja deu aos homens uma possibilidade de convivência baseada nas diferenças e é isso que dá a ela o papel civilizatório; que permite a criação de uma filosofia explicativa das relações humanas. Se assim podemos nos expressar, foi esse caráter democrático da Igreja que a tornou a grande norteadora da sociedade” (OLIVEIRA, 2005, p.19).

A luta contra a desordem, a guerra, os assassinatos fazia parte das preocupações das autoridades eclesiásticas, as quais consideravam dever da Igreja proteger os seus próprios membros, estabelecendo regras de conduta baseadas em princípios morais e espirituais.

Como os feudos eram constantemente atacados por invasores, a luta e a guerra eram atividades consideradas “normais”. Nesse sentido, a Igreja fixou alguns limites, estabelecendo o que se chamou a “Paz de Deus”. Definiu ações para conter os confrontos militares, protegendo os cristãos e as Igrejas contra os ataques. Os homens da guerra eram obrigados a obedecer e respeitar algumas proibições.

De agora em diante, e de acordo com os preceitos dos concílios de paz, já não era permitido lutar (nem manipular dinheiro, ou ter relações sexuais) a não ser dentro de limites específicos. Definiram-se campos de ação fora dos quais o recurso às armas era condenado como mal contrário aos desígnios de Deus e à ordenação natural do mundo. Toda a violência militar foi proibida em certas áreas (perto dos locais de culto, marcado pelas cruzes erguidas nas estradas), durante certos períodos, correspondentes às ocasiões mais sagradas do calendário litúrgico e contra certos grupos sociais considerados vulneráveis (os clérigos e os “pobres”, ou massas populares) (DUBY, 1980, p.179-180).

Dessa forma, em tese, a violência ficava proibida. A Igreja argumentava com a idéia de que a ambição de conquistar territórios alheios era um perigo para a salvação da alma. Na verdade, a guerra inviabilizava a organização da sociedade e a Igreja pretendia organizá-la. Assim, ela não era contra a guerra em si, mas contra a desorganização da sociedade. Exatamente por isso, ela legitimou e estimulou a guerra contra os infiéis do Oriente.

A instituição da “Paz de Deus” foi uma tentativa de por ordem no caos e, ao mesmo tempo, um meio de justificar a posição que a Igreja ocupava nas relações

senhoriais, pois os senhores eclesiásticos possuíam fortalezas, terras, e necessitavam da proteção dos demais senhores e guerreiros.

Dessa forma, precisavam transformar a ousadia dos guerreiros em um ato cristão, legitimando assim a posição que eles ocupavam na sociedade feudal. De acordo com Duby, a ética da *Paz de Deus* também legitimou a exploração senhorial. Os representantes religiosos e os mosteiros mantinham com seus vassalos o mesmo tipo de relações que os senhores leigos. Este sistema dava segurança aos trabalhadores, mas, para pagar por esta proteção, os camponeses deviam alimentar, com o seu trabalho, os homens da Igreja, que oravam, e os guerreiros, que lutavam e defendiam o povo (DUBY, 1980).

Assim, em correlação com sua importância política e econômica, a Igreja e os mosteiros exerceram uma influência fundamental no pensamento e nas concepções de vida dos homens que habitavam a Europa ocidental, durante o século X.

A situação gerada pela nova organização social e familiar requeria uma nova educação e uma nova forma de comportamento. Esse contexto em que a mulher passou a exercer um importante papel na educação, porque, na ausência do marido, competia a ela a educação dos filhos, elucidada as razões pelas quais Rosvita educa as mulheres. Ela lhes ensina elementos fundamentais para o processo de construção do pensamento reflexivo e transmite-lhes os princípios morais e religiosos que norteavam a sociedade naquele momento. Como já foi afirmado, o espírito de família tinha se desenvolvido de forma intensa, cabendo a ela ensinar, além das religiosas, as filhas dos nobres, futuras educadoras dos castelos feudais. Considerando que as mulheres seriam futuras esposas e mães e que seriam, assim, responsáveis pela educação dos filhos e pelo futuro da sociedade, Rosvita procurou dar-lhes uma direção, um norte.

Explorou dessa forma a potencialidade do teatro para debater questões teológicas, modelos de comportamento, temas relacionados à castidade, ao martírio, à matemática, para refletir sobre as questões do cotidiano. Seu objetivo era recuperar princípios religiosos e morais que estavam se perdendo com a organização feudal. Ferruccio Bertini, estudioso dos escritos desta autora, aponta que a obra da canonisa possui um admirável diálogo entre a Antigüidade pagã clássica e a moral própria da religião cristã e considera os escritos de Rosvita uma tradução da poética clássica (BERTINI, apud LÓPEZ, 2003. p.12). Com este elo, Rosvita compôs seus textos, de

maneira similar às comédias teatrais terencianas, ou sejam, comédias pagãs, que tinham sido produzidas na Antigüidade. Desta forma, por meio de seus escritos, proporcionou, ao seu público, leituras que ela considerava menos perigosas e cujo conteúdo versava sobre os valores difundidos pelo cristianismo.

Ao retomar os valores primitivos pregados pelos pensadores e teólogos cristãos, a canonisa pretendia que eles fossem incorporados novamente pela sociedade ou, ao menos, fossem modelos para aqueles homens que estavam se modificando. Como Guizot afirmou, após o estabelecimento do sistema feudal, os homens isolados no interior dos feudos passaram a se preocupar mais com o desenvolvimento cultural e intelectual, com hábitos e atitudes mais refinadas, despontando entre eles sentimentos afetivos mais nobres (GUIZOT, 1907).

Neste capítulo foram abordados os acontecimentos que antecederam e permearam o século X. Em primeiro lugar, demonstramos o papel que os mosteiros ocuparam no seio da sociedade, ao se tornarem importantes centros culturais de preservação do conhecimento profano e sagrado da Antigüidade e, acima de tudo, em locais destinados à expansão da nova forma do pensamento, a religião. Em segundo lugar, focalizamos alguns filósofos que sistematizaram as bases da escolástica e, ao final, mostramos a necessidade de organização de uma educação frente à violência, às invasões e ao estabelecimento do sistema feudal.

No próximo capítulo faremos uma análise mais detalhada da vida de Rosvita, tal como está descrita em seus prefácios, prólogos e dedicatórias. Vamos destacar, principalmente por meio da análise de suas obras, o importante papel que ela desempenhou como educadora no mosteiro onde viveu.

CAPÍTULO III

VIDA E OBRA DE ROSVITA DE GANDERSHEIM

Este capítulo é dedicado à análise da vida de Rosvita e de alguns aspectos de sua obra entendidos como elementos essenciais para explicar os princípios e os valores educacionais defendidos por ela no contexto do século X. Num primeiro instante, faremos uma interpretação das obras que nos informam sobre sua formação e atuação como educadora e descreveremos o meio cultural da corte otônida, na qual ela viveu. Em seguida, analisaremos alguns dos seus escritos, destacando os principais temas que dão base e sustentam suas idéias e seus princípios educativos. Como já afirmamos, ela se utiliza do teatro para inculcar valores cristãos e discutir questões, como a celebração do martírio, a defesa da virgindade, a sabedoria feminina, o conteúdo teológico, os elementos da natureza e os conhecimentos das disciplinas do quadrivium, entre elas, a aritmética e a música.

Na análise dos dramas de Rosvita, utilizaremos as traduções de López, o qual reconhece como autênticos e válidos os seguintes títulos: *Conversión de Galicano, general de los ejércitos; Martírio de las santas virgens Ágape, Quionia e Hirena; Martírio de las santas virgens Fé, Esperança e Caridade; Resurrección de Drusiana y Calímaco; Caída y conversión de Maria, sobrina del eremita Abraham; Conversión de la meretriz Taide*. A maioria dessas obras estão organizadas e selecionadas por Andrés López. Cumpre ressaltar, no entanto, que também utilizaremos as traduções que Lauand fez de alguns deles. Assim, as referências às obras de Rosvita serão feitas com base na seleção, organização e tradução desses dois autores.

Além dos dramas acima mencionados, utilizaremos também o poema de Rosvita intitulado *Passion du saint et très précieux martyr contemporain Pélage, couronné à Cordoue* (Paixão do santo e muito precioso mártir contemporâneo Pelage, coroado em Córdoba), que foi traduzido do latim para o francês por Monique Goulet. Em nossa análise, mencionaremos o título *Paixão de Santo Pelágio*.

4.1- BREVE COMETÁRIO DA VIDA DE ROSVITA DE GANDERSHEIM

Ao retomar os valores da Igreja primitiva cristã Rosvita pretendia que eles fossem novamente incorporados ou, ao menos, fossem modelos para aquela sociedade que estava se modificando. Com a desestruturação do Império Carolíngio foi necessário que os homens se isolassem em seus castelos para se protegerem dos ataques e das guerras dos povos vindos do norte. Este novo modo de vida fez renascer novos sentimentos alterando o comportamento da família feudal. Entre as modificações que se operavam encontrava-se a preocupação com a formação cultural e intelectual dos homens, o que despertou nas mulheres a preocupação com a aquisição e a transmissão de conhecimento.

Com as guerras, na ausência dos maridos, elas assumiram a direção dos feudos e a educação dos filhos. Além dos ensinamentos religiosos, tornou-se importante o conhecimento prático e filosófico, que chegavam aos castelos por meio das mulheres que habitavam os mosteiros e dos clérigos que habitavam os feudos.

Durante toda Idade Média, além de um ambiente para orações, os mosteiros tinham-se tornado os principais centros de difusão da cultura. De acordo com Pernoud [...] “não nos devemos surpreender com a tradição de alta cultura que se estabelece desde então. As monjas oram, lêem, estudam;” [...] (PERNOUD, 1993, p.30). Do ponto de vista cultural e educacional, “[...] um dos principais centros de difusão da cultura é o mosteiro, em companhia das mulheres existia um tipo original de abadessa, que tinha o costume de chamar capítulo de damas nobres, povoado de canonisas da mais alta linhagem: é este o caso de Gandersheim, cuja abadessa é na época de Rosvita, uma sobrinha do Imperador Oton I” (GOULLET, 2000, p. 17).⁶

De acordo com Goulet, este espaço cultural era governado por mulheres que se ocupavam das tarefas religiosas e intelectuais. Todas de cultura nobre, elas possuíam grande poder e responsabilidades administrativas e foi neste contexto que a canonisa Rosvita preocupou-se em transmitir aquilo que as mulheres precisavam saber naquele momento. No mosteiro de Gandersheim, ela encontrou condições para

⁶ L'un des principaux outils de diffusion de la culture est le monastère, avec, pour les femmes, l'existence d'un type original d'abbaye, qu'on a coutume d'appeler chapitre de dames nobles, peuplé de chanoinesses de la plus haute extraction: c'est le cas de Gandersheim, dont l'abbesse est, à l'époque où vit Hrotsvita, une nièce de l'empereur Otton I (GOULLET, 2000, p. 17).

pesquisar e produzir suas peças teatrais, poemas e crônicas, nos quais ela retomou o pensamento dos teóricos pagãos e teólogos cristãos. Foram as condições existentes nesse mosteiro que lhe deram condições para contribuir para a transmissão do saber, a preservação da cultura e a conservação dos valores cristãos e pagãos no Ocidente medieval.

Os escritos de Rosvita fornecem-nos dados importantes para apreendermos que o conteúdo educacional por ela proposto correspondia às novas ocupações da mulher no interior dos feudos no período imediatamente posterior ao Império Carolíngio.

Peter Dronke menciona a seguinte teoria sobre sua formação e sua atuação enquanto educadora:

[...] Rosvita tal vez llegase a canonisa a una edad no tan joven, después de haber pasado por unos buenos años de formación cultural y “social” en medio del ambiente refinado y cosmopolita de la Corte de los Otones, donde debió de llegar a compartir las aspiraciones literarias, artísticas y políticas de estos últimos titulares auténticos del Império romano, cuyo sueño glorioso de recomponer la antigua unidad perdida del magno Império se vio dolorosamente truncado con la prematura muerte de Otón III en el año 1002 (DRONKE, apud LÓPEZ, 2003, p. 10).

Na intensa vida cultural da corte otônida era comum a leitura dos clássicos gregos e romanos. Nesse sentido, era possível que, no mosteiro de Gandersheim, dirigido durante 50 anos, por Gerberge, sobrinha de Oton I, primeira mestra de Rosvita, ela fosse incentivada a produzir seus escritos: [...] em torno de Gerberge, com a qual Rosvita tinha um contato estreito no cotidiano, gravitavam figuras eruditas, que também encorajaram seus escritos GOULLET, 2000, p.21).⁷ Em homenagem ao convento, depois da morte de Óton I, Rosvita compôs a obra *Primordia coenobii Gandeshemensis*, que conta a história de sua fundação.

Nesta obra, ela descreve a construção do mosteiro e relata que ele foi fundado pelo duque da Saxônia, Liudolf, a pedido de sua esposa, Oda. Segundo Rosvita, Aeda, mãe de Oda, nobre dama dedicada à fé cristã, fez votos de construir um local onde pudesse abrigar as mulheres de sua descendência. A construção de um

⁷ [...] autour de Gerberge, avec laquelle Hrotsvita était en contact étroit et quotidien, gravitaient des figures d'érudits, qui ont eux aussi encouragé son oeuvre (GOULLET, 2000, p.21).

mosteiro assegurava uma educação mais sólida e completa para suas filhas. Era uma garantia de que as mulheres da sua família pudessem ocupar um espaço em que os princípios e os valores defendidos pelo cristianismo fossem preservados e transmitidos para todas as gerações futuras.

[...] Já que tu nos venerastes assiduamente.
Eu te digo, pelas virgens consagradas tua ilustre descendência
Fundarás uma abadia, paz e triunfo do reino
Enquanto que, com firmeza continuarás teu piedoso fervor.
Então tua família, nos séculos que virão,
Brilhará com a honra de uma suprema glória,
Ao ponto que nenhum entre os reis terrestres deste tempo
Poderá ser comparado pela extensão do teu poder (HROTSVITA,
2000, p.209)⁸.

O poema dá a mesma visão teológica apresentada por Rosvita em todas as suas obras. Ela apresenta o local como um desabrochar da vocação feminina. Podemos dizer que, naquela época, o mosteiro era o único espaço dedicado ao caminho das letras. O projeto de Aeda foi cumprido por Oda. Com a ajuda de Liudolf, ela construiu o local. Rosvita descreve o lugar escolhido para ser o mosteiro como um refúgio em meio à floresta.

[...] Havia junto do monastério uma pequena floresta, circulada
De colinas sombreadas as quais nos rodeavam também;
No meio da floresta, se encontrava um pequeno domínio,
Onde os guardiões de porcos de Liudolf, tinham o hábito de se refugiar,
No abrigo de um pacato camponês
Entregando ao repouso da noite seus corpos cansados,
Quando eles deviam pastar seus rebanhos de porcos.
Lá, um dia, durante a festa venerável de todos os santos,
Quando se preparavam para celebrar em dois dias,
A escuridão da noite, os guardiões de porcos viram brilhar
Numerosas luzes em meio à floresta (HROTSVITA, 2000, p.
214).⁹

⁸ [...] Puisque tu nous as vénéré assidûment,
Je te le dis, pour des vierges consacrées ton illustre descendance
Fondera une abbaye, paix et triomphe du royaume
Tant qu'avec fermete demeurera as pieuse ferveur.
Alors ta famille, dans les siècles qui viendront,
Brillera de l'honneur d'une suprême gloire,
Au point que nul parmi les rois terrestres de ce temps
Ne pourra lui être comparé par l'étendue de sa puissance (HROTSVITA, 2000, p.209).

⁹ [...] Il y avait alors auprès du monastère une petite forêt, ceinte
Des collines ombragees qui nous entourent aussi;
Dans la forêt, il se trouvait un tout petit domaine,
Où les porchers de Liudolf, habitués à s'y réfugier,
Dans l'enclos d'un paisible campagnard
Livraient au repos de la nuit leurs corps épuisés,
Quand ils devaient paître leurs troupeaux de porcs

A escolha de um lugar afastado e isolado para construção do mosteiro estava de acordo com a idéia de que o recolhimento era uma forma de afastar as monjas da deterioração crescente das cidades, para poderem cultivar o saber divino e se dedicar à meditação. Assim, o mosteiro de Gandersheim, como outras instituições monásticas, foi organizado para assegurar a busca, a guarda e a multiplicação do saber.

Segundo López, os grandes mosteiros da Alemanha, no século X, inclusive Gandersheim, estavam repletos de obras de autores clássicos, personalidades culturais e autores literários reconhecidos, que desempenharam um papel importante na formação das mulheres nobres e das religiosas que freqüentavam os mosteiros da Alemanha.

[...] como el arzobispo Bruno de Colonia, el arzobispo Guillermo, la abadesa Gerberga II de Gandersheim, la duquesa Edvige de Baviera, Ekkeardo II, Liutprando, Raterio de Verona, Gunzo de Novara [...], maestros todos ellos de quienes parece que habría aprendido algo, ya fuera en el plano de la cultura general, ya en el propiamente literario, la canonisa Rosvita de Gandersheim (LÓPEZ, 2003, p.11).

Ainda de acordo com Andrés López, todas as religiosas do mosteiro de Gandersheim, tanto monjas quanto canonisas, eram de origem nobre. Segundo ele, as canonisas faziam votos de castidade e obediência, mas não de pobreza e, desse modo, podiam dispor do patrimônio pessoal para adquirir bens, sair e voltar ao convento e relacionar-se com o resto da sociedade. Assim, ao passo que as monjas não tinham essa liberdade.(LÓPEZ, 2003), Rosvita beneficiou-se da condição de poder entrar e sair no mosteiro de Gandersheim, onde viveu.

Como nos outros grandes mosteiros da Alta Idade Média, no de Gandersheim, as monjas seguiam os princípios da regra beneditina e o lema *ora e labora*: [...] uma grande diversidade de interesses: ao mesmo tempo colégio, universidade, lugar de

Là, un jour, durant la fête vénérable de tous les saints,
Qu'on s'apprêtait à célébrer le surlendemain,
Au plus noir de la nuit, les porchers virent briller
Des lumières nombreuses au milieu de la forêt (HROTSVITA, 2000, p.214).

peregrinação, asilo, albergue, hospital, conservatório de música, biblioteca, centro cultural, e um lugar de vida para as santas mulheres (PAUTRAT, 2002, p.8)¹⁰.

As monjas que ali viviam dedicavam-se à oração, à meditação, ao trabalho social e, como os mosteiros eram os locais em que a cultura se estabelecia, dedicavam-se também à leitura dos clássicos gregos e romanos. Rosvita, no entanto, por ser canonisa, beneficiava-se de um regime menos rígido que a regra beneditina, [...] “tenía aún más facilidades de cara a una formación intelectual plena e brillante: podía comprar sus propios libros, tener invitados (podemos suponer cierta preferencia por invitados de un alto grado de formación y de vasta cultura) y, además, salir y entrar al convento sin demasiadas trabas” (DRONKE, apud LÓPEZ, 2003, p.14).

Assim, nestas condições especiais, Rosvita pode educar-se, atuar como educadora e tornar-se conhecida por sua produção literária, tanto no campo religioso como no secular. Ela pertenceu a um grupo de mulheres e monjas medievais detentoras do conhecimento, situação pouco comum na época, exercendo um importante papel na formação das mulheres que, futuramente, seriam mães, esposas ou religiosas.

Como escritora, ela precisava dedicar-se à escrita, conhecer obras clássicas da Antigüidade, aprender o grego e o hebreu, discutir questões teológicas, atividades não muito comum entre as mulheres. Dessa forma, ela passou a ocupar espaços e a realizar atividades até então restritos aos homens. Talvez por isso, ao ler e escrever peças de teatro, imitando a técnica e o estilo cômico de Terêncio, ela demonstrasse uma certa timidez ao descrever paixões e conversas entre amantes. Segundo as palavras de Aurora López, a autora descreve este sentimento da seguinte forma: “vergüenza interna que se manifiesta externamente en el intenso rubor que la invade, y en el pudor que siente su oído antes las conversaciones de los amantes. Ahora bien, eso lo siente la persona, la mujer, la canonisa, que vive según unas reglas” (LÓPEZ, 1998, p. 180). Ainda de acordo com a autora, Rosvita precisava justificar o conhecimento que possuía das comédias pagãs. Essas leituras, na opinião de muitos teólogos, eram consideradas perigosas para os cristãos. Porém, para atuar contra este mal era preciso conhecê-lo e ela se impôs a obrigação de escrever sobre ele e

¹⁰ [...] un intense carrefour d'intérêts, tout à la fois collège, université, lieu de pèlerinage, asile, auberge, hôpital, conservatoire de musique, bibliothèque, centre culturel, et un lieu de vie pour de saintes femmes (PAUTRAT, 2002, p.8).

recorreu ao exercício do magistério e da argumentação cristã para justificar os meios de que se utilizava.

Ainda segundo Aurora Lopez, Rosvita, assustada com sua ousadia, adotava uma atitude de humildade em sua própria pessoa para diminuir o efeito de seus escritos sobre os críticos masculinos. Para poder seguir pensando e escrevendo, ela demonstrava uma certa prudência, um tom de humildade perante os escritores mais “sábios” que ela. Confessava que não se estimava tanto e que tinha recebido esta inspiração de Deus. “[...] y nos encontramos con una nueva reafirmación femenina que se repetirá en muchos místicos, que emana de Dios, sin intermediarios masculinos” (LÓPEZ, 1999, p.180). A autora considera este comportamento de Rosvita como uma estratégia para que os escritos de uma mulher fossem aceitos por seus contemporâneos.

Neste sentido, em uma carta escrita a certos sábios defensores de sua obra, Rosvita, numa atitude de humildade, desculpava-se e ao mesmo tempo alegrava-se por receber o apoio e a atenção dos que possuíam o conhecimento filosófico. Apoiando-se estrategicamente em um retórico pedido de desculpas, ela deixava claro que era consciente de que Deus dava o talento a cada um e ela não podia se negar a exercer os dons gratuitos que tinha recebido.

[...] hicisteis digna de vuestra admiración mi obrita de vil mujercilla y alabasteis a Aquel que da la gracia operante en mí, congratulándome con fraternal afecto, juzgando que existe en mí un pouquitín de la ciencia de aquellas artes cuya sutileza largamente sobrepasa a mi ingenio femenino (ROSVITA, 2003, p.57).

Com base no conhecimento que recebeu, ela considerava que a capacidade era dada tanto para o homem como para a mulher e desejava que o valor fosse atribuído de acordo com o talento manifestado nos escritos de cada um. Sobre o seu trabalho como escritora, Dronke faz um comentário muito interessante sobre Rosvita, afirmando que ela se manifestava autenticamente feminina.

Roswitha sabía, por experiencia propia, que las cosas se mediam por un doble rasero. En primer lugar, no cabía esperar lo mismo de un hombre que de una mujer, como tampoco de sus aptitudes. Aquí la coqueteria de Roswitha se encargaba de subrayar cómicamente la debilidad de la mujer, sin minimizarla jamás, pero de tal modo que se

frustran nuestras expectativas y, paradójicamente, se revela la fortaleza femenina (DRONKE, apud LÓPEZ, 1999, p.181).

Rosvita manifestava uma atitude muito sábia perante o sexo oposto, ela procurava agradar destacando a debilidade da mulher e, ao mesmo tempo, exaltando toda a força, inteligência, coragem e o conhecimento que ela possuía. Esses modelos e sentimentos femininos estão representados em seus escritos.

Segundo Aurora López, as obras de Rosvita estão divididas em três livros. O livro I contém uma dedicatória em dísticos a Gerberga, abadessa de Gandersheim, e oito poemas de temas e conteúdos hagiográficos; o livro II, um prefácio em prosa rimada destinado aos sábios conhecedores do livro e seis dramas segundo o modelo de Terêncio; o livro III, uma carta a Gerberga II, duas crônicas contando as façanhas do Imperador Óton I e do seu filho Óton II e as *Primordia Coenobii Gandeshemensis*, que relata as origens do mosteiro onde passou a maior parte de sua vida.

Porém, para outro estudioso de suas obras, Peter Dronke, citado por Andrés López, a obra de Rosvita limita-se a dois livros: *Líber Primus* (Livro Primeiro) e *Líber Secundus* (Livro Segundo), o qual culmina com sua versão do *Apocalipsis*. Ele comprova este fato com uma passagem de Rosvita encontrada entre ambos os livros: “Explicit líber primus, incipit secundus” (Explicado no livro primeiro, início do segundo). (DRONKE, apud LÓPEZ, 2003, p. 21).

Temas como a celebração do martírio e a defesa da virgindade foram os fundamentos básicos da obra de Rosvita. Goulet aponta que “[...] as obras dramáticas, com efeito, ao número de seis, se inspiraram todas em narrações hagiográficas do século IV e do V, e seus temas celebram também as virtudes dos mártires na defesa da virgindade” [...] (GOULLET, 2000, p.18)¹¹.

Esse autor afirma também que os escritos de Terêncio faziam sucesso perante a sociedade do seu tempo, por isso ela teria se servido da sua forma dramática para tratar de temas mais religiosos: “a inspiração de suas obras é sempre de natureza hagiográfica” (Ibid. 2000, p. 19)¹².

¹¹ [...] “les oeuvres dramatiques, en effet, au nombre de six, s’inspirent toutes de récits hagiographiques du IV ou du V siècle, et leur thématique célèbre elle aussi les vertus de martyrs défendant leur virginité” [...] (GOULLET, 2000, p.18).

¹² “la veine de ces oeuvres est toujours de nature hagiographique” (Ibid. 2000, p. 19).

Nesse sentido, Rosvita, como religiosa e educadora cristã, aproveitou-se dessa forma literária para inovar. Reconhecida como primeira dramaturga em toda Europa, ela retoma o teatro que havia se eclipsado durante séculos. Ela escreveu sobre temas que considerava importantes de serem ensinados e preservados, privilegiando a forma dramática deixada pelos clássicos, Plauto e Terêncio, autores de comédias teatrais latinas. Rosvita procurava aproximar os homens ilustres da corte dos Otones e as religiosas do seu convento. O propósito desta leitura era reforçar os princípios da fé cristã.

4.2 - O TEATRO: INSTRUMENTO PEDAGÓGICO

Rosvita escreveu suas peças e fez uso do estilo e da forma literária de Terêncio (nascido no ano 185 a.C.), autor pagão de comédias latinas, porque considerava o teatro como instrumento apropriado para explicar a religião, o conhecimento clássico e os princípios morais de sua época. Representando personagens bíblicas, Rosvita sintetizou grande parte da sabedoria antiga e abordou temas que instruíam e explicavam diversas situações subjetivas de sua época.

A sociedade romana, nos primeiros séculos, assimilou elementos da cultura grega e transmitiu estes ensinamentos aos povos que se estabeleceram no Império. Os costumes e as tradições anteriores continuavam a alimentar a literatura, a arte, e a cultura. Segundo Hauser “[...] o máximo que se pode dizer é que uma reorientação da vida abalou a coerência original das formas da antiga cultura; essas formas, porém, ainda subsistiram como o único veículo de expressão disponível, o qual tinha de ser forçosamente utilizado por quem desejasse ser entendido” (HAUSER, 2000, p.128). A atitude da Igreja com relação à arte, à filosofia e à poesia foi a de incorporar um significado mais cristão.

Na opinião dos primeiros tempos da Idade Média, a arte seria supérflua se todos pudessem ler e acompanhar uma cadeia abstrata de raciocínios; a arte era vista originalmente como uma simples concessão feita às massas ignorantes que tão facilmente são influenciadas por impressões dos sentidos. Não era certamente permitido que fosse “um mero prazer para os olhos”, como afirmou São Nilo. O caráter didático é a mais típica das características da arte cristã, quando comparada com as antigas [...] (HAUSER, 2000, p.129);

A arte teatral sofreu alterações já na Antigüidade tardia. Na Grécia eram comuns duas formas de drama, a comédia e a tragédia, que eram consideradas como parte da educação de um grego. Esses gêneros teatrais foram assimilados pelos romanos, que também gostavam dessa encantadora arte. No entanto, segundo Cardoso, no século I da nossa era esses antigos dramas sofreram alterações e, em seu lugar, apareceu um tipo de espetáculo puramente visual, com formas dramáticas mais embrutecidas e pouco refinadas, que agradavam as classes menos formadas intelectualmente.

Os mimos, com sua leveza e alegria, com danças, música, presença de mulheres e cenas de nudez, eram muito mais apreciados do que as antigas comédias e as austeras tragédias. Além disso, os espetáculos circenses, grandiosos e violentos, expandiam-se cada vez mais, disputando com o teatro a preferência do público (CARDOSO, 2003, p. 43).

Nem mesmo com a chegada do Cristianismo e a derrocada de Roma, o gosto por esse tipo de espetáculo mudou. As autoridades eclesiásticas adotaram críticas severas com relação a este gênero dramático. Andrés López supõe que uma das causas fundamentais que levou a Igreja a proibir encenações das comédias e tragédias antigas é o fato de que os espetáculos teatrais foram reduzidos a uma série de cenas e gestos degradantes (LÓPEZ, 2003, p. 36). As cenas apresentadas eram grotescas e relacionavam-se a mortes e lutas sangrentas.

Assim, com o cristianismo florescendo em Roma, surgiram os primeiros escritores cristãos empenhados em redigir discursos apologéticos nos quais manifestavam suas preocupações com o comportamento dos cristãos. Ao mesmo tempo, a hierarquia da Igreja repugnava e intervinha contra os espetáculos teatrais acima mencionados:

Los gustos del público romano se degradaron a extremos tales que se prefirieron, al final, los juegos de anfiteatro, las ejecuciones públicas o estos nuevos tipos de representaciones, que no pueden, en rigor, ser llamadas "teatro", y se dejaron atrás la comedia y tragedia clásicas (LÓPEZ, 2003, p.36);

Neste sentido, podemos afirmar que a representação de tragédias e comédias clássicas foi praticamente abandonada entre o fim da Antigüidade e o começo da

Idade Média. Os apologistas cristãos não foram contra o cultivo dos grandes gêneros dramáticos da antigüidade clássica, mas se posicionaram contra seus excessos. López afirma que “los poderes eclesiásticos, por tanto, no lucharan, no prohibieron el cultivo de los grandes géneros dramáticos grecorromanos, que hacía tiempo que no se usaban, sino este tipo de formas degradadas que sobrevivían en la escena” (LÓPEZ, 2003, p. 36).

A brutalidade das cenas fez com que, além das autoridades eclesiásticas, as autoridades laicas também se preocupassem com os excessos praticados nas festividades.

Ya en época de Augusto, las opiniones de Ovidio, Horacio y otros escritores nos dibujan un panorama teatral en el que se percibe el desplazamiento que la elaboración del texto dramático había acabado sufriendo en favor de un espectáculo puramente visual, cada vez más embrutecido y alejado de toda sensibilidad refinada, afectando los nuevos gustos incluso entre las clases mejor formadas intelectualmente, lo cual lleva a un poeta como Horacio a pensar en la imposibilidad de que el antiguo drama clásico se recupere (LÓPEZ, 2003, p. 36-37).

É evidente que, no período em que nossa autora escreveu suas peças, a idéia de teatro era muito diferente da que temos hoje em dia. É possível que seus dramas não tenham sido destinados a representações no século X, já que o teatro era uma atividade condenada pelas autoridades eclesiásticas. De acordo com Andrés López, podemos dizer que Rosvita, por viver no espaço monacal, ao imitar o escritor latino, considerou apenas o modelo de composição, mas não as técnicas de representação.

Esse autor supõe que os diálogos dramáticos de Rosvita não foram escritos para serem encenados como vemos atualmente. É possível que na corte dos otônidas se fizessem leituras em voz alta, leituras dialogadas, das obras de Rosvita (LÓPEZ, 2003). Pouco se sabe se os seus diálogos dramáticos foram ou não representados; não se pode afirmar isto com certeza, pois existem poucos documentos a este respeito. Segundo outro estudioso de suas obras, Monique Gouillet, seus textos foram apenas lidos em voz alta e Rosvita afirma este fato em seu prefácio dramático:

Pois se minha piedade tem a felicidade de agradar, eu serei feliz; mas se ela não seduz a ninguém por causa de minha mediocridade e da

grosseria de uma língua incorreta, eu não serei menos feliz pelo que fiz, por que, em executar com cuidado a forma de minha escrita modesta, rodeada, dos outros opúsculos, produtos da minha ignorância, de um diadema heróico, ornado aqui de uma corrente de obras dramáticas, eu evitei assim, fugindo, as perigosas delícias dos pagãos (HROTSVITA, 2000, p.18)¹³.

Contudo, em épocas recentes, os seus diálogos chegaram a ser representados por algumas companhias teatrais profissionais e foram utilizados como textos acadêmicos em algumas Universidades. De qualquer forma, podemos afirmar que, “Rosvita es la primeira mujer europea que, en el período medieval europeo, escribió teatro” (GARRETAS, apud. LÓPEZ, 2003, p. 40).

Durante o medievo, ao longo do processo de transmissão do legado clássico, os antigos textos dramáticos latinos serviram de modelo para muitos escritores, especialmente as comédias de Plauto e Terêncio. Rosvita utilizou-se dessas fontes porque percebeu que, por serem sensuais e agradáveis, sua leitura despertava o interesse do público. Muitos abandonavam os livros clássicos e sacros, passando a servir-se das leituras teatrais terencianas. Em toda Idade Média, o teatro e outros espetáculos de massa eram proibidos pela Igreja, mas Terêncio “[...] nos aparece como un autor clásico imprescindible para la formación de cualquier buen letrado medieval” (LÓPEZ, 2003, p.23)¹⁴.

Possivelmente seja por isso que Rosvita transformou o teatro em um instrumento apropriado para explicar a religião, o conhecimento clássico, os valores morais e as virtudes cristãs. A forma dramática dos escritos de Rosvita teve um importante papel didático e doutrinário, porque ela propunha discussões de temas com base em uma argumentação filosófica cristã. E, dessa forma, ela veiculava temas que considerava essenciais para a formação dos homens da corte otônida e das monjas do seu mosteiro.

É interessante observar que, mesmo com a condenação do teatro pelos setores eclesiásticos durante a Idade Média, era comum que os dirigentes da Igreja, além da

¹⁴ Ainda de acordo com este autor, as obras de Terêncio eram apreciadas pelo arcebispo Bruno, irmão de Otón I e seus amigos, entre eles *Raterio de Verona* e *Liutprando de Cremona*, homens de ampla cultura, que desempenhavam um papel importante na corte como educador e que após terem lido e apreciado alguns dramas escritos por Rosvita, outorgaram sua opinião favorável sobre a obra, provavelmente, porque satisfaziam seus gostos. (LÓPEZ, 2003, p.24)

leitura obrigatória das escrituras sagradas, aproveitassem as obras dos autores clássicos gregos e romanos para a formação das pessoas. Segundo López, a leitura de autores latinos nas escolas foi muito incentivada e recomendada desde o Império Romano. São Jerônimo, por exemplo, que muito influenciou o desenvolvimento da cultura na Alta Idade Média, “[...] conoció bien la obra de Plauto y Terencio, a pesar de su oposición a los espectáculos teatrales; también admiraba a Lucrecio, Cicerón, Salustio, Virgilio, Horacio, Pérsio, Lucano...” (LÓPEZ, 2003 p. 23). Este teólogo, naqueles tempos de insegurança, criou condições favoráveis para os estudos de autores latinos.

Diante deste quadro, não devemos estranhar que, durante a época otônida, a preocupação com a formação cultural e com uma boa educação escolar tenha levado a se admitir a leitura de autores gregos e romanos além dos cristãos nas escolas catedráticas e monásticas. Assim, Terêncio despertou o interesse de grandes personalidades e passou a ocupar um lugar de destaque: [...] era uno de los escritores romanos más copiados entre los siglos IX y XII, tanto en manuscritos de lectura y trabajo de escuela, en glosas o comentarios, como en códices de lujo, aparte de ser, ciertamente, uno de los escritores romanos clásicos más leídos durante toda la Edad Media (Ibid. p. 25).

As comédias de Terêncio parecem ter sido apreciadas durante toda Idade Média e, segundo Souza, são obras de elevado nível artístico, possuem uma linguagem elegante e depurada, demonstrando que foram escritas para um público mais refinado e culto.

Terêncio é, sem dúvida, o mais correto dos escritores latinos do primeiro período. Como poeta cômico manteve uma disciplina artística e moral que reflete o ambiente em que se desenvolvia o seu talento, manifestada pela nobreza e decoro de expressão e pela ternura de sentimentos. Com essa orientação aproxima-se dos modelos gregos, que se caracterizam pelo controle das paixões e a delicadeza da arte (SOUZA, 1977, p.106).

O conhecimento de Terêncio é nítido em Rosvita. Em seus dramas, ela utilizou o estilo e algumas características desse dramaturgo clássico. Para Dronke, suas obras são parecidas na forma como ambos representam os homens e as mulheres. Os personagens masculinos são sempre poderosos e ameaçadores; no entanto, sempre

acabam por reconhecer o absurdo de suas pretensões. Os femininos são sempre depreciados e ameaçados pela violência dos tiranos, porém acabam por triunfar e vencer por meio de seus argumentos (DRONKE, apud LÓPEZ, 2003, p. 25). Contudo, as semelhanças temáticas são apenas essas. Ao contrário de Terêncio, Rosvita escreveu um teatro fundamentalmente religioso. Ela apreendeu de Terêncio sua forma dramática de composição, mas a correlação de conteúdo é praticamente inexistente.

Andrés López afirma que a autora, além de imitar as obras pagãs de Terêncio, empregava em seus dramas diálogos da escolástica e de outras fontes da literatura religiosa, tanto ortodoxas como heréticas. Para escrever a história da *Ressurreição de Drusiana e Calímaco*, ela utilizou o livro "*Hechos de Juan*, traducido al latín hacia el siglo IV, apócrifo neotestamentario, herético, de fuertes matices docetistas e inspiración gnóstica" (ASTEY, apud LÓPEZ, 2003, p. 30) que versa sobre a Assunção da Virgem Maria.

O Senhor então dirigiu-se à sua mãe dizendo: "Maria". Ela respondeu: "Aqui me tens, Senhor!" Ele disse-lhe: "Não te aflijas; alegre-se teu coração e sinta o gozo, pois encontraste graça para poder contemplar a glória que me foi dada por meu Pai". Então a santa mãe de Deus levantou seus olhos e viu nele uma tal glória, que é inefável para a boca do homem e incompreensível.

O Senhor permaneceu ao seu lado e prosseguiu dizendo: "Eis que a partir deste momento teu corpo será transportado ao paraíso, enquanto tua santa alma estará nos céus, entre os tesouros de meu Pai, coroada de um extraordinário resplendor, onde há paz e alegria própria dos santos anjos e mais ainda" (SÃO JOÃO EVANGELISTA, 2004, p. 235).

De acordo com Andrés López, o tema do mistério de Maria despertava fascínio em Rosvita, por isso ele considera que a ressurreição de Drusiana foi fundamentada nesta fonte apócrifa (LÓPEZ, 2003, p. 30).

É importante salientar que a Igreja Católica considera apócrifos os Evangelhos que, apesar de terem sido atribuídos a um autor sagrado, não eram aceitos como canônicos.

Na Antiguidade, chamavam-se *apócrifos* os livros destinados ao uso privado dos iniciados numa seita. Etimologicamente, *apócrifo* significa "coisa escondida, oculta". Entre os romanos, neste sentido, os Sibílinos e os *luciferos Pontificum* eram *apócrifos*. Mais tarde designaram-se *apócrifos* livros de origem duvidosa. Assim, entre os cristãos,

designaram-se *apócrifos* um conjunto de livros que desenvolvem temas religiosos, cuja autoria é falsamente atribuída a importantes personagens bíblicos, para lhes garantir maior autoridade e um caráter sagrado. Tais obras, muitas vezes, se tornaram suspeitas de heresia, ou seja, não de acordo com o ensinamento oficial. Por isso passaram a ser excluídos não só da leitura nas celebrações litúrgicas, mas considerados pouco recomendáveis nas mãos dos fiéis (ZILLES, 2004, p.10).

Segundo o autor, os evangelhos apócrifos exerceram muita influência na liturgia, na arte e na literatura medieval e boa parte disso se deve à curiosidade para conhecer detalhes do acontecimento da vida de Jesus, de Maria e dos apóstolos (ZILLES, 2004). É possível que a leitura de documentos apócrifos tenha influenciado Rosvita na composição de seus dramas.

Assim como a Igreja excluiu os apócrifos do cânon, o teatro clássico, na forma como era representado na Antigüidade, também foi proibido na época medieval pelos pensadores cristãos, mas Rosvita teve acesso a essa literatura dos primeiros séculos e por isso pode fazer do teatro o suporte para transmitir sua mensagem. No mundo ocidental de hoje, ela é compreendida de diferentes maneiras. Segundo Gouillet, entre os alemães ela é considerada a primeira poetisa, porém é na Itália que a tradução dos seus trabalhos foram mais numerosos e se tornaram claramente consagrados. “A poetisa sempre foi aí considerada como um elo da corrente literária que vai da Antigüidade até o fim da Idade Média, sem que não se esqueça contudo, de destacar a originalidade de seu talento pessoal” (GOULLET, 2000, p.16)¹⁵.

Ainda segundo ele, os seus escritos são bem recebidos pelos italianos porque a língua e a cultura italiana moderna estão estreitamente relacionadas com o latim da Antigüidade e da Idade Média. Seus textos atraíram também a atenção dos franceses. Destacados como importantes obras, foram inseridos no programa de história literária em Sorbone. “[...] tem-se também a imagem romântica da monja frágil, enclausurada no mosteiro de Gandersheim, que distraía suas irmãs com representações teatrais” (GOULLET, 2000, p.17)¹⁶.

¹⁵ “La poétesse y a toujours été perçue comme un maillon de la chaîne littéraire qui va de l’Antiquité jusqu’à la fin du Moyen Age, sans qu’on oublie néanmoins de souligner l’ originalité de son talent personnel” (GOULLET, 2000, p.16).

¹⁶ “[...] on leur doit aussi l’imagerie romantique de la nonne fragile, clôîtrée à Gandersheim, et distrayant ses soeurs par des représentations théâtrales “ (GOULLET, 2000, p.17).

Após termos fornecido essas informações sobre a vida de Rosvita e sobre as condições em que ela criou suas peças dramáticas, vamos analisar seus dramas e um poema. A análise será feita com base nas principais questões tratadas pela autora e que se tornaram propostas educativas naquele momento em que, com o início das relações feudais, a sociedade passava por intensas transformações sociais.

4.3 - CELEBRAÇÃO DO MARTÍRIO

No *Martírio das Santas Virgens Fé, Esperança e Caridade*, Rosvita retrata o tempo de Adriano. O enredo da peça baseia-se, como o próprio título indica, no martírio dessas virgens, Fé, Esperança e Caridade, e de sua mãe Santa Sabedoria, as quais, acusadas de praticar a religião cristã, são denunciadas por Antíoco ao Imperador Adriano. As santas virgens sofrem opressão do tirano, que mostra uma considerável criatividade na diversidade de instrumentos, técnicas e procedimentos de tortura destinados a provar e vencer a fé dos cristãos. Elas se livram de todas as torturas, mas reconhecem que somente por meio da morte podem alcançar o estado de graça eterna.

Como elas admitem a existência de um Deus único, decidem seguir o que seria para os cristãos o caminho da virtude. Em várias cenas, o Imperador insiste para que a mãe e as filhas prestem culto aos seus deuses; no entanto, em todos os momentos, mesmo diante dos castigos, elas se negam veementemente a adorar os deuses pagãos:

ADR.: Ilustre matrona, com bons modos convido-te a dar culto aos deuses, para que possas gozar de nosso favor.

SAB.: Não pretendo de modo algum prestar culto a teus deuses, nem morro de vontade de ganhar o teu favor[...] (ROSVITA, 1986, p.49)

[...] ADR.: Fé, olha para aquela venerável imagem de Diana e oferece libações à deusa, para que possas valer-te da graça que ela dispensa.

FÉ.: Que então seria mais tolo; que mais insensato pode haver do que nos exortar a desprezar o Criador do Universo e a adorar o metal? (Ibid. p. 55)

O fato de Rosvita articular a trama de sua peça com base nesse tipo de enfrentamento demonstra que ela tinha conhecimento das perseguições desencadeadas pelos governadores das províncias contra os cristãos como uma forma de minar a prática da Fé em Cristo. As perseguições eram comuns durante os

primeiros séculos do cristianismo, quando os padres da Igreja e os apologistas, como Tertuliano, escreveram opúsculos e lutaram contra os que não acreditavam em Cristo. Ao dar, no século X, força dramática aos sofrimentos dos primeiros cristãos em defesa da Fé e, assim, relacionar os acontecimentos passados com o seu momento histórico, ela pretendia ensinar que o sacrifício, ou seja, o martírio, garantia o retorno vitorioso para o seio do Senhor. Por isso, esse tema é recorrente em quase todos os seus escritos. É o caso do drama *Dulcício ou Martírio das santas virgens Ágape, Quiônia e Irene*. No enredo desta peça ela descreve o martírio dessas três jovens cristãs que se negaram a prestar culto aos deuses. O Imperador, muito intrigado com a atitude das moças, manda que Sisínio as torture. No entanto, como elas desejavam sofrer pelo amor de Cristo, Ágape e Quiônia foram queimadas e Irene trespassada por uma flecha.

SISÍNIO: Soldados, sem demora, levai estas blasfemas e lançai-as vivas nas chamas ardentes.

SOLDADOS: Armamos imediatamente a fogueira, senhor, e nela lançamos estas blasfemas para acabar com tantos insultos!

ÁGAPE: Senhor, sabemos que, por Teu poder, não é inusitado que o fogo esqueça a sua natureza. Mas, por favor, deixa-o agir, pois aborrece-nos a espera de nosso espírito ir para Ti e cantar o Teu louvor no céu, sem vínculos deste corpo terreno.

SOLDADOS: Que milagre espantoso! Olhem! As almas estão saindo e não há, nos corpos delas, o menor sinal de ferimento: seus cabelos não se queimam, nem suas roupas e nem seus corpos [...] (ROSVITA, 1998, p.184).

Irene não é morta da mesma forma que as irmãs. O rei, com intenção de torturá-la determina que seja levada para um prostíbulo, porém, no caminho, por acreditar que recebeu a proteção dos anjos, ela é levada para a montanha e lá se entrega à morte.

[...] IRENE: Sisínio, seu pobre coitado! Reconhece que foste vergonhosamente derrotado, pois não és capaz de enfrentar uma garotinha sem armamento.

SISÍNIO: Qualquer vergonha será tolerável quando tu tiveres morrido.

IRENE: Esta flecha para mim será causa de grande alegria; para ti, perdição. Por causa dela, tu serás levado ao inferno; eu receberei a palma do martírio e a coroa da virgindade; serei levada ao tálamo do meu Esposo, o eterno rei celestial, para Ele a glória pelos séculos dos séculos (ROSVITA, 1998, p.190).

Nos seus dramas, Rosvita queria mostrar cenas de personagens que pertencem ao mundo sagrado. Por isso não é de se estranhar que a monja adote motivos cristãos como tema de suas composições e se utilize de uma forma alegórica para transmitir suas idéias. Na peça, *Martírio das santas virgens Fé, Esperança e Caridade*, Rosvita procura representar as três virtudes teológicas da fé cristã, ou seja, os três pilares da Igreja, por meio dos nomes de suas filhas: ADR: Dize os nomes delas. SAB.: A primeira se chama Fé; a segunda, Esperança; a terceira, Caridade (ROSVITA, 1986, p. 50). Estes princípios, pregados pelo cristianismo nos primeiros tempos, são o principal fundamento da doutrina cristã, ou seja, quem tem fé, esperança e caridade estará cumprindo os ensinamentos básicos pregados por Cristo nos primeiros tempos e transmitidos por seus Apóstolos. Segundo Lauand, na comédia *Dulcício*, de forma alegórica, também estão presentes nos nomes das virgens mártires as virtudes do cristão: caridade (Ágape), pureza (Quiônia – nívea) e a paz (Irene) (LAUAND, 1998, p.171).

4.4 - DEFESA DA VIRGINDADE

As cenas destinadas à defesa de uma vida recolhida para as mulheres, como a preservação da virgindade, tinham um sentido moral para a época. A virgem Maria, por exemplo, é utilizada por ela como o modelo de conduta, virtude e pureza, atributos fundamentais para as mulheres do século X.

Em várias cenas, contrapondo-as ao modelo da pecadora, Rosvita reforçava a importância das mulheres se consagrarem espiritualmente a Cristo. Isso pode ser observado na Cena V, do drama *O martírio das virgens Fé, Esperança e Caridade*, em que a mãe exorta as filhas a praticarem a virgindade.

SAB.: Isto eu desejo: que pela vossa virgindade seja eu coroadada; pelo vosso martírio seja eu glorificada (ROSVITA, 1986, p. 54).

[...]

SAB.: Ó caridade, excelsa esperança de meu ventre, ilustre filha minha, não defraudes as esperanças de tua mãe de que combates bem. Desdenha as ofertas do Imperador e assim atingirás a alegria sem fim: a refulgente coroa da virgindade sem mancha que tuas irmãs conquistaram (Ibid, 1986, p.62).

Em sua peça, *Conversion de Galicano, general de los ejércitos*, esta mesma situação é retratada por Rosvita. O enredo é composto pelos esforços de Galicano, general dos exércitos, para defender a pátria e receber um prêmio do Imperador Constantino. Como ele tinha o direito de escolha, pediu ao Imperador para se casar com a filha do mesmo, a donzela Constanza. Porém, ela havia feito votos de castidade e o casamento não era seu desejo.

CONSTANTINO: El duque Galicano, que ha tenido frecuentes éxitos y triunfos y que ha adquirido la medalla al mérito antes que los demás generales, y cuyas obras muy a menudo estamos necesitados para la defensa de la patria.

CONSTANZA: Qué pasa con él?

CONSTANTINO: Desea tenerte como esposa.

CONSTANZA: A mí?

CONSTANTINO: A ti.

CONSTANZA: Prefiero morir.

CONSTANTINO: Lo suponía.

CONSTANZA: Y no es nada asombroso, pues con tu aprobación y tu permiso me consagré a la virginidade por servir a Dios.

CONSTANTINO: Lo recuerdo.

CONSTANZA: Y nunca, por ningún tormento, podré ser forzada a dejar de observar mi custodia Del Inviolado Sacramento (ROSVITA, 2003, p.61).

Para evitar o perigo das monjas e mulheres que freqüentavam os mosteiros se entregarem aos prazeres do corpo, Rosvita glorificava a continência das virgens cristãs e afirmava que esta era fundamental na vida monástica, pois era o caminho que conduziria ao encontro de Cristo, esposo celestial. O objetivo de Rosvita, ao pregar esta norma de comportamento, como a preservação da castidade, era assegurar a pureza do corpo e da alma. Deste modo, percebemos que mais uma vez ela retoma os conceitos pregados pelo apóstolo Paulo e que eram a base da difusão do cristianismo.

Por isso, em alguns dos seus dramas ela coloca em cena a conversão de mulheres pecadoras. Podemos notar que ela trata de mostrar outro caminho para as mulheres que, segundo a concepção cristã, cometeram atos impuros. Rosvita apresenta mulheres que souberam elevar-se moralmente após terem sucumbido à fraqueza humana. Ela precisava mostrar este modelo de comportamento para explicar os valores e as virtudes que estavam sendo abandonados.

No drama intitulado *Caída y conversión de Maria, sobrina del eremita Abraham*, Rosvita descreve como o monge Abraão conseguiu reabilitar sua sobrinha Maria, que era órfã. Ele a tinha recolhido, cuidado e instruído de acordo com os princípios cristãos e, correspondendo a esta educação, ela vivera solitária durante muitos anos. Contudo, um dia, atraída pelo pecado, ela saiu de casa para se entregar aos prazeres dos que a queriam como amante. Abraão dispôs-se a encontrá-la. Por meio de um amigo localizou sua sobrinha, que estava vivendo em uma casa de meretrizes. Ela enriquecia entregando seu corpo para amantes em troca de favores. Abraão disfarçou-se de militar e fingiu ser um amante que a solicitava. Quando se descobriram, Maria se arrependeu por ter-se entregado ao vício. Disse a Abraão que tinha sido seduzida pelo pecado, mas sentia vergonha de aproximar-se da santidade. Ele a perdoou e a recebeu novamente, encaminhando-a para um mosteiro onde ela permaneceu durante muitos anos em vigília e orações para eliminar as manchas de suas faltas.

[...] ABRAHAM: Es cierto que tus pecados son graves, lo confieso; pero la Piedad Suprema es mayor que cualquier criatura. Por lo cual, acaba con el desaliento y no dejes, entregándote a la pereza, de dar lugar a la penitencia hasta que te sobre la gracia divina allí donde sobró lo abominable de tus delitos.

MARÍA: Si hubiese alguna esperanza de merecer el perdón, de ningún modo dejaría de dedicarme por entero a mi penitencia.

ABRAHAM: Apíadate de las fatigas que por ti he pasado, y abandona esa desesperación perniciosa, que no ignoramos que será más grave que todo lo que hayas cometido! Ciertamente, aquel que desespera de que Dios quiera apiadarse de los pecadores, está irremediamente pecando, porque, así como la chispa de un pedernal no puede envolver el océano en llamas, la terquedad de nuestros actos pecaminosos no es capaz de alterar la dulzura de la benignidad divina.

MARIA: No niego en absoluto la magnificencia de la Piedad Suprema, pero considerando la enormidad de mi propia falta, temo no poder alcanzar la satisfacción de una penitencia digna.

ABRAHAM: Que contra mí se vuelva tu iniquidad! Regresa tan sólo al lugar de donde saliste y emprende de nuevo aquellas meditaciones que abandonaste [...] (ROSVITA, 2003, p.87).

Assim, ao mesmo tempo em que prega a pureza e a conversão, Rosvita também apresenta o comportamento magnânimo do perdão. Guerra, discórdia e violência são marcas negativas na sociedade, a educação cristã deve criar um clima de reconciliação e de perdão. Tentando um abrandamento da violência social, Rosvita mostra um outro princípio do cristianismo, o ato de perdoar que para o cristão é

esquecer e arrepende-se de todo comportamento e todas as ações praticadas que arrastam as pessoas para o mal. É o que expressa Rosvita ao oferecer estas imagens para a sociedade. O perdão, o arrependimento e a conversão são recomendações que devem ser percorridas pelos que têm fé.

Certamente Rosvita demonstrava o sexo masculino ocupando um lugar importante, evidenciando a imagem de varão, de homem santo que a ajudou. Porém sua ajuda não teria servido de nada se, por sua vontade, a mulher não estivesse disposta a viver de acordo com a lei cristã, abandonando os falsos prazeres. De certa forma, ela enaltecia a mulher como sujeito de virtudes, tanto intelectuais como morais, e, de acordo com esta cena, ela mostrava o caminho que as mulheres deveriam seguir após terem caído no pecado. Afinal, a forma de ser da sociedade estava baseada no cristianismo.

Em um de seus poemas, *Paixão do Santo Pelágio*, Rosvita discute ainda um outro tema importante no momento: o homossexualismo. Ela conta a história do martírio deste santo, seu contemporâneo. Córdoba, na Espanha, tinha sido invadida pelos Sarracenos e, durante o combate, o povo cristão foi submetido à cultura mulçumana. Pelágio, um jovem cristão de corpo belo e resplandecente, oriundo de Galícia, com pouca idade, ainda adolescente, preferiu permanecer preso em Córdoba em troca da liberdade do seu pai, chefe cristão que se encontrava na prisão, enfermo e velho. Depois de trancado no calabouço pelas ordens do rei Abd-al-Rhaman, atraiu a simpatia e o respeito de alguns poderosos, que intercederam por ele junto ao califa, porque sabiam que o tirano se sentia atraído por sua figura.

Sabem que o orgulhoso tirano da opulenta cidade
É corrompido pelo vício dos homens de Sodoma,
Amando os jovens de graciosa aparência,
E desejosos de uni-los ao seu amor.
E, lembrando-se disso, tomados por piedade
Pleiteiam nestes termos a causa de Pélage:
“Príncipe todo poderoso, não se entregue à tua posição
De fazer punir tão duramente esta magnífica criança,
E de submeter à tortura um refém inocente.
Tão somente tu querias ver seu maravilhoso rosto,
E provar uma vez a palavra de mel:
Como tu desejarias ligar-te a este jovem homem
Dando-lhe na tua milícia um cargo de alto posto,

Afim de que ele te sirva a corte com sua beleza delicada!”
(HROTSVITA, 2000, p. 101)¹⁷

Suspenso dos castigos e adornado com vestes luxuosas, Pelágio foi conduzido até o palácio do rei, que ficou admirado com a beleza daquele jovem.

Desde o primeiro olhar, o tirano foi cativado
E pôs-se a queimar pela amável beleza desse filho do rei.
Enfim ele perguntou se o gracioso Pélage
Seria colocado perto dele sobre o trono real,
Querendo unir estreitamente a ele o objeto de seu desejo.
Em seguida ele baixou a fronte para lhe dar um beijo
E amorosamente colocou seu braço em torno do seu pescoço.
(HROTSVITA, 2000, p. 102)¹⁸.

No entanto, Pelágio não suportou o amor do rei pagão, não se deixou seduzir pelas palavras do tirano e em nome da fé em Cristo, preferiu o martírio. Então o rei, muito nervoso porque Pelágio tinha rechaçado suas propostas sodomíticas, o fez martirizar no dia 26 de junho de 925. Certamente Rosvita estava preocupada com a vida cotidiana da sociedade, que proporcionava abundantes exemplos de aceitação destas práticas sexuais, que contrastam com a tendência intolerante existente nos reinos cristãos. Diante desta situação, considerando ser preciso dignificar e elogiar a atitude dos cristãos, ela reflete em seus versos o comportamento e a atitude de Santo

¹⁷ [...] Ils savent que le fier tyran de l'opulente ville
Est corrompu du vice des hommes de Sodome,
Aimant les jeunes gens au gracieux visage,
Et désireux de les unir à son amour.
Ils se souviennent de la chose, et pris par la pitié
Plaignent en ces termes la cause de Pélage:
"Prince tout-puissant, il ne sied pas à ton rang
De faire punir trop durement ce magnifique enfant,
Et de soumettre à la torture un otage innocent.
Si seulement tu voulais voir son merveilleux visage,
Et goûter une fois sa parole de miel:
Comme tu désirerais t'attacher ce jeune homme
En lui donnant dans ta milice un grade de premier rang,
Afin qu'il te serve à la cour avec sa beauté délicate!" (HROTSVITA, 2000, p. 101).

¹⁸ [...] Des le premier regard le tyran fut captivé
Et se mit à brûler pour l'aimable beauté de ce fils de roi.
Enfin il demanda que le gracieux Pélage
Soit placé près de lui sur le trône royal,
Voulant unir étroitement à lui l'objet de son désir.
Puis il baissa le front pour lui prendre un baiser
Et amoureusement lui mit ses bras autour du cou (HROTSVITA, 2000, p. 102).

Pelágio, mostrando para os jovens que o homossexualismo devia ser visto como falta de fé, como uma situação típica de um mundo profano.

4.5 - A BELEZA FEMININA

Rosvita destacava, também, a feminilidade das mulheres, apresentando-as fortes, belas e inteligentes frente aos homens que exerciam o poder. É essa a forma como ela procede em *Martírio das santas virgens Fé, Esperança e Caridade*.

Sab: Não tenho receio de, na nobre companhia de minhas filhas, ir ao palácio e não tremo ante a ameaça de defrontar-me cara a cara com o Imperador (ROSVITA, 1986, p.47).

[...]

Adr: Estou estupefato diante da beleza de cada uma delas, e não sou capaz de deixar de admirar seu porte pleno de dignidade (Ibid. p.48).

Com uma visão mais voltada para uma leitura do gênero feminino, Maria Milagros Rivera tece as seguintes considerações:¹⁹

1. Las cuatro mujeres llegan a Roma, sin hombres que las protejan. 2. Se dedican a predicar, y su labor es subversiva, por cuanto incantan (sic) a las mujeres a rechazar a sus maridos. 3. Son todas ellas única y exclusivamente prototipos. 4. Representan un mundo de mujeres que se dan apoyo, frente al de los hombres, obscenos y ruidosos (RIVERA, apud LÓPEZ, 1998, p.181).

Em o *Dulcício*, Rosvita representa o mesmo arquétipo e, quando descreve as jovens, ela enaltece a figura feminina:

DULCÍCIO: Trazei, soldados, as prisioneiras.

SOLDADOS: Aqui estão, senhor.

DULCÍCIO: Uau! Que lindas, que graciosas, que admiráveis garotas!

SOLDADOS: Sim, são um espetáculo!

¹⁹ Não pretendemos neste estudo destacar a questão do gênero, vamos apenas abordar a sensibilidade feminina de Rosvita ao se remeter às mulheres.

DULCÍCIO: Estou cativado pela beleza delas.
SOLDADOS: E não é para menos, senhor (ROSVITA, 1998, p.175).

De nosso ponto de vista, as reflexões em torno da sua obra e da sua pessoa mostram que a representação feminina, em seus diálogos, emana da fé em Deus, considerada por Rosvita como a única responsável pela nossa capacidade de dispor do conhecimento.

4.6 - AS DISCIPLINAS DO QUADRIVIUM – ARITMÉTICA E MÚSICA

Suas personagens femininas, mesmo sofrendo a ameaça e a opressão dos tiranos, acabavam triunfando na defesa de suas idéias. Na comédia *Martírio das santas virgens Fé, Esperança e Caridade*, a personagem Sabedoria, como o próprio nome indica, é extremamente sábia e, além de ministrar a educação religiosa cristã, transmite conceitos importantes para a formação intelectual. Ao revelar a idade das filhas, Sabedoria ministra uma aula de Aritmética, demonstrando que Rosvita tinha grande domínio das Artes Liberais e da formulação boeciana. Dronke afirma que estamos diante de um nome simbólico e que *Sapientia* é “[...] la madre que encarna la sabiduría incluso en su próprio nombre y que se burla de su juez, el emperador Adriano, con los enigmas de las matemáticas de Boecio” (DRONKE, apud LÓPEZ, 2003 p. 31). A mãe das mártires encarna este ideal de mulher sábia, tão querido por Rosvita, e deixa o Imperador surpreso com tal demonstração de conhecimento. Os conceitos de matemática desenvolvidos por Rosvita, por meio da personagem de sua peça, segundo Lauand, foram extraídos do *De Arithmetica* de Boécio.

número parmente par: que são as nossas potências de 2[...]
parmente ímpar: o dobro de um ímpar[...]
ímparmente par: produto de um ímpar por um parmente par [...]
denominação e quantidade: são os fatores de um produtos;
número perfeito: é um número n cuja soma de seus divisores (a menos do próprio n) dá n . Se essa soma for maior que n , o número diz-se *excedente*; se menor, *deficiente* (LAUAND, 1986, p.42).

A nosso ver, a autora queria ensinar para aquela sociedade, além dos conceitos religiosos e morais, a matemática. Esta aula era muito importante para a época, pois

era uma forma de desenvolver a capacidade reflexiva de suas alunas. Na passagem seguinte, a partir da idade das filhas, Sabedoria coloca em prática seu conhecimento dos conceitos matemáticos boecianos:

ADR.: Quantos anos têm?
SAB.: (*sussurrando*) Agrada-vos, ó filha que perturbe com um problema aritmético a este tolo?
FÉ.: Claro mamãe. Porque nós também ouviremos de bom grado:
SAB.: Ó Imperador, se tu perguntas a idade das meninas: Caridade tem por idade um número deficiente que é parmente par; Esperança, também um número deficiente, mas parmente ímpar; e Fé, um número excedente mas imparmente par.
ADR.: Tal resposta me deixou na mesma: não sei que números são!
SAB.: Não admira, pois, tal como respondi, podem ser diversos números e não uma única resposta.
ADR.: Explica de modo mais claro, senão não entendo (ROSVITA, 1986, p. 50).

Nas cenas citadas a seguir, a pedido do Imperador, Sabedoria faz uma explicação mais detalhada dos conceitos matemáticos.

SAB.: Caridade já completou 2 olimpíadas; Esperança, 2 lustros; Fé, 3 olimpíadas.
ADR.: E por que o número 8, que é 2 olimpíadas, e o 10 que é 2 lustros são números deficientes? E por que 12 que completa 3 olimpíadas se diz número excedente?
SAB.: Por que todo número cuja soma de suas partes (isto é, seus divisores) dá menor que esse número chama-se deficiente, como é o caso do 8. Pois os divisores de 8 são: sua metade – 4, sua quarta parte – 2, e sua oitava parte – 1; que somados dão 7. Assim também o 10, cuja metade é 5; sua quinta parte é 2; e sua décima parte, 1. A soma das partes do 10 é portanto, 8, que é menor que 10. Já o contrário, se diz número excedente, como é o caso do 12. Pois sua metade é de 6; sua terça parte, 4; a quarta parte, 3; a sexta parte, 2; e a duodécima parte, 1. Somadas as partes dão 16.
Quando porém o número não é excedido nem inferado pela soma de suas diversas partes, então esse número é chamado número perfeito.
É o caso do 6, cujas partes – 3, 2 e 1 – somadas dão o próprio 6. Do mesmo modo, o 28, 496 e 8128 também são chamados números perfeitos.
ADR.: E quanto aos outros números?
SAB.: São todos excedentes ou deficientes.
ADR.: E o que é um número parmente par?
SAB.: É o que se pode dividir em duas partes iguais e essas partes em duas iguais, e assim por diante até que não se possa mais dividir por 2 porque se atingiu o 1 indivisível. 8 e 16, por exemplo, e

todos que se obtenham a partir da multiplicação por 2 são parmente pares.

ADR.: E o que é parmente ímpar?

SAB.: É o que se pode dividir em partes iguais, mas essas partes já não admitem divisão (por 2). É o caso do 10 e de todos os que se obtêm multiplicando um número ímpar por 2. Difere, pois, do tipo de número anterior, porque naquele caso, o termo menor da divisão é também divisível; neste, só o termo maior é apto para a divisão.

No caso anterior, tanto a denominação como a quantidade são parmente pares; já aqui, se a denominação for par, a quantidade será ímpar; se quantidade par, a denominação ímpar.

ADR.: Não sei o que é isto de denominação e quantidade.

SAB.: Quando os números estão em “boa ordem”, o primeiro se diz menor e o último, maior. Quando, porém, se trata da divisão; denominação é quantas vezes o número se der. Já o que constitui cada parte, é o que chamamos quantidade.

ADR.: E o que é imparmente par?

SAB.: É o que – tal como o parmente par – pode ser dividido não só uma vez, mas duas e, por vezes, até mais. No entanto, atinge a indivisibilidade (por 2) sem chegar ao 1.

ADR. Oh! Que minuciosa e complicada questão surgiu a partir da idade destas meninhas! (Ibid. p.50, 51).

Naquele momento histórico, tornava-se necessário que, em sua educação, a mulher adquirisse conhecimento dessa arte. Quando se tinha um feudo e o homem ia para a guerra, era a mulher quem devia cuidar da propriedade, receber corvéias, administrar os feudos e, se religiosa, cuidar e administrar os mosteiros. De acordo com Duby, os administradores dos mosteiros precisavam garantir que a casa estivesse sempre fornecida de alimentos e de dinheiro, pois recebiam muitas doações. (1980, p.230) Ou seja, os administradores das abadias precisavam ter domínio da arte de administrar, devendo fazer contas, lidar com números, calcular rendas e perdas.

Por isso, Rosvita procurava ensinar às mulheres, com detalhes e de forma clara, os cálculos de matemática, as diferenças entre números pares e ímpares, perfeitos e imperfeitos, as potências de base dois, a divisão, adição, multiplicação e a subtração para que pudessem aplicar esses conhecimentos na administração dos mosteiros dirigidos por elas ou em seus feudos, quando da ausência de seus maridos.

Como vimos, anteriormente, na Regra de São Bento, os números tinham relação com a natureza criada por Deus; por isso a aritmética era considerada uma disciplina sagrada. Rosvita ao ensinar a Aritmética, uma das disciplinas que compunham o *quadrivium*, reconhecia que esta ciência da natureza emanava da

criação Divina. Assim, como uma pessoa religiosa, ela precisava mostrar também que seu conhecimento de Aritmética e toda a sabedoria que possuía não eram dela, procediam da Sabedoria Divina. Era necessário, portanto, admirar a criação e glorificar o seu Criador. A Cena III do *Martírio das santas virgens Fé, Esperança e Caridade* demonstra esta afirmação.

SAB.: Nisto deve-se louvar a supereminente sabedoria do Criador e a Ciência admirável do Artífice do mundo: pois não só no princípio criou o mundo do nada, dispondo tudo com número peso e medida; como também nos deu a capacidade de poder dispor de admirável conhecimento das artes liberais até mesmo sobre o suceder-se do tempo e das idades dos homens (ROSVITA, 1986, p. 51,52).

O ensino, na primeira fase da Idade Média, era ministrado quase exclusivamente nos mosteiros. As matérias ensinadas eram constituídas pelas sete artes liberais, entre elas a aritmética. Cumpre ressaltar que nesse momento todas as relações e, especialmente as que diziam respeito à educação, estavam vinculadas à idéia cristã de sociedade, ou seja, da primazia de Deus.

Essa estreita relação entre o ensino e a religião, em Rosvita, aparece também em outro drama, *Conversión de la meretriz Taide*. Nele, ao tratar de questões da natureza, a canonisa destaca claramente seu conhecimento sobre a música, a harmonia entre as esferas celestes e os planetas, o macrocosmos e o microcosmos. Ao explicar o significado de Macrocosmos e Microcosmos, ela relaciona o homem com o mundo menor, o microcosmos, e mostra que, assim como o mundo foi criado a partir da harmonia dos quatro elementos naturais, o homem contido neste mundo seria um reflexo constituído de corpo, alma e espírito. Pafnúcio, personagem cristão do drama, fazendo uma explicação sobre o Macrocosmos e Microcosmos, discute também a condição do homem frente ao criador

DISCÍPULOS: Qué es el Microcosmos?

PAFNUCIO: El ser humano.

DISCÍPULOS: El ser humano?

PAFNUCIO: Por supuesto.

DISCÍPULOS: Qué ser humano?

PAFNUCIO: Todos.

DISCÍPULOS: Cómo ha podido eso suceder?

PAFNUCIO: Según le agradó al Creador.

DISCÍPULOS: No lo entendemos.

PAFNUCIO: Para la mayoría no está muy claro.

DISCÍPULOS: Explícanoslo.
PAFNUCIO: Atended.
DISCÍPULOS: Con el entendimiento bien dispuesto!
PAFNUCIO: En verdad os digo que, así como el Macrocosmos fue edificado a partir de cuatro elementos contrarios, pero que fueron combinándose, a los mandatos del Creador, siguiendo unas proporciones armónicas, así también el ser humano fue el resultado de un ensamblaje, no ya sólo de esos mismos elementos, sino incluso de partes aún más contrarias entre sí.[...] (ROSVITA, 2003, p.92)

Este tema, a nosso ver, é tratado por Rosvita porque ela precisa mostrar a fragilidade do ser humano diante das coisas materiais. Sua dignidade torna-se manchada quando ele incorre no vício e na miséria moral. É o que ocorreu com Taíde, que vivia como meretriz, entregue à luxúria e à ambição. Pafnucio se aproxima dela para que se arrependa do pecado e aceite o Deus verdadeiro. Este personagem, assim como Abraão, finge ser um dos seus amantes e exige satisfação de seus atos. Ele escuta suas razões e pede para ela trocar de vida. Convencida por seus argumentos, Taíde dedica-se a uma penitência severa, buscando a perfeição espiritual. Neste momento da peça, ela elucida a existência de dois mundos, o mundo invisível criado por Deus, ordenado e perfeito, e o mundo terreno no qual atuam a desordem e o conflito. Ela faz uma reflexão sobre o universo no qual vivemos, afirmando que ambos constituem um só mundo, apesar das diferenças que cada um possui em sua substância e em sua natureza²⁰.

Nesta mesma obra, existe uma passagem muito ilustrativa e importante para a época. Como Rosvita está preocupada em ensinar uma das disciplinas do quadrivium, faz, por meio de Pafnucio, uma admirável explicação, comparando as proporções harmônicas da natureza com a música:

PAFNUCIO: Poquísimo sabría deciros de ella, porque es una desconecida de los ermitaños.
DISCÍPULOS: De qué se ocupa?
PAFNUCIO: La música?

²⁰ Nesse mesmo sentido, Morin, autor de nossa época, interroga nossa condição humana e a nossa posição no mundo e afirma que: "Somos originários do cosmos, da natureza, da vida, mas devido a própria humanidade, à nossa cultura, à nossa mente, à nossa consciência, tornamo-nos estranhos a este cosmos, que nos parece secretamente íntimo. Nosso pensamento e nossa consciência fazem-nos conhecer o mundo físico e distanciam-nos dele. O próprio fato de considerar racional e cientificamente o universo separa-nos dele. Desenvolvemo-nos além do mundo físico e vivo. É neste "além" que tem lugar a plenitude da humanidade" (MORIN, 2002, p.51). Como Rosvita, ele aponta que no homem estão refletidas todas as coisas do universo, as materiais e as espirituais. Porém a valorização das coisas materiais muitas vezes provoca grandes transtornos, causando a degradação da natureza humana e esta ação negativa causa o desmembramento do ser humano, que passa a ser visto como um ser fragmentado, fora do cosmo. Isso acontece quando compartimentamos os saberes. Assim, o objetivo principal da educação é promover um conhecimento do todo dentro de uma concepção global.

DISCÍPULOS: La misma.

PAFNUCIO: De organizar racionalmente los sonidos.

DISCÍPULOS: Y hay una sola o son varias?

PAFNUCIO: Se reconoce la existencia de tres, aunque la razón proporcional de cada una armoniza de tal forma con las otras, que aquello mismo que afecta a una no les falta a las demás.

DISCÍPULOS: Y qué distancia hay entre las tres?

PAFNUCIO: A la primera se le llama “cósmica” o “celeste”; a la segunda, “humana”, y la tercera es la que se encarga de los instrumentos.

DISCÍPULOS: De qué se compone la celeste?

PAFNUCIO: De los siete planetas y de la esfera celeste.

DISCÍPULOS: De qué modo?

PAFNUCIO: Del mismo modo que sucede con los instrumentos, así también, entre los planetas, se encuentran tantos intervalos, parejo número de notas e igual concordancia que entre las cuerdas de tales instrumentos.

DISCÍPULOS: Qué son los intervalos?

PAFNUCIO: Son las medidas que se cuentan entre los planetas, o bien entre las cuerdas.

DISCÍPULOS: Y qué son las notas?

PAFNUCIO: Lo mismo que los tonos.

DISCÍPULOS: Tampoco de éstos nos ha llegado noticia.

PAFNUCIO: El tono se construye a partir de dos sonidos y posee una proporción de número *epothoi*, que es como decir “de nueve octavas”.

DISCÍPULOS: Cuanto más rápidamente intentamos ir superando estas observaciones con nuestro entendimiento, nos vas presentando, sin parar, temas tanto más difíciles.

PAFNUCIO: Eso es algo que exigen las conversaciones de este tipo.

DISCÍPULOS: Explícanos, como mucho, un poquitín sobre las armonías, para que conozcamos por lo menos el significado de su nombre.

PAFNUCIO: Armonía se llama a la combinación proporcionada de los ritmos.

DISCÍPULOS: Por qué?

PAFNUCIO: Porque se realiza a partir ora de cuatro, ora de cinco, ora de ocho sonidos.

DISCÍPULOS: Como sabemos que son tres, desearíamos distinguir los nombres de cada concordancia.

PAFNUCIO: La primera es llamada *diatéseron*, que quiere decir “a partir de cuatro”, y posee la proporción *epítrita*, que es de una entera y un tercio. La segunda es la *diapente*, “que consta de cinco”, y lleva la proporción *emiotea*, esto es, de una entera y media. La tercera es el *diapasón*; ésta se hace en doble y se compone de ocho notas.

DISCÍPULOS: Entonces, la esfera celeste y los planetas producen un sonido, para qué merezcan ser comparados a las cuerdas?

PAFNUCIO: Y grande!

DISCÍPULOS: Por qué no se oye?

PAFNUCIO: Eso se explica mediante diversos argumentos. Algunos piensan que no se puede oír a causa de su continua repetición; otros, que por la espesura del aire; algunos, sin

embargo, aducen el hecho de qué tal enormidad de sonido no puede entrar por el estrecho conducto de los oídos; hay además quienes dicen qué la esfera celeste es tan placentera, y que produce un sonido tan dulce que, si se oyese, toda la gente en común, abandonada para siempre de sí misma, relegaría cualquier trabajo, a no ser dedicarse únicamente a seguir el recorrido de tal música desde el Oriente al Occidente.
DISCÍPULOS: Entonces, es preferible que no se oiga!
PAFNUCIO: Todo esto era conocido de antemano por el Creador (ROSVITA, 2003, p. 93 - 95).

No texto acima, ela discute um ponto importante em relação ao conhecimento neste período. Assim como Boécio e Alcuíno, Rosvita enfrenta problemas em relação ao desaparecimento da cultura clássica. Como educadora, ela coloca à disposição das monjas e das mulheres que viviam no mosteiro um contato especial com o complexo tema estudado em uma das disciplinas das artes liberais e discute a importância da Música e sua relação com a Aritmética e a Astronomia, destacando que tudo é criação Divina.

O desafio de Rosvita é transmitir um mínimo dos valores clássicos numa época em que estes ensinamentos estavam desaparecendo. Podemos dizer que as monjas se encerravam nos conventos por amor a Deus e também para se dedicar ao saber. Naquela época, o caminho das letras ocupava um espaço importante nos mosteiros, tanto para os homens como para as mulheres.

4.7 - O CONTEÚDO TEOLÓGICO

Rosvita retrata em suas peças um modelo de perseverança e fé. A presença do conteúdo teológico, demonstrando a esperança de vida e o retorno da alma para além da existência terrena depois da morte, faz com que os cristãos aceitem que devem vivenciar esse momento com alegria. O encontro com Deus é a retribuição por suportarem os sacrifícios da vida terrena. Na peça O martírio das *Santas virgens Fé, Esperança e Caridade*, a mãe propõe às filhas suportarem todos os castigos da carne e, por amor a Cristo, prontificarem-se a enfrentar a morte. Esta demonstração de fé está presente na cena IV:

FÉ.: Pelo Seu amor, estamos prontas a enfrentar a morte.

SAB.: Quanto me delicia, mais que o doce sabor do néctar, ouvir-vos.

ESP.:Leva-nos diante do juiz e verás quanto o Amor Dele nos dá coragem (ROSVITA, 1986, p.54).

Na história da *Ressurreição de Drusiana e Calímaco*, são representados fatos semelhantes. Rosvita precisava reforçar a fé dos cristãos e por isso procura convencê-los de que a escolha da morte é um privilégio, uma atitude que permite o encontro com Cristo e constitui o melhor caminho para uma vida feliz. *Calímaco* amou demais *Drusiana* e resolveu confessar seu sentimento; ela, por sua vez, considerava este amor ilícito porque já era casada. Ao saber que outro homem a amava ficou entristecida e, por amor a Cristo, preferiu entregar-se à morte.

DRUSIANA: Ay, ay! Señor Jesucristo, de qué me vale haberme consagrado al voto de castidade, si este loco me ha descarriado de la virtud? Atiende, Señor, mis temores; atiende el dolor que padezco! Ignoro lo que se habrá de hacer, lo que se habrá de hacer conmigo: si descubro esto, se armará por mi culpa una discordia civil; si lo oculto, no podré, sin Ti, luchar contra las asechanzas diabólicas. Concédeme, Cristo, morir pronto en Ti, para no conducir a la ruina a ese muchacho voluptuoso! (ROSVITA, 2003, p. 138)

As orações nos momentos próximos da morte foram uma prática constante na vida dos cristãos e, de certa forma, eram uma evidência de sua esperança em relação ao momento que se aproximava. Na verdade, expressavam um conceito que integrava o quadro mental do homem da Idade Média quanto ao acesso à Divindade.

De acordo com os princípios cristãos, o homem é formado por um corpo que se serve de uma alma, a qual, por sua vez, após a morte, retorna a Deus. Este conceito defendido por Santo Agostinho está também representado na oração feita pelo personagem de Rosvita (*Pafnucio*) na peça *Conversión de la meretriz Taide*, na hora da morte de sua sobrinha.

PAFNUCIO: Tú que fuiste hecho de la nada, que eres realmente forma sin matéria, Tú cuyo ser indivisible hizo tener consistencia, a partir de esto y de aquello, a la persona humana, que no es lo que es, permite que las diversas partes de la descomposición de la propia persona retornen prósperamente al principio de su origen, para que, por un lado, el alma, introducida en el Cielo, participe de los gozos celestes

y, por otro, el cuerpo sea pacíficamente abrigado en el tierno seno de la tierra, de su materia, hasta que, volviendo a reunirse la cenizas polvorientas y entrando de nuevo el soplo devida en los miembros redivivos, esta misma Taíde resurja perfecta como fue, como persona, y como quien ha de ser colocada entre las blanquecinas ovejas e introducida en el gozo de la eternidad. Tú, que eres el único que eres el que es, en la unidad de la Trindad, pues Tú reinas y eres glorificado por los infinitos siglos de los siglos (ROSVITA, 2003, p. 108).

Nesta mesma peça, de acordo com os fundamentos platônicos de Santo Agostinho, Pafnucio, em acordo com os mesmos princípios, explica que a alma, ao contrário do corpo, é imortal.

PAFNUCIO: El cuerpo y el alma: porque, aunque aquéllos sean contrarios, sin embargo, son todos materiales; el alma, en cambio, no es mortal como el cuerpo, y tampoco el cuerpo es espiritual como el alma (ROSVITA, 2003, p.92).

Nesta atitude, está implícita a idéia de que fazia parte da educação cristã seguir Jesus, aceitar a sua doutrina e imitar o seu exemplo. O cultivo da espiritualidade incentiva as monjas e monges a participarem da mesma vida de Deus. Por esta razão, em todos os momentos de tortura a que os personagens de Rosvita são submetidos, eles invocavam, em preces, Deus.

SAB.: Abraçada à cabeça de minha filha morta, e, repetidas vezes beijando-lhe os lábios, agradeço-te, Cristo por concederes o triunfo a uma criança tão pequena. [...] (ROSVITA, 1986, p.58)
SAB.:Invoco ao Criador que não deixe de dar a Esperança às mesmas forças que deu a Fé.[...] (Ibid.p.60)
SAB.:Rezo muito para que sejas consolidada na fé até o fim; estou certa de que também a ti será outorgada a eterna alegria.[...](Ibid.p. 62)
SAB.: Adeus, ó dulcíssima filhinha, e quando estiveres com Cristo no Céu, lembra-te da mamãe, já exaurida por te gerar para a Vida [...] (Ibid.p.65).

Essa passagem mostra claramente as características do pensamento cristão. A fé era o grande referencial educativo e marca o panorama religioso da Idade Média. São os ensinamentos cristãos que prevalecem e isto aparece claramente em suas peças.

4.8 - POBREZA E CARIDADE: VALORES CULTIVADOS PELOS CRISTÃOS

Outro elemento discutido por Rosvita com relação aos ensinamentos cristãos é sobre o lugar que o homem ocupa no seio da sociedade. Na peça *Martírio das santas virgens Fé, Esperança e Caridade*, a mãe Sabedoria, ao ser questionada sobre sua origem, revela que foi filha de gregos, mas que não atribui importância à nobreza do seu sangue. Perante os cristãos, esses valores não têm significado. “SAB: Embora a altivez do sangue seja entre nós de pouca importância, no entanto, não nego ter uma origem ilustre” (ROSVITA, 1986, p. 49).

Na peça *Dulcício*, o Imperador *Diocleciano*, ao se dirigir às jovens Ágape, Quiônia e Irene, destaca a importância desses valores, mas elas manifestam que a linhagem, a inteligência e a beleza são qualidades desvalorizadas pelos cristãos.

DIOCLECIANO: A nobreza de tua família, a distinção de tua estirpe e o fulgor de tua beleza impõem que tu te cases com um dos principais de minha corte. E isto se fará, de acordo com minhas ordens, se negares a Cristo e ofereceres sacrifício a nossos deuses.

ÁGAPE: Não te preocupes nem te incomodes em preparar nossas bodas, pois não podemos ser coagidas a negar a Cristo nem a abdicar de nossa virgindade (ROSVITA, 1998, p.171).

Este tema também é discutido por Rosvita no poema *Paixão do Santo Pelágio*. Em Córdoba, em troca de altos cargos, terra e ouro, muitos jovens trocavam de religião e prestavam serviços ao rei Abd-al-Rhaman. O jovem Pelágio não cedeu às promessas do rei, que prometia riqueza e poder, porque, como cristão, não valorizava as riquezas. Dizia-lhe o rei:

[...] Eu tenho grande apreço por ti, e desejo que te venerem
Mais que todos os ministros do palácio, com grande admiração
Que eu te igualarei a mim no mesmo nível de poder [...] ²¹

Pelágio respondia:

[...] Mas a testemunha do Cristo se esquivou com esperteza
Brandindo de repente o soco, visando a figura do rei

²¹ [...] J'ai grand souci de toi, et veux qu'on te vénère
Plus que tous les ministres du palais, avec si grand éclat
Que je t'égalerais à moi dans mon pouvoir altier [...]

E em pleno rosto lhe acerta um golpe violento
Que o sangue jorrou imediatamente do ferimento,
Sujando sua barba e molhando sua vestimenta [...]
(HROTSVITA, 2000, p. 103)²².

Viver de forma simples, sem ostentação e opulência, era um valor moral regido pela doutrina religiosa cristã. As riquezas deviam ser repartidas e distribuídas entre os mais necessitados. Neste sentido, reforçava-se a caridade, um dos princípios defendidos pelo Apóstolo Paulo quando ensinava que os cristãos deviam seguir o modelo de vida de Cristo na terra. Nas passagens abaixo, Rosvita recomenda esta atitude por meio do diálogo entre Efren e Abraham, quando este descreve como e quem era sua sobrinha María.

[...] EFREM: Dónde vive?
ABRAHAM: En mi cabaña: Pues a petición de sus parientes la recogí para alimentarla, pero decidí que sus riquezas fuesen distribuidas entre los pobres.
EFREM: El desprecio de los bienes temporales permite al alma alcanzar el Cielo [...] (ROSVITA, 2003, p. 78).

Maria se arrepende e desfaz-se de tudo que adquiriu com atos pecaminosos.

[...] MARÍA: Poseo un pouquitín de oro y vestidos; aguardo lo que decida tu autoridad sobre todo eso.
ABRAHAM: Los que has adquirido mediante el pecado debe ser abandonado junto con los propios pecados.
MARÍA: Estaba pensando en repartirlo todo entre los pobres o en que sea ofrecido a los sagrados altares.
ABRAHAM: No parece que sea demasiado aceptable dar a Dios el dinero que se adquiere por medio de delitos [...] (ROSVITA, 2003, p. 88).

O mesmo ensinamento aparece no diálogo entre Pafnucio e Taide, quando ela põe fogo em todas as riquezas que conseguiu conspurcando-se no pecado.

²² [...] Mais le témoin du Christ déjoua sa fourberie,
Brandit soudain le poing, visa le roi à la figure,
Et en plein visage lui porta un coup si violent
Que le sang jaillit aussitôt de la blessure,
Souillant sa barbe et mouillant ses vêtements [...] (HROTSVITA, 2000, p. 103).

TAIDE: Dame un pouquitín de tiempo, para que reúna las riquezas que, adquiridas de mala manera, he ido conservando durante tanto tiempo.

PAFNUCIO: No te esfuerces en buscarlas. No faltará gente que, encontrándolas, se aproveche de ellas.

TAIDE: No me esforzaré en querer conservarlas para mí o en dárselas a los amigos; antes bien, ni siquiera intentaré distribuir las entre los mendigos, porque no creo que el precio de tal sacrificio sea bueno para emplearlo en obras de caridad.

PAFNUCIO: Discurre con rectitud. Y qué piensas hacer con todo lo que has reunido?

TAIDE: Arrojarlo al fuego y reducirlo a cenizas.

PAFNUCIO: Por qué?

TAIDE: Para que no permanezcan en este mundo las cosas que he adquirido de mala manera y no sin perjuicio para el Creador Del Mundo (ROSVITA, 2003, p. 99).

Rosvita retoma estes procedimentos emuladores da fé, revitalizando, com ênfase, a idéia de humildade e caridade, princípios utilizados por antigas autoridades do cristianismo para instituir e defender uma disciplina em favor da obediência e da submissão, concepção dogmática que determinava o conceito de bondade na Idade Média.

Quando a canonisa escreve estas passagens, antecipa-se ao movimento de reforma monástica desencadeado em Cluny. Os mosteiros eram domínios importantes e imponentes, os abades e bispos vinculados ao sistema feudal possuíam poder econômico e político.

As ordens monásticas, cujos abades possuíam enormes riquezas e legiões de subordinados a sua disposição, e de cujas fileiras saíam os mais poderosos papas, os mais influentes conselheiros e os mais perigosos rivais dos imperadores, mantinham-se tão soberbamente distantes das massas quanto os senhores seculares (HAUSER, 2000, p.178).

É, portanto, compreensível que a canonisa expresse idéias contra os privilégios que os monges recebiam. Com o enriquecimento, eles estavam perdendo os valores pregados pelo discurso cristão quanto ao desprendimento dos bens materiais. Era necessário, portanto, reativar nos monges e monjas dos mosteiros esses pressupostos defendidos pelo cristianismo.

4.9 - OS ELEMENTOS DA NATUREZA

Durante o martírio, as jovens, Fé, Esperança e Caridade, foram submetidas à tortura e a inúmeros castigos e resistiram a todos. Nenhum elemento da natureza como a água, o ar e o fogo eram capazes de pôr fim à sua vida; apenas a espada poderia levá-las à morte. A Natureza tinha sido criada por Deus e estes três elementos, que deram vida ao homem, como criação Divina não lhe deviam fazer mal nenhum. Rosvita expõe, nas seguintes cenas, os momentos do sacrifício de cada uma, os quais eram assistidos pela mãe. Eis com que elementos da natureza ela encena o martírio da Fé:

ADR. : Que seja posta na grelha, sobre o fogo. Que morra pela força das chamas. [...]

FÉ.: Tudo que preparas para atormentar, torna-se para mim sereno repouso, por isso tranqüilamente vou para a caldeira como se fosse uma plácida barquinha.[...]

ADR.: Que se ponha sobre o fogo um tacho cheio de iche e cera ardentes, e nesse líquido fervente lançai a rebelde.[...]

FÉ.: Onde estão tuas ameaças? Eis que ilesa brinco nadando no meio deste líquido fervente e, em lugar de calor escaldante sinto como que um refrescante orvalho da manhã.[...]

ADR.: Seja lhe cortada a cabeça. [...]

FÉ.: Agora sim me alegre, agora em Deus exulto [...] (ROSVITA, 1986, p. 57-58).

Os mesmos elementos da natureza são usados durante o martírio da Esperança:

ADR.: Que seja dilacerada com ganchos e suspendei-a no ar até que lhe jorrem as vísceras e com os ossos expostos desfaleça e seus membros se rachem.[...]

ESP.: Não ocorrerá como esperas, mas haverá desconcerto para ti e para teu Imperador.[...]

ADR.: Que é este doce aroma? Que magnífica suavidade é esta que sinto?

ESP.: Os golpes que em balde caíram no meu dilacerado corpo produzem este aroma de fragrância paradisíaca, com quem, embora sem querer, és obrigado a confessar que não posso ser prejudicada pelos tormentos.[...]

ADR.: Jogai-a amarrada num vaso de cobre cheio de óleo, gordura, cera e breu e ponde-o sobre o fogo.[...]

ESP.: Este poder em Cristo não é incomum: que o fogo transforme sua natureza e se torne suave.[...]

ANT.: O calor da ebulição quebrou o vaso e queimou os nossos servidores, enquanto aquela menina ficou ilesa.[...]

ESP.: De bom grado recebo a espada. Tu, Cristo, recebe esta alma que por confessar o teu nome é arrancada à sua habitação corporal (ROSVITA, 1986, p. 60-62).

E também durante o martírio da Caridade:

ADR.: Toma-a, ó Antíoco, e faz com que, pendurada no cavalete, seja atrozmente chicoteada.[...]

ADR.: Se não adiantar, manda que continuamente por três dias e três noites se acenda o forno e lança-a entre as chamas furiosas.[...]

CAR.: Ó juiz impotente, que temes enfrentar uma criança de 8 anos sem a arma do fogo.

CAR.: Tuas torturas certamente estão bem preparadas, mas não me causarão mal, pois nem os chicotes podem rasgar meu corpo nem as chamas queimar meus membros ou vestes. [...]

ANT.: Aquela gozadora daquela menina, que me entregaste para que fosse atormentada, foi chicoteada na minha presença, mas sua fina pele nem sequer de leve se cortou. Depois a lancei na fornalha, que estava já da cor do fogo, por causa do extremo calor.[...]

ANT.: A chama transbordou violentamente e queimou 5.000 homens.[...]

ANT.: Andava brincando entre os vapores que vomitavam chamas e cantava louvores a seu Deus. E mais: quem olhasse atentamente, veria três jovens radiosos de claridade que a acompanhavam.[...]

ANT.: Só nos resta matá-la à espada. (ROSVITA, 1986, p. 63-65)

No poema *Paixão do Santo Pelágio*, ela demonstra novamente que os cristãos, durante o martírio, só se entregavam à morte após serem executados com a espada, ou seja, com algum instrumento criado pelas mãos dos homens. O corpo de Santo Pelágio, depois de arremessado sobre as rochas por uma catapulta no rio, não sofreu nenhum ferimento. Então, o rei pagão ordenou aos seus súditos que lhe cortassem a cabeça com uma espada e que abandonassem seus restos no rio. Quando seu corpo, separado da cabeça, foi encontrado pelos pescadores, estes já sabiam que se tratava de um cristão. No poema, Rosvita assinala o seguinte:

Pois os pescadores abrindo, o rio com seus remos
E capturando nos seus delgados bancos de areia a gente
aquática,
Viviam, no ângulo extremo da costa,
Os restos do mártir, oscilando nas ondas revoltas
Eles o tinham visto de longe, com seus olhos atentos:
Eles deram a volta e recolheram o corpo
Sem reconhecer nele o venerado mártir,
Pois ele estava coberto da púrpura do sangue,
E sua preciosa cabeça boiava muito mais longe.
Mas eles sabem no entanto e ressentem em seu coração.
Que este homem, qual ele seja, tombou por Cristo,

Porque apenas eram sacrificado desta forma
Os homens purificados pela água santa do batismo
Os quais, sem medo, provocavam os ídolos do rei (HROTSVITA,
2000, p.105)²³.

Esses elementos da natureza, usados como recursos estéticos na peça, indicam a possibilidade de Rosvita conhecer as discussões dos Pré-socráticos. Estes filósofos buscavam uma resposta para o ato da criação e acreditavam que estas explicações estavam nas coisas materiais, físicas: a água, o ar, o fogo. Considerando que estes elementos da natureza estavam presentes na criação e foram a matéria prima que constituiu o cosmo, como poderiam afinal destruir o homem?

4.10 - O CÔMICO EM SUAS PEÇAS

Rosvita faz uma associação, que parece não ser usual na Idade Média, entre as idéias de caridade e humildade e cenas cômicas. No entanto, autores como Lauand e López afirmam que o humor e a comédia aparecem com freqüência na prosa e na poesia deste período. Segundo Robert Curtius “[...] a entrada de elementos cômicos na prosa e na poesia foi facilitada pelo fato de, já no começo da época imperial de Roma, estarem extintas a comédia grega e a romana (CURTIUS, 1996, p. 509). Ainda de acordo com este autor, desaparecendo a cena dramática, o riso invadiu outros gêneros que se conservaram até o fim da Antigüidade e mesmo depois, apesar dos inúmeros ataques dos filósofos e da Igreja.

Considerando que o riso é algo que está associado à necessidade humana, este tema continuou presente nos diferentes gêneros literários que se desenvolveram no meio eclesiástico da Idade Média. Temas referentes ao culto dos mártires e à vida

²³ Car des pêcheurs, fendant , le fleuve de leurs rames
Et capturant dans leurs filets les bancs de la gent aquatique,
Virent, dans un coin extrême du rivage,
Les restes du martyr, que ballottaient les ondes rugissantes.
Ils l'avaient vu de loin, de leurs yeux attentifs:
Ils donnèrent de la voiele et recueillirent le corps
Sans reconnaître en lui le vénéré martyr,
Car il était couvert de la pourpre du sang,
Et sa precieuse tête gisait beacoup plus loin.
Mais ils savent pourtant, et ressentent en leur coeur,
Que cet homme, quel qu'il soit, est tombé pour le Christ,
Car seuls etaient passibles de la peine de mort
Les hommes purifiés par l'eau sainte du baptême
Qui sans peur harcelaient les idoles du roi (HROTSVITA, 2000, p.105).

dos santos tornaram-se gêneros literários da Igreja. De acordo com Curtius, exemplos de humor grotesco na poesia sacra aparecem especialmente nas poesias martirológicas de Prudêncio (cerca do ano 400), mas quando o martírio deixou de ser coisa presente. “O culto dos mártires alcança, então, plena florescência e produz um sem-número de narrativas da paixão, sempre marcadas por um caráter convencional e legendário [...]” (CURTIUS, 1996, p.519). As narrativas sobre os martírios foram completadas com a vida dos santos: “como na *passio* (paixão), encontra-se também o cômico nas hagiografias” (Ibid.p.521).

Esta característica foi acolhida posteriormente por Rosvita. Ao escrever narrativas hagiográficas soube inserir o humor como prática educativa para atrair e informar o seu público. No enredo da peça *Dulcício*, existem cenas grotescas do governador Dulcício com as panelas. Ele aproximou-se do local onde as moças estavam encarceradas e sentiu um forte desejo de abraçá-las. Contudo, ao entrar na cozinha, ele enlouqueceu e começou a beijar e a abraçar panelas e caldeirões, pensando que fossem as moças e ficou com o rosto e as vestes todas manchadas de negrume.

DULCÍCIO: Que é que estão fazendo nossas prisioneiras a esta hora da noite?

SOLDADOS: Entoam hinos, senhor.

DULCÍCIO: Vamos dar uma olhada lá.

SOLDADOS: Ouvimos muito bem suas vozes de longe.

DULCÍCIO: Ficai aqui com tochas. Eu vou entrar e satisfazer meu desejo de afagá-las.

SOLDADOS: Esperaremos aqui, senhor.

ÁGAPE: Que barulho é este lá fora?

IRENE: É aquele desgraçado do Dulcício que está entrando.

QUIÔNIA: Que Deus nos proteja!

ÁGAPE: Amém.

QUIÔNIA: O que é este barulho de panelas, frigideiras e caldeirões?

IRENE: Eu vou verificar. Venham, venham, olhem aqui pelas frestas.

ÁGAPE: O quê?

IRENE: Há, há! Vejam, o idiota enlouqueceu e está abraçando as panelas, pensando que somos nós!

ÁGAPE: O que ele está fazendo?

IRENE: Agora ele abraça e acaricia caldeirões e frigideiras e dá doces beijos nas panelas.

QUIÔNIA: Ridículo!

IRENE: Ele ficou com a cara, a mão e a roupa tão completamente sujas, tão imundas, que o negrume parece ser-lhe inerente: mais parece um etíope.

ÁGAPE: É um corpo assim combina com a mente, possuída pelo diabo, que ele tem.

IRENE: Ei, vejam! Ele está saindo. Vamos ver como é que os soldados, lá fora, vão recebe-lo, estando ele desse jeito.

SOLDADOS: Ei, quem é que está saindo? É um demônio. Não, é o diabo em pessoa. Fugamos!

DULCÍCIO: Soldados, por que fugis? Voltai. Conduzi-me com as tochas até meus aposentos.

SOLDADOS: Essa voz é a do nosso senhor, mas o aspecto é do diabo. É melhor fugir antes que o mau espírito nos pegue!

DULCÍCIO: Vou para o palácio dar queixa à corte dos insultos que recebi (ROSVITA, 1998, p.176-179).

Nas soluções de suas tramas, ela ridiculariza os personagens masculinos, apresentando-os sempre como pessoas grotescas, demoníacas e malvadas. Curtius diz que isto não é algo novo e original; a ridicularização pode ser encontrada em qualquer literatura hagiográfica medieval. Segundo ele, “Esses exemplos são típicos. Os pagãos, os demônios e os homens maus podem comportar-se como quiserem: são os tolos e serão afugentados, desmascarados e reduzidos *ad absurdum* pelos santos” (CURTIUS, 1996, p. 522). Em Rosvita, os santos que vencem os maus são quase sempre mulheres.

Podemos dizer que os escritos de Rosvita têm função educativa, porque encontramos nas suas obras os traços principais da educação cristã medieval. No entanto, é necessário ressaltar que ela foi além das discussões teológicas; mesclou elementos bíblicos com temas profanos e populares da vida do homem e ensinou, por meio dos dramas, que a mulher era um elemento chave para a organização e sistematização da sociedade. Às meninas que eram educadas nos mosteiros cabia o papel de ensinar os homens, uma vez que seriam mães e esposas nos castelos feudais.

Assim, um dos meios de ensino de Rosvita foi o teatro, em cujas cenas ela colocou vários elementos educativos. Indubitavelmente, a essência de sua proposta era a valorização dos princípios cristãos; no entanto, concomitantemente à religião, ela ensinou matemática, música, astronomia. Destacou o valor da virgindade consagrada, a fé, a humildade, a obediência e a caridade, virtudes consideradas fundamentais para o exercício pedagógico do cristianismo no seu tempo. Em síntese, por meio da educação das mulheres de seu mosteiro, ela estabeleceu caminhos para os homens de sua época.

CONCLUSÃO

Neste trabalho, com base nas peças teatrais escritas pela canonisa Rosvita de Gandersheim, procuramos analisar alguns aspectos da educação no Ocidente Medieval durante o século X. Ao conhecermos detalhes da obra e da vida de Rosvita, percebemos o valor pedagógico de seus escritos na sociedade em que ela viveu.

Segundo os autores analisados, ela retomou a composição teatral, após séculos em que essa arte permaneceu desaparecida no Ocidente, e assim, de forma lúdica, encontrou um meio para transmitir o conhecimento nas escolas monásticas. Sempre com o objetivo de ensinar, suas composições estavam voltadas para a educação das monjas e das mulheres que freqüentavam os mosteiros.

Como demonstramos no decorrer do trabalho, estes locais foram centros de saber destinados ao ensino. Com a finalidade de ajudar na formação humana e moral da população, foi necessário que os educadores da Idade Média, entre eles Rosvita, desenvolvessem estratégias para manter o ouvinte atento, e fizeram uso de diversos recursos entre eles a poesia, rimas e acrósticos, adaptando seu conteúdo por temas religiosos.

Naquela época, era comum que o conhecimento fosse transmitido por meio de discursos e sermões. Esses instrumentos, utilizados para reforçar os valores morais e religiosos, atraíam os ouvintes e, durante as pregações, a atenção era essencial, a memória era muito valorizada, então foi preciso encontrar recursos e desenvolver formas de ensino que facilitassem a memorização.

Com base na análise exposta nos três capítulos deste trabalho, podemos afirmar que Rosvita, na sua tarefa educadora, compôs dramas teatrais de alto valor educacional e, como seus contemporâneos, também fez uso da memória e da atenção.

Para cumprir sua função pedagógica, abordou temas importantes do pensamento do homem medieval. Ao abordar assuntos, como a celebração do martírio, a defesa da virgindade, a beleza feminina, a aritmética e a música, o conteúdo teológico, os ideais religiosos defendidos pelos cristãos, os elementos da natureza, o riso, ela tinha como objetivo contribuir, em diversos sentidos, para a formação educativa das mulheres de sua época.

O estudo das peças teatrais e das poesias produzidas pela canonisa permitiu uma melhor compreensão do período histórico, dos hábitos, das atitudes e dos costumes da época em que viveram os homens no século X e também do pensamento do homem medieval. Além disso, a investigação histórica colocou-nos em contato com o conhecimento da humanidade mais antiga, ou seja, com os tesouros produzidos na Antigüidade, e tornou possível rever nosso presente por meio de fatos cronologicamente distantes de nós, pois é o período que melhor nos permite entender que o encontro com o passado enriquece nossa existência porque, de certa forma, falamos de nós mesmos.

Nesse mesmo sentido, Rosvita, como estudiosa, dedicou-se à difícil tarefa de transmitir para a sua época os conhecimentos e as informações que extraiu dos documentos encontrados no mosteiro onde viveu. Por meio deles, ela refletiu sobre sua época, quando a sociedade estava cada vez mais voltada para costumes e hábitos rudes, onde imperavam a força, a violência e a falta de regras.

Como vimos, o início do sistema feudal, no século IX e princípio do século X, foi marcado pelas invasões bárbaras e pelos momentos de crise a elas relacionados. Invasores chegavam de todos os lados, para pilhar. Este quadro de insegurança e fragilidade provocou um recuo, um atraso cultural e intelectual, parecido com as invasões do século IV e V quando da queda do mundo romano.

Com efeito, as invasões do século IX deixaram marcas de destruição. No entanto, no final do século X, um progresso é nitidamente perceptível, principalmente porque uma relativa paz se estabeleceu. Com o fim das invasões e o estabelecimento do regime feudal, criam-se laços mais estreitos entre os membros ocupantes do castelo feudal. Este regime permite a formação de agrupamentos familiares no interior dos feudos, nos quais as mulheres passam a ocupar um espaço diferente. Enquanto os homens vão para a guerra, elas têm a responsabilidade de cuidar da educação dos filhos e de administrar os feudos. Desta forma, o ensino nas escolas monásticas, que as mulheres nobres freqüentam, precisa estar de acordo com essa realidade.

Por isso, foi importante a pesquisa que realizamos sobre o papel dos mosteiros. Conforme demonstramos, o modelo monástico favoreceu o desenvolvimento cultural. Não era um local destinado apenas as preces, neste refúgio podia-se encontrar proteção contra os invasores além de garantir segurança para os livros e o saber.

Ou seja, os mosteiros apresentavam-se como instituições que podiam diminuir os efeitos das invasões, afastando o perigo do desaparecimento da cultura greco-romana, dos princípios adotados pela doutrina cristã e dos conhecimentos da música e da aritmética. É nesse sentido que as peças e a poesia de Rosvita se tornaram, no campo da educação medieval, um importante instrumento de formação para as mulheres que freqüentavam os mosteiros.

Rosvita, na sua condição de educadora, tomou como tarefa transmitir alguns rudimentos do pensamento de grandes autoridades, como os padres da Igreja, mestres da filosofia escolástica, especialmente Boécio e Alcuíno. Podemos concluir, assim, que Rosvita, como uma grande mestra do seu tempo, soube, com uma pedagogia de caráter acentuadamente popular, não só preservar a cultura antiga, mas também produzir uma nova forma de conhecimento.

Cabe observar ainda que, em nosso século, vivemos um efeito semelhante ao que Rosvita vivenciou no século X e semelhante também ao que ocorreu com a invasão dos povos vindos do norte que se instalaram no Império Romano durante os séculos V e VI. E, parafraseando o Prof. Jean Lauand, devemos reconhecer que os problemas educacionais que vivemos no Brasil contemporâneo não é muito diferente. Partindo desse pressuposto, acreditamos que é tarefa do educador estimular essa prática educativa, na educação das crianças e dos jovens. É nesse sentido que Rosvita, no seu tempo, retomou autoridades religiosas e greco-romanas da Antigüidade clássica.

Assim no decorrer da pesquisa, houve a necessidade de analisarmos o que era ensinado pelos primeiros pensadores cristãos e pagãos, pois isso permitiria entender melhor a proposta de Rosvita. A compressão de como se deu o florescimento e o triunfo do cristianismo ajudou-nos a compreender porque Rosvita, no século X, retomou esses pensadores em seus textos e porque, em nossa época, também é necessário retomarmos autores do passado.

Enfim, queremos ressaltar que Rosvita, durante o século em que viveu, preocupou-se com a educação e, com essa preocupação, dedicou-se à arte de escrever poesia e teatro. Representou, assim, os sentimentos de alegria, medo, curiosidade e coragem que caracterizavam a sociedade medieval do seu tempo.

REFERÊNCIAS

FONTES PRIMÁRIAS

BÍBLIA SAGRADA. São Paulo: Paulus, 1991.

BOÉCIO. *Consolação da Filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

EPICURO. *Carta sobre a Felicidade*. São Paulo: UNESP, 1996.

EUSÉBIO DE CESARÉIA. *História Eclesiástica*. São Paulo: Paulus, 2000.

HROTSVITA, G. Les commencements de l'abbaye de Gandersheim. In: GOULLET, M. (Trad.) *Euvres poétiques*. France: Éditions Jérôme Millon: 2000, p.205-227.

HROTSVITA, G. Passion de Saint Pélage. In: GOULLET, M.(Trad.). *Euvres poétiques*. France: Éditions Jérôme Millon: 2000, p.95-108.

PLATÃO. *A República*. São Paulo: Atena Editora, 1956, Vol. XXXVIII, Cap. IV e VIII.

REGRA DE SÃO BENTO. Petrópolis: Vozes, 1993.

ROSVITA, G. Caída y conversión de María, sobrina del eremita Abraham . In: LÓPEZ, A.J.P. *Dramas Rosvita de Gandersheim*. Madrid: Ediciones Akal, S.A., 2003, p. 77-90.

ROSVITA, G. Conversión de Galicano, general de los ejércitos. In: LÓPEZ, A.J.P. *Dramas Rosvita de Gandersheim*. Madrid: Ediciones Akal, S.A., 2003, p. 59-76.

ROSVITA, G. Conversión de la meretriz Taide. In: LÓPEZ, A.J.P. *Dramas Rosvita de Gandersheim*. Madrid: Ediciones Akal, S.A., 2003, p. 91- 108.

ROSVITA, G. Dulcício In: LAUAND, L.J.(Org.). *Cultura e Educação na Idade Média*. São Paulo: Martins Fontes, 1998, p.169-190.

ROSVITA, G. Epístola de la misma e algunos sabios defensores de este libro. In: LÓPEZ, A.J.P. *Dramas Rosvita de Gandersheim*. Madrid: Ediciones Akal, S.A., 2003, p. 57-58.

ROSVITA, G. Prefacio. In: LÓPEZ, A.J.P. *Dramas Rosvita de Gandersheim*. Madrid: Ediciones Akal, S.A., 2003, p. 55-56.

ROSVITA, G. Resurrección de Drusiana y Calímaco. In: LÓPEZ, A.J.P. *Dramas Rosvita de Gandersheim*. Madrid: Ediciones Akal, S.A., 2003, p. 135-146.

ROSVITA, G. *Résurrection de Drusiane et de Calimaque*. Trad. Bernard Pautrat. Paris: Éditions Payot & Rivages, 2002.

ROSVITA, G. Sabedoria. In: LAUAND, L.J.(Org.). *Educação, Teatro e Matemática Medievais*. São Paulo: Perspectiva/ Editora da Universidade de São Paulo, 1986, p.45-68.

SANTO AGOSTINHO. *A Cidade de Deus*. Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2003.

SANTO AGOSTINHO. *Confissões*. São Paulo: Nova Cultural Ltda, 1996.

SANTO AGOSTINHO. *De Magistro*. São Paulo: Nova Cultural Ltda, 1987.

SÃO JOÃO EVANGELISTA. *Evangelhos Apócrifos*. Porto Alegre: EDIPUCRS, p. 221-239, 2004.

SÊNECA. *Sobre a tranqüilidade da alma sobre o ócio*. São Paulo: Nova Alexandria, 1998

TERTULIANO. *Acerca Del Alma*. Madrid: Ediciones Akal, S. A., p. 39-176, 2001.

TERTULIANO. *Apologia*. Disponível em <http://www.tertullian.org/brazilian/apologia.html>. Acesso em 15 fev. 2005.

BIBLIOGRAFIA

ALFRED, S., BERTHOLD, A. *Vida obras e doutrina dos Padres da Igreja*. São Paulo: Edições Paulinas, 1972.

BLOCH, M. *A sociedade Feudal*. Lisboa: Edições 70, 1987.

BOEHNER, P., GILSON, E. *História da Filosofia Cristã*. Petrópolis: Vozes, 1988.

BROWN, P. *O fim do mundo clássico*. Lisboa: Editorial Verbo, 1972.

CAMBI F. *História da Pedagogia*. São Paulo: Editora UNESP, 1999.

CARDOSO, Z. A. *A literatura latina*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

CURTIUS, E. R. *Literatura Européia e Idade Média Latina*. São Paulo: Editora Hucitec; Editora da Universidade de São Paulo, 1986.

DUBY, G. *As três ordens ou o imaginário do Feudalismo*. Lisboa: Editorial Estampa, 1982.

DUBY, G. *Guerreiros e Camponeses. Os primórdios do crescimento europeu do século VII ao século XII*. Lisboa: Editorial Estampa, 1980.

GILSON, E. Do desenvolvimento carolíngio ao séc. X. In: *A Filosofia na Idade Média*. São Paulo: Martins Fontes, 1995. p. 214 – 279.

- GILSON, E. Os Padres Latinos e a Filosofia. In: *A Filosofia na Idade Média*. São Paulo: Martins Fontes, 1998. p. 105 – 203
- GOULLET, M. (Trad.) *Hrotsvita de Gandersheim Euvres poétiques*. France: Éditions Jérôme, 3 place Vaucanson F 3800 Grenoble, 2000.
- GUIZOT, F. *História da Civilização na Europa*. Lisboa: Livraria editora e Oficinas Typograficas e de Encadernção, 1907.
- HAUSER, A. *História Social da Arte e da Literatura*.. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- LAUAND, L. J. (org.). *Cultura e Educação na Idade Média*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- LAUAND, L. J. (org.). *Educação, teatro e matemática medievais*. São Paulo: Perspectiva/Editora da Universidade de São Paulo. 1986.
- LE GOFF, J. *A civilização do Ocidente Medieval*. São Paulo: Edusc, 2005.
- LE GOFF, J. *Para um novo conceito de Idade Média*. Lisboa: Editorial Estampa, 1980.
- LIÉBAERT, J. *Os Padres da Igreja*. São Paulo: Edições Loyola, 2000.
- LÓPEZ, A. *Mulheres em busca de la palabra, desde Roma a nuestro mundo*. Florentia Iliberritana 10, 1999, pp. 163-186.
- LÓPEZ, A.J.P. *Dramas Rosvita de Gandersheim*. Madrid: Ediciones Akal, S.A., p. 7-48, 2003.
- MORIN, E. *Os Sete Saberes necessários à Educação do Futuro*. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2002.
- MORESCHINI, C. *História da Literatura Cristã Antiga Grega e Latina*. São Paulo: Edições Loyola, 1996.
- NUNES, R.A.C. *História da Educação na Antiguidade Cristã*. São Paulo: Edusp, 1978, p.151-227.
- OLIVEIRA, T. Considerações sobre o caráter histórico da escolástica. In. *Luzes sobre a Idade Média*. Maringá: Eduem, 2002, p. 47-64.
- OLIVEIRA, T. *Escolástica*. São Paulo: Editora Mandruvá, 2005.
- OLIVEIRA, T., MENDES, C. *O estado da Sociedade Religiosa no Século V (François Guizot)*. Apontamentos/UEM. Maringá: EDUEM 1999.
- PARATORE, E. *História da Literatura Latina*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1983.

- PASALODOS, J. X. R. *Tertuliano Acerca Del Alma*. Madrid: Akal, p. 7-33, 2001.
- PAUTRAT, B. *Rosvita Résurrection de Drusiane et de Calimaque*. Paris: Éditions Payot & Rivages, p. 7-25, 2002.
- PEREIRA MELO J.J. A educação em Santo Agostinho. In: OLIVEIRA, T. (Org.) *Luzes sobre a Idade Média*. Maringá: Eduem, 2002 p. 65-77
- PEREIRA MELO J.J. Sêneca e a formação do sábio. In: *Anais completos, III Jornada de Estudos Antigos e Medievais*. Maringá: UEM, 2003 p. 243- 250
- PERNOUD, R. *A mulher nos tempos das cruzadas*. Campinas: Papirus, 1993.
- REALE, G. *História da Filosofia Antiga III. Os sistemas da Era Helenística*. São Paulo: Edições Loyola, 1994, Vol. IV, p. 5-17.
- SOUZA. A.S. *Manual de história da literatura latina*. Belém: Serviço de Imprensa Universitária, 1977.
- THIERRY, A. Augustin Thierry. In: OLIVEIRA, T., MENDES, C.M.M. *Formação do Terceiro Estado as comunas*. Maringá: Editora da Universidade de Maringá, 2005, p. 51-103.
- ZILLES, U. *Evangelhos Apócrifos*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.